



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

ISRAËL SEWANOU HOUNSOU

**ANÁLISE DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL SUL-SUL NA UFPA NO
CONTEXTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

UFPA
BELEM
2026

ISRAËL SEWANOU HOUNSOU

**ANÁLISE DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL SUL-SUL NA UFPA NO
CONTEXTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Pará (UFPA) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de Pesquisa: Políticas Públicas e Educacionais

Orientador: Prof. Dr. Gilmar Pereira da Silva.

**UFPA
BELÉM - PARÁ
2026**

NOTA DE CATALOGAÇÃO

ISRAËL SÊWANOU HOUNSOU

**ANÁLISE DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL SUL-SUL NA UFPA NO
CONTEXTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Pará (UFPA) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de Pesquisa: Políticas Públicas e Educacionais

Orientador: Prof. Dr. Gilmar Pereira da Silva.

Data de avaliação: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilmar Pereira da Silva – Orientador
Universidade Federal do Pará – (UFPA)

Prof^a. Dr^a Emilie Doutreloux
Universidade de Laval

Prof. Dr. João Batista de Carmo Silva
Universidade Federal do Pará -PPGEDUC

Prof. Dr. Waldir Abreu
Universidade Federal do Pará - PPGED

Prof. Dr. André Rodrigues Guimarães
Universidade Federal do Pará – PPGED

Prof. Dr. Samuel Renier
Universidade de Tours

Prof. Dr. Doriedson Socorro Rodrigues
Universidade Federal do Pará - PPGEDUC

À você, caro leitor.

AGRADECIMENTOS

À Deus, toda honra e toda glória.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Gilmar Pereira da Silva, reitor da Universidade Federal do Pará, por ser esse exemplo como professor e como militante em defesa da classe trabalhadora, da educação e de uma universidade plural, inclusiva, gratuita e que atende os interiores. Seus ensinamentos valem ouro e batalharei em prol desse legado.

À minha coorientadora, Professora Dra. Emilie Doutreloux, Professora Adjunta da Faculdade das Ciências da Educação da Universidade Laval, que me acolheu como uma mãe quando estive na UlaVal para fazer o meu intercâmbio PDSE Capes. Foram momentos de ricos aprendizados e de uma vivência ímpar.

À minha Filha Fènou Sarah Kpedétin Deguenon Hounsou, o motivo da minha luta, minha luz, meu eterno amor, e a sua mãe Mahounakpon Ruth Deguenon, minha esposa, minha referência, meu equilíbrio. Essa família abençoada que Deus me deu.

À meu ídolo Mathias Hounsou, meu pai e guia, à meu anjo Eleonore Adelaide Soglohoun, minha mãe e mentora, à meus guerreiros irmãos Josaphat Mahugnon Hounsou, Gloria Sica Geriele Yedonou, Miriam Hounsou e Jospin Soglohoun e outros. A meus tios e tias, primos e primas e à minha avó, especialmente a Abdel-Kader Soglohoun e Raymond Parmenas Hounsou, por todas as orações e desejos.

À meus queridos professores e professoras que me guiaram até aqui. São muitos, do Canadá até o Brasil.

À toda comunidade estrangeira da UFPA, em especial aos beninenses (Ebenezer, Geraldine, Rufine, Mizammirou, Jule, Serge, Expedit, Sirience, Enock, Melriad, Benjamin, Placidia, Theodor, Fallon, Ricardo, Sakanatou, Elfy, Myriam, Camille, Feudrich, Moise, Raphael, Kevine, Forziath, Marie Jesus, Pascaline, Marius, Caroline e aos novatos da promoção 2023-2026), e dizer que de longe viemos e mais longe iremos.

Agradeço à Universidade Federal do Pará, por nos acolher e dar toda essa atenção. Como sempre digo, já tenho a UFPA tatuada nas minhas costas e, aonde for, serei a cria da maior instituição do Norte do Brasil. Gratidão imenso a todos(as) os(as) professores(as) que trilharam os meus caminhos, a vice-reitora Loiane Prado Verbicaro, que é uma pessoa incrível e líder que nos inspiram. A todos os pró-reitores, em nome da

professora Iracilda Sampaio, pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação que sempre estiveram a nosso lado para que os alunos intercambistas pudessem ser bem formados nas condições adequadas.

Estendo meus agradecimentos à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, por acreditar no meu projeto inicial e forneceu recursos necessários para a realização desta pesquisa.

A cada brasileira e brasileiro que nos permitiram a estadia, apesar das diferenças. Gratidão pelas partilhas e pelos ensinamentos.

A todos os meus colegas de curso do PPGED – 2022 e com que passei essa linda temporada de intercambio no Canada.

Aqui estamos na reta final de mais um desafio. Que venha mais!!!

Muito obrigado a todos(as)!!

As origens da dívida remontam às origens do colonialismo. Aqueles que nos emprestaram dinheiro são os mesmos que nos colonizaram. São os mesmos que geriam as nossas economias. Os colonizadores endividaram África através dos seus irmãos e primos que eram os credores. Não temos nenhuma ligação com essa dívida. Portanto, não podemos pagar por isso.

Eu não sou um messias nem um profeta. A minha única ambição é uma dupla aspiração: primeiro, poder falar numa linguagem simples, com palavras claras e inequívocas, em nome do meu povo, o povo do Burkina Faso; em segundo lugar, conseguir também ser a voz dos “grandes deserdados do mundo”, aqueles que pertencem ao mundo ironicamente batizado de Terceiro Mundo. E para declarar, embora não consiga fazê-los entender, os motivos da nossa revolta.

Queremos ser herdeiros de todas as revoluções do mundo, de todas as lutas de libertação dos povos do Terceiro Mundo.

Thomas Sankara em Harare no ano de 1986.

RESUMO

HOUNSOU, I.S. **ANÁLISE DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL SUL-SUL NA UFPA NO CONTEXTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR**. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciência da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2026.

A tese tem como título “ANÁLISE DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL SUL-SUL NA UFPA NO CONTEXTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR”, trata-se de um estudo vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), do Instituto de Ciência da Educação (ICED), da Universidade Federal do Pará (UFPA), na linha de pesquisa “Políticas Públicas e Educacionais” que visa a investigar análise da cooperação internacional sul-sul no contexto da internacionalização da educação superior, pegando como recorte a experiência da UFPA. Ela se configura como uma pesquisa documental, de abordagem quanti-qualitativa, a partir da análise de documentos locais, nacionais e internacionais (lei, normas, acordos). A abordagem teórico-metodológico é do materialismo histórico-dialético, tendo como categorias metodológicas a contradição, a totalidade, a medição e a práxis, com base em (Marx, 2008), (PAULO NETTO, 2011) e Frigotto (2008) além da utilização da etnografia institucional da feminista e socióloga canadense (Smith, 2005) que usado para fazer análises pontuais ligado a tese e a metodologia de análise conceitual de documentos de políticas educacionais (Shiroma; Evangelista, 2015). Os resultados indicam que a UFPA está comprometida com o reconhecimento e a integração dos conhecimentos tradicionais e indígenas em seus programas acadêmicos contribuindo assim para a descolonização do conhecimento e a promoção de perspectivas epistêmicas do Sul. Apesar de fluxo de mobilidade baixo e uma observação de mais discentes internacionais vindo do Sul e quase nada do Norte e ao mesmo tempo, muito pouco discente indo para o Sul e muitos para o Norte nos mostra a centralidade e a hegemonia do norte sobre as políticas internacionais. Ao mesmo tempo vimos que a UFPA está se empenhando fortemente para ter o protagonismo no desenvolvimento sustentável, na inovação e no compartilhamento de conhecimento devido ao protagonismo que ela tem na Amazônia junto com as populações tradicionais, quilombolas e indígenas. E pode ser um polo de cooperação internacional Sul-Sul mais inclusivo.

Palavras-chaves: Educação Superior. Cooperação Sul-Sul. Internacionalização das Políticas Educacionais. Cooperação Internacional.

ABSTRACT

HOUNSOU, I.S. **ANALYSIS OF SOUTH-SOUTH INTERNATIONAL COOPERATION AT UFPA IN THE CONTEXT OF THE INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION.** Thesis (Doctorate) – Institute of Education Science, Federal University of Pará, Belém, 2026.

The thesis is entitled “ANALYSIS OF SOUTH-SOUTH INTERNATIONAL COOPERATION AT UFPA IN THE CONTEXT OF THE INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION.” and is a study linked to the Graduate Program in Education (PPGED) of the Institute of Education Sciences (ICED) at the Federal University of Pará (UFPA), in the research area of “Public and Educational Policies,” which aims to investigate the analysis of South-South international cooperation in the context of the internationalization of higher education, using the experience of UFPA as a case study. It is a documentary study with a quantitative-qualitative approach, based on the analysis of local, national, and international documents (laws, regulations, agreements). The theoretical-methodological approach is historical-dialectical materialism, with the methodological categories of contradiction, totality, measurement, and praxis, based on (Marx, 2008), (PAULO NETTO, 2011) and Frigotto (2008), in addition to the use of institutional ethnography by the Canadian feminist and sociologist (Smith, 2005), which was used to perform specific analyses related to the thesis and the methodology of conceptual analysis of educational policy documents (Shiroma; Evangelista, 2015). The results indicate that UFPA is committed to recognizing and integrating traditional and indigenous knowledge into its academic programs, thereby contributing to the decolonization of knowledge and the promotion of epistemic perspectives from the South. Despite low mobility flows and an observation of more international students coming from the South and almost none from the North, and at the same time, very few students going to the South and many to the North, this shows us the centrality and hegemony of the North over international policies. At the same time, we have seen that UFPA is working hard to play a leading role in sustainable development, innovation, and knowledge sharing due to the leading role it plays in the Amazon alongside traditional, quilombola, and indigenous populations. It could be a more inclusive hub for South-South international cooperation. **Keywords:** Higher Education. South-South Cooperation. Internationalization of Educational Policies. International Cooperation.

RESUME

HOUNSOU, I.S. **ANALYSE DE LA COOPÉRATION INTERNATIONALE SUD-SUD À L'UFPA DANS LE CONTEXTE DE L'INTERNATIONALISATION DE L'ENSEIGNEMENT SUPÉRIEUR**. Thèse (doctorat) – Institut des sciences de l'éducation, Université fédérale du Pará, Belém, 2026.

La thèse s'intitule « ANALYSE DE LA COOPÉRATION INTERNATIONALE SUD-SUD À L'UFPA DANS LE CONTEXTE DE L'INTERNATIONALISATION DE L'ENSEIGNEMENT SUPÉRIEUR ». Il s'agit d'une étude liée au Programme de troisième cycle en éducation (PPGED) de l'Institut des sciences de l'éducation (ICED) de l'Université fédérale du Pará (UFPA), dans le domaine de recherche « Politiques publiques et éducatives », qui vise à étudier la coopération internationale Sud-Sud dans le contexte de l'internationalisation de l'enseignement supérieur, en prenant comme exemple l'expérience de l'UFPA. Il s'agit d'une recherche documentaire, d'approche quantitative et qualitative, basée sur l'analyse de documents locaux, nationaux et internationaux (lois, normes, accords). L'approche théorique et méthodologique est celle du matérialisme historique et dialectique, avec comme catégories méthodologiques la contradiction, la totalité, la mesure et la praxis, sur la base de (Marx, 2008), (PAULO NETTO, 2011) et Frigotto (2008), en plus de l'utilisation de l'ethnographie institutionnelle de la féministe et sociologue canadienne (Smith, 2005) utilisée pour effectuer des analyses ponctuelles liées à la thèse et à la méthodologie d'analyse conceptuelle des documents de politiques éducatives (Shiroma ; Evangelista, 2015). Les résultats indiquent que l'UFPA s'engage à reconnaître et à intégrer les connaissances traditionnelles et autochtones dans ses programmes universitaires, contribuant ainsi à la décolonisation du savoir et à la promotion des perspectives épistémiques du Sud. Malgré un faible flux de mobilité et une observation d'un plus grand nombre d'étudiants internationaux provenant du Sud et presque aucun du Nord, et en même temps, très peu d'étudiants allant vers le Sud et beaucoup vers le Nord, cela nous montre la centralité et l'hégémonie du Nord sur les politiques internationales. Dans le même temps, nous avons constaté que l'UFPA s'efforce fortement de jouer un rôle de premier plan dans le développement durable, l'innovation et le partage des connaissances en raison du rôle prépondérant qu'elle joue en Amazonie auprès des populations traditionnelles, quilombolas et autochtones. Elle pourrait devenir un pôle de coopération internationale Sud-Sud plus inclusif. **Mots-clés** : Enseignement supérieur. Coopération Sud-Sud. Internationalisation des politiques éducatives. Coopération internationale.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Eixos centrais e linhas transversais do Instituto HAFAMA.....	23
Quadro 2: Dados gerais dos resultados das pesquisas dos descritores.....	41
Quadro 3: Descritora “cooperação Sul-Sul” and “Ensino Superior”	42
Quadro 4: Catálogo de teses capes “cooperação internacional” and “Ensino Superior”	43
Quadro 5: Descritores “Universidade Federal do Pará” AND “Internacionalização” ...	44
Quadro 6: Descritores “Universidade Federal do Pará” AND “Cooperação Sul-Sul” ..	46
Quadro 7: Categoria nucleares da concepção teórico-metodológica da teoria social de Marx – Materialismo Histórico-dialético:	49
Quadro 8: Resumo da tabela antecedente.....	50
Quadro 9: Categorias da concepção do MHD de acordo com o tema de pesquisa.	52
Quadro 10: Acontecimentos ao longo dos anos.	60
Quadro 11: Explicativa da internacionalização, mundialização e globalização.....	85
Quadro 12: Explicativa do funcionamento da educação transnacional.	92
Quadro 13: Diferencia entre a Internacionalização do ensino superior a GES e a MES.97	
Quadro 14: Explicação de cada tema de acordo com autores.	98
Quadro 15: Lista completa dos Países de Acordos/Convênios vigentes.	130
Quadro 16: Lista completa dos Países da figura 7.....	134
Quadro 17: Lista completa dos Países da Figura 8.....	136
Quadro 18: Lista completa dos Países da Figura 9.....	138
Quadro 19: Lista completa dos Países da Figura 10.....	142
Quadro 20: Lista completa dos Países da Figura 11.....	143

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Os três pilares da sustentabilidade.	111
Figura 2: Os três pilares da sustentabilidade	113
Figura 3: Quadro de mobilidade IN e OUT da UFPA.....	124
Figura 4: Classificação econômica dos países do mundo pela UNCTAD.	128
Figura 5: Acordos e/ou convenio de cooperação vigentes	130
Figura 6: Acordos/convênios de cooperação vigentes - (2024) Norte – Sul.....	132
Figura 7: Mobilidade discente - alunos da graduação recebidos - (2024).....	134
Figura 8: Mobilidade discente - alunos da pós-graduação recebidos - (2024).....	136
Figura 9: Mobilidade discente - alunos da pós-graduação encaminhados - (2024)	138
Figura 10: Mobilidade docente - professores recebidos - (2024).....	142
Figura 11: Mobilidade docente - professores enviados - (2024).....	143

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

AEE-UFPA - Associação dos Estudantes Estrangeiros da Universidade Federal do Pará

AES - Aliança dos Estados do Sahel

ASEAN - Associação das Nações da Ásia do Sudeste

AUF - Agence universitaire de la Francophonie

BAD - Banco Africano de Desenvolvimento

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento

BM - Banco Mundial

BRACOL - Programa de Mobilidade Estudantil Brasil-Colômbia

CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CI - Cooperação Internacional

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Embrapa - Instituto Brasileiro de Investigação Agrícola

FAO - Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação

FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos

FMI - Fundo Internacional Mundial

GCUB - Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras

GEPTE - Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Trabalho e Educação

GES - Globalização do Ensino Superior

HAFAMA - Instituto Hounsou de Integração África-Amazônia

IAU - International Association of Universities

IES - Instituições de Ensino Superior

MERCOSUL - Mercado Comum do Sul

MES - Mundialização do Ensino Superior

MINUSTAH - Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti

NBD - Novo Banco de Desenvolvimento

OAB-PA - Ordem dos Advogado do Brasil

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

OIG – Organização Intergovernamental

OIM - Organização Internacional para as Migrações

OMC - Organização Mundial do Comércio

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONG – Organização Não Governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

PDSE - Programa de Doutorado-sanduiche no Exterior

PEC-G - Programa de Estudantes-Convênio de Graduação

PEC-PG - Programa de Estudantes-Convênio de Pós-graduação

PISA - Programme for International Student Assessment

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPG - Programa de Pós-Graduação

PPGED - Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGEDUC - Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura

PPP - PARCERIAS PÚBLICO PRIVADAS

UA - Uniao Africana

UE - Uniao Europeia

UFPA - Universidade Federal do Pará

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

URSS - Uniao Soviética

USA - Estados Unidos de America

SUMÁRIO

SEÇÃO I – CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: DO OBJETO AO PROBLEMA DE PESQUISA	17
1.1 Objeto de Estudo, Questões Problematicadoras e Relevância Científica e Social da Pesquisa.....	17
1.1.1 Formação de um novo ser: os movimentos sociais em integração com minha história de vida e lutas	21
1.1.2 As trilhas acadêmicas – um percurso formativo de lutas, direitos e processos de mobilização	24
1.1.3 Objeto de Estudo.....	27
1.1.2 Questões Problematicadoras	34
1.1.3 RELEVÂNCIAS CIENTÍFICAS E SOCIAIS.....	36
1.1.4 Objetivo Geral:	37
1.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	39
1.3 ESCOLHA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA	47
1.4 ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DA PESQUISA	56
SEÇÃO II – GEOPOLÍTICA MUNDIAL E AS COOPERAÇÕES INTERNACIONAIS.....	58
2.1 BREVE HISTÓRIA SOBRE A GEOPOLÍTICA MUNDIAL.....	58
2.2 COOPERAÇÃO INTERNACIONAL	62
2.3 OS PRINCIPAIS ATORES DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL	66
2.3.1 Estados e Governos nacionais:.....	66
2.3.2 As Organizações Intergovernamentais (OIG)	68
2.3.3 As Organizações Não Governamentais (ONG)	69
2.3.4 Parcerias Público Privadas (PPP)	72
2.4 AS FORMAS DE COOPERAÇÕES INTERNACIONAIS.	75
2.4.1 Cooperação Educacional	76
2.4.2 Cooperação vertical e horizontal	78
SEÇÃO III – O ENSINO SUPERIOR: AS INICIATIVAS E OS PROGRAMAS DE COOPERAÇÃO SUL-SUL DA UFPA.	81
3.1 NOÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO	82
3.2 INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR	86
3.3 A EDUCAÇÃO TRANSNACIONAL	91

3.4 A INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA.....	93
3.5 A GLOBALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR.....	96
3.6 A MUNDIALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR.....	97
3.7 AS INICIATIVAS E OS PROGRAMAS DE COOPERAÇÃO SUL-SUL DA UFPA.	100
3.7.1 CONHECER A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	100
SEÇÃO IV - OS IMPACTO DAS INICIATIVAS E PROGRAMAS DE COOPERAÇÃO SUL-SUL DA UFPA NO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, NA INOVAÇÃO E NO COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTOS.....	104
4.1 COOPERAÇÃO INTERNACIONAL SUL-SUL DA UFPA NO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	104
4.1.1 Cooperação Sul-Sul no desenvolvimento sustentável.	104
4.1.2 Cooperação Sul-Sul da UFPA no desenvolvimento sustentável.....	114
4.2 COOPERAÇÃO SUL-SUL DA UFPA NA INOVAÇÃO.....	119
4.3 COOPERAÇÃO SUL-SUL DA UFPA NO COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTOS.	122
SEÇÃO V: OS DESAFIOS E OPORTUNIDADES ENCONTRADOS PELA (UFPA) NA IMPLEMENTAÇÃO DE PARCERIAS NA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL.....	127
5.1 MAPEAMENTO DE ACORDOS INTERNACIONAIS DA UFPA.....	128
5.2 MAPEAMENTO DO CONTEXTO ATUAL DE MOBILIDADE DA UFPA	133
5.3 OS DESAFIOS E OPORTUNIDADES ENCONTRADOS PELA (UFPA) NA IMPLEMENTAÇÃO DE PARCERIAS NA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL.	146
SEÇÃO VI – CONCLUSÕES	149
REFERÊNCIA.....	153

SEÇÃO I – CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: DO OBJETO AO PROBLEMA DE PESQUISA

Objetiva-se com essa seção, situar o leitor a respeito da pesquisa em desenvolvimento que é resultado de pesquisa realizada a partir de vivência acadêmica no programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, da Universidade Federal do Pará (UFPA), na linha de pesquisa “Políticas Públicas e Educacionais” tendo como título: O Impacto Do Ensino Superior Na Cooperação Sul-Sul: A Experiência Da Universidade Federal Do Pará.

Com isso, apresentaremos nessa seção a contextualização da problemática (questões problematizadoras) em que se situa o objeto de pesquisa, os objetivos, as justificativas (relevância científica e social da pesquisa) e a revisão da literatura assim como as escolhas teórico-metodológicas que fundamentam a construção e a reconstrução do conhecimento produzido a respeito do ensino superior, da cooperação internacional sul-sul e o impacto que o primeiro tem sobre esse último.

1.1 OBJETO DE ESTUDO, QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS E RELEVÂNCIA CIENTÍFICA E SOCIAL DA PESQUISA.

A ideia dessa pesquisa surge da minha trajetória pessoal, acadêmica, profissional e de liderança. Resulta de uma integração Brasil-Benin, decorrente de formações, experiências, militâncias, que me constituem a vida, como resultado de múltiplas determinações, como nos diz Marx, a partir de “A Ideologia Alemã”, dentre as quais a felicidade de me constituir o Israël Sèwanou Hounsou, filho de Mathias Hounsou e de Eleonore A. Soglohoun, nascido em 10 de março de 1993 em Lokossa/Mono, no Benin, mas morando no Brasil desde 2014, em Belém do Pará. Sou um jovem, filho de trabalhadora e trabalhador do Benin, que me encontrei, no Brasil, com tantos outros jovens, filhos e filhas de trabalhadoras e trabalhadores, vivendo a luta de estudar, entre as saudades e os encontros com outras histórias de vida, que motivam a caminhada.

No Benin, no Bairro de Zongo II, criei-me, iniciando a formação em nível primário e secundário, a partir do que parti para o Brasil, para realizar a graduação na querida Universidade Federal do Pará, por meio de programa de cooperação internacional, conduzindo-me também ao mestrado e agora ao doutorado. Em Zongo II, vivi a infância, com o sentimento de coletivo que me tem acompanhado a caminhada, contribuindo também para viver as lutas a favor da vida que permitam a *entrada de todos no toldo da manhã*, como aprendi aqui no Brasil a partir da escuta de um poeta chamado João Cabral de Melo Neto. É de Zongo II que me vem também a preocupação com a formação, a educação em seu sentido mais amplo, ultrapassando os limites do domínio da técnica, em prol de ações humanizadoras, pois desde cedo aprendi com meus pais o valor dos estudos e suas implicações em nossas vidas e para os coletivos de homens e mulheres que integram em diferentes outras lutas.

É nesse sentido que lembro de meus pais e a ação deles para que buscássemos, Josaphat Mahugnon Hounsou e eu – somos dois irmãos –, nos constituir estudantes dedicados. Nossos pais sempre lutaram para que os filhos tivéssemos a compreensão da importância da escolarização, como processo coletivo de imersão no mundo, no acesso a conhecimentos em prol da melhoria de vida para além do eu.

É nessa linha reflexiva que entendendo, por exemplo, como, de volta da escola, meus pais pediam que resumíssemos tudo que tínhamos aprendido durante o dia, antes de merendar; e no dia seguinte tínhamos de recitar as lições das matérias, antes de pegar o dinheiro da refeição para voltarmos novamente à escola, para um novo momento de formação. Havia um grande empenho de nossos pais, para que vivêssemos a relação com os objetos de aprendizagem, muito eles colaborando com essa escuta. Tivemos, portanto, essa realidade formativa com nossos pais, mas que vem se tornando difícil de ser realizada por muitos pais, como observamos no contexto brasileiro, dada a situação da intensificação do trabalho a que estão submetidos, de modo a poder dar conta de buscar o sustento de seus filhos.

Por outro lado, após a finalização da formação secundária, correspondente ao Ensino Médio Brasileiro, senti a angústia diante da decisão do que realizar em termos de formação superior: Onde estudar? Teria condições para estudar em outro país? Faria a formação no Benin? Confesso que a necessidade de uma formação voltada a área técnica me conduziu à graduação, numa preocupação com questões de mercado; mas

sempre com um quê de ampliar o processo formativo para um enfoque mais ainda educacional, no sentido de debater como se realiza a educação enquanto processo de integração de experiências culturais de sujeitos com uma diversidade cultural a envolver nacionalidades distintas, como o fizemos no mestrado. Entretanto, isso, que hoje reflito neste trabalho, é fruto de um longo processo de decisões e ações, como os acontecimentos relativos ao ensino fundamental que vivi.

Assim, no último ano do meu ensino fundamental, preparando-me para o exame de Certificado de Ensino Preparatório (CEP), tive a experiência com a disciplina de História, quando um docente discutia a escravidão. Nesse processo formativo, explicava-se sobre os tratados de comércio da escravidão, com enfoque no Brasil, que me conduziram a uma tristeza tão grande, provocando-me lágrimas e revoltas. Fiquei indignado com o que escutava sobre a história de homens e mulheres submetidos à degradação da vida, a rupturas de histórias, desenraizamentos.

Acredito que aí, muito cedo ainda, nasceu o embrião para um dia vivenciar o Brasil, de maneira que pudesse experienciar a história de meus “parentes” – (descendentes dos meus ascendentes (*avós e tataravós*)) que aqui foram forçados a trabalhar, de modo ver até onde parou a escravidão e o que se tornaram essas pessoas que aqui chegaram, resultante de um não querer, dada a força que lhes retirou do continente de origem. No interior dessa disciplina, foram dias muito dolorosos para todos nós estudantes, mas de muitos aprendizados. Ao voltar para casa, como de costume, meu pai me perguntou: “O que você aprendeu na escola hoje?”. Expliquei-lhe e comecei a chorar novamente. Ele me acalmou. Deu mais explicações e lhe prometi naquela tarde que um dia iria para o Brasil.

Acredito, assim, que minha presença no Brasil, no entorno da formação, tem também explicações de ordem política, de compromisso com as histórias de meus ancestrais e seus movimentos de luta, conduzindo-me a vivenciar os movimentos sociais, como comunidades quilombolas e indígenas, com diásporas diferenciadas, em prol da conquista de direitos. E muito disso perpassa também pela necessidade de me constituir pesquisador, de modo a poder entender os processos de formação no interior de uma universidade, com enfoque para questões de internacionalização, cooperação internacional sul-sul e integração.

Isto posto, entretanto, destaco que o tempo-espço para chegar ao Brasil não foi tão rápido como imaginava. Houve um percurso histórico para que pudesse hoje estar no Brasil, vivendo a formação, os movimentos sociais e a busca, hoje, pelo processo de conclusão de doutoramento, muito contribuindo para isso a descoberta de intercâmbios entre Benin e Brasil, que me levaram a um programa de estudo, para o qual me candidatei, sendo aprovado. No dia do resultado, eu nem estava mais animado, pois havia entrado nos movimentos políticos estudantis na Université d'Abomey-Calavi (UAC), a maior universidade pública do Benin. Ao anunciar o resultado ao meu pai e da minha vontade em desistir, Mathias Hounsou tentou me convencer sobre a importância de vir ao Brasil, em prol da formação e do benefício da estratégia geopolítica; mas não adiantava, posto que estava convicto, até então, de permanecer no Benin. Contudo, para a minha grande surpresa, ele me lembrou justamente o dia em que eu havia decidido vir para o Brasil e ver onde continuava história de meus ancestrais. Tive arrepios. Revi meus posicionamentos, colocando-me em direção ao Brasil, com especificidade para o Estado do Pará, conhecendo a vida também de minhas raízes e seus processos históricos de luta, como os movimentos quilombolas do Baixo Tocantins, bem como na região metropolitana de Belém e no interior da universidade.

No Brasil, passei ao envolvimento com a unidade ser humano-natureza desta Amazônia, com seus rios, comunidades tradicionais, povos diversos, com uma cultura múltipla e com várias tonalidades de pele, em meio a processos históricos de negação de direitos, mas também de lutas por eles. Aqui, passei a entender mais ainda o que conhecia por meio de textos, aulas, informações, compreendendo como uma ampla riqueza amazônica, que pode estar a serviço efetivamente de suas gentes, muitas vezes acaba por ser usada para se matar, odiar, negar a vida da própria Amazônia, como o que observamos nos processos de efetiva legitimação de terras dos povos originários desse território.

Aqui também observo a discriminação, preconceitos, feminicídios e um conjunto de fobias (xenofobia, LGBTfobia, dentre outras violências) dominando diferentes espaços. Mas também me reconheço nas lutas dos povos da região pelos seus direitos, na construção de uma outra lógica de existência, tendo esperanças de uma realidade melhor, onde paz e amor reinem para sempre em harmonia com a natureza, entendendo esse amor como garantia de direitos e cuidados com o metabolismo ser humano-natureza, em prol da manutenção de nossas vidas.

1.1.1 Formação de um novo ser: os movimentos sociais em integração com minha história de vida e lutas

Ao chegar ao Brasil em 2014, não sabia falar nenhuma palavra em português, como também não conhecia pessoas que pudessem me acalmar nesse primeiro momento. Foram grandes desafios. Me impus uma constante aula de português, que me colocava no eixo, com a língua, as interações, as mediações, de modo a conhecer o outro e ser por ele (re)conhecido. A vida me exigia fugir aos silêncios, provocando-me a história de descobertas e lutas, como o bem me mostrava a chegada ao Brasil, quando a recepção pela qual eu sonhava não se manifestou, ao menos a que eu via nos *filmes americanos*. Senti-me muito estranho ao chegar no aeroporto de Belém e ver apenas uma colega beninense que ia morar comigo, que foi lá me recepcionar – e que bom que houve essa ação!

Nesse movimento de uma diáspora com um querer manifesto, entendendo muito mais ainda hoje a necessidade do acolhimento, principalmente quando se chega a um país, em prol de um processo formativo. Trata-se possivelmente de uma necessidade universal de muitos estudantes, muito devendo ser feito também no interior da academia, reconhecendo, contudo, o muito que já se avançou, inclusive em termos de didatizações de processos de ensino e de aprendizagem que contemplem as diversidades dos discentes. Mas confesso que no início, ao começar as aulas, sentia a falta de um bem-vindo formal da universidade, que mostrasse a importância desses programas de internacionalização, o que, entretanto, foi paulatinamente sendo mediado, muito contribuindo para isso a mobilização dos colegas de outros países para pensarmos em uma organização que nos integrasse. Encontramos, nesse processo, o conhecimento de uma associação, que mal funcionava, para o que lutamos para um apoio efetivo em prol de sua atuação.

Assim, em prol de nosso processo de mobilização e organização, em 2016, com a proposta da gestão liderada pelo ex-reitor Emmanuel Zagury Tourinho e pelo ex-vice reitor e atual magnífico reitor Gilmar Pereira da Silva, que iniciava seu mandato na Universidade, reorganizamos e ampliamos a Associação dos Estudantes do Programa Estudantes-Convênio de Graduação (AEPECG), que era só de um programa de estudo, constituindo-a como **Associação dos Estudantes Estrangeiros** (AEE-UFPA), de

maneira que coordenasse ações acadêmicas e administrativas em todos os programas de internacionalização, com mais de 60 países e mais de 400 alunos internacionais anualmente inscritos. Com isso, passamos a ter uma melhor visibilidade e os acolhimentos começaram a ter cores e sentidos, os melhores que nunca haviam tido, em nosso entendimento, posto que passamos a também definir e mediar condições para o fortalecimento de processos de internacionalização na instituição.

Como disse no início dessa seção, a história e as necessidades me impuseram o movimento, o posicionar-se, o envolver-se, como o que vivenciei em Benin nos movimentos políticos estudantis na Université d'Abomey-Calavi (UAC), mobilizando-me para experienciar a presidência da Associação dos Estudantes Estrangeiros (AEE-UFPA), localizada na UFPA, tendo como papel o acolhimento de todos os estudantes estrangeiros (internacionais) que estudam no Pará, fomentando os intercâmbios culturais entre os outros países e o Brasil, divulgando e sensibilizando os intercâmbios internacionais, além de ampliar os canais de comunicação entre o Brasil e esses países componentes. Passei a experienciar, nesse território, as mediações, os companheirismos e o trabalho coletivo mais ainda, como resultado dos movimentos de homens e mulheres em prol de seus interesses de condição de classe.

A história e o trabalho coletivo, também me conduziram ao processo de constituição de membro fundador do *Grupo África nas Escolas*, tendo como objetivo o ensino das Áfricas em todos os espaços educativos no território brasileiro, a partir do interesse que passamos a desenvolver por questões de relações étnico-raciais, internacionalização, diáspora, relações Brasil-África, pan-africanismo e inovações tecnológicos no Benin, políticas públicas para refugiados e migrantes, universidade pública e desenvolvimento da Amazonia. São questões que me vieram constituindo a formação acadêmica, política, cultural e social a partir da Universidade, mas também em decorrência da participação nos movimentos sociais que militam em prol da diversidade e pluralidade, os quais nos acolheram e acolhem em seus processos de luta e formação. E são questões que resultam também do propósito que me trouxe aqui, no sentido de entender a experiência de vida dos meus ancestrais que aqui chegaram, no interior de seus processos de luta e resistência, como o que também vivencio a partir da constituição como membro da comissão de relações internacionais da OAB-PA.

Concluindo o meu mestrado e terminando com o meu mandato de presidente da AEE-UFPA em 2022 e com a volta dos membros do *Grupo África nas Escolas* uns nos seus países de origem e outros no mercado de trabalho, comecei a atuar fortemente fora da universidade. Atuei junto com vários órgãos como o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), Organização Internacional para as Migrações (OIM), Caritas Brasil, Município de Belém e várias comunidades quilombolas da região. O que me levou a constituir o Instituto Hounsou de Integração África-Amazônia (Instituto HAFAMA) devidamente inscrito no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica no número: 53.475.796/0001-03¹.

O instituto trabalha com três eixo fundamental, que são: Migração e Direitos Humanos, Populações Tradicionais e Cooperação Internacional, como podemos observar no quadro 01 desta pesquisa (HAFAMA, 2024). O instituto levou-me a reunir todas minhas aeras de formação do maternal até o doutoramento em prol das ações sociais e de pesquisa. Mostrando dia após dia nossos resultados com os vários atores da sociedade como as universidades, a assembleia legislativa, nas vidas das populações tradicionais, dos migrantes e dos refugiados, e em vários eventos nacionais e internacionais como o G20 e a COP30.

Quadro 1: Eixos centrais e linhas transversais do Instituto HAFAMA.

	EIXO 1	EIXO 2	EIXO 3
EIXOS CENTRAIS	Migração e Direitos Humanos	Populações Tradicionais e Comunidades Quilombolas	Cooperação Internacional e Ensino Superior
DESCRIÇÃO	Apoio à regularização migratória Integração sociocultural e econômica de pessoas migrantes	Fortalecimento de saberes ancestrais Desenvolvimento sustentável em territórios quilombolas, indígenas e	Promoção da cooperação Sul-Sul com foco África-Amazônia Integração de estudantes internacionais nas

¹ Conseguindo a formalização em janeiro de 2024.

	e refugiadas	ribeirinhos	universidades brasileiras
	Enfrentamento ao racismo, à xenofobia e à violência de gênero	Empreendedorismo, turismo de base comunitária e bioeconomia	Produção de conhecimento com base decolonial e intercultural
LINHAS TRANSVERSAIS	Educação étnico-racial e antirracista Sustentabilidade e mudanças climáticas Empreendedorismo social e criativo Gênero, equidade e liderança feminina Cultura afro-amazônica e memória ancestral Juventudes e protagonismo comunitário		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

1.1.2 As trilhas acadêmicas – um percurso formativo de lutas, direitos e processos de mobilização

Graduado em Ciência da Computação em 2018 pela Universidade Federal do Pará (UFPA), onde fui bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) e estagiário no Laboratório de Eletromagnetismo Aplicado (LEA), tendo como professor orientador Claudomiro Sales. E no mesmo período da graduação tive a oportunidade de estagiar na Fundação Cultural do Pará (FCP) por um (01) ano em 2016, onde pude aprender como funciona trabalhar na área informática dentro de uma empresa. A partir dessa graduação no LEA, realizamos pesquisas com ênfase em Modelos Analíticos e de Simulação, atuando principalmente nos seguintes temas: Imputação de dados, Deep learning, desenvolvimento de técnicas de computação inteligente para o monitoramento de sistemas de telecomunicação e estruturas civis, Desenvolvimento de Framework em Software Livre para Detecção de Danos em Estruturas Civis. Contudo, como disse no decorrer deste capítulo, o envolvimento com questões sociais, políticas e culturais, assim como a necessidade de entender os processos formativos para além de técnicas e

quantificações, também necessárias em alguns contextos, colocaram-me a necessidade de ampliar a formação, no sentido de entender processos formativos, com destaque para as questões de integração na formação de estudantes estrangeiros, conduzindo-me ao mestrado.

Assim, passei a integrar a linha de pesquisa políticas e sociedade pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), pela mesma universidade. A partir do mestrado, iniciei a vivência no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTe), tratando de questões sobre trabalho e educação, na perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético, apresentando trabalhos no campo da internacionalização e da análise comparativa das políticas educacionais para jovens e adultos no Benin e no Brasil, com publicações em anais de congresso e em livros.

Neste percurso, tive o privilégio em participar no PROCAD-Amazônia, onde fui fazer um intercâmbio de 6 meses na Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), com muita aprendizagem e várias experiências vividas. Nesse caminhar na UFMT, participei do Grupo de Pesquisa do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE), coordenado pela professora Cândida Soares, com quem fiz vários cursos, sobre as relações étnico-raciais, quilombos, branquitude, eugenismo e vários outros processos que caracterizam a história dos negros aqui no Brasil, entendendo mais ainda a história e os processos de luta de meus ancestrais, presentificados nas experiências atuais de homens e mulheres com diversidades e pluralidades no interior de uma sociedade de mercado, preconceituosa e segregadora.

Nesse percurso formativo, essas experiências vêm sendo pautadas também pela vivência na presidência da Associação dos Estudantes Estrangeiros (AEE/UFPA), que considero um dos mais importantes movimentos estudantis dentro da universidade, mobilizando as posições políticas e as acadêmicas, de modo a problematizar as situações de discriminação, racismo, intolerância religiosa, dificuldades financeiras e linguísticas vividas por um conjunto de colegas internacionais, de maneira que juntos lutamos por diversos meios, oferecendo palestras, dando oficinas, organizando festas e vários outros eventos para que haja uma integração, de onde surgiu o ponto principal da minha pesquisa de mestrado, cujo tema é “INTEGRAÇÃO E NÃO INTEGRAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO NOS PROCESSOS FORMATIVOS DOS BENINENSES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)”, com realização

de importantes debates sobre as categorias integração e a não integração, conduzindo-nos à conclusão de que dentro da universidade há tentativas de integração, mas que necessitam constituírem-se enquanto políticas para além de ações focais, dadas a contextos de problematizações que o cotidiano enuncia.

Por outro lado, dada a necessidade de manter a vida no Brasil, em termos de sustento, mas também pela perspectiva de contribuir com processos de formação voltados para o conhecimento de culturas e suas línguas, passei a atuar como professor particular de língua francesa e *fon*²; Também registramos que falamos (falo) uma dezena idiomas, como Fon, Adja, Mina, Goun, Frances, Ingles, Portugues, espanhol etc., o que nos tem permitido a vivência em processos de lutas políticas a partir de ações de internacionalização e intercâmbios acadêmicos.

Com os meus caminharos nos mundos dos movimentos sociais, fiz muitas ações, como as decorrentes do Projeto Aquilombar-se em Castanhal, Pará, onde ensinamos sobre os jogos africanos, principalmente o Adji ou o Mancala, Projetos de afroturismo, de turismo de base comunitário, formação sobre a sociobiodiversidade além do acolhimento e regularização migratória na Polícia Federal de migrantes e refugiados além das suas inserções no mercado de trabalho. Trata-se de um conjunto de ações que buscam evidenciar o percurso acadêmico deste cidadão do Benin, imerso nos movimentos acadêmicos, políticos, sociais e culturais do Brasil, em busca de uma integração em suas análises de pesquisa, mas enquanto práxis de vida, manifestos em produções acadêmicas e experiências culturais. São percursos de vida de um cidadão que, motivado pela (re) descoberta do trabalho de seus ancestrais no Brasil, a partir de diferentes Áfricas, vai também constituindo suas histórias, em movimentos de lutas e resistências, em prol de coletivos, com suas diversidades e pluralidades, mobilizando neste 2022 a necessidade de concluir o doutoramento em prol de concluir a sua tese sobre “ANÁLISE DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL SUL-SUL NA UFPA NO CONTEXTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR”, num aprofundamento de pesquisa iniciada no mestrado, tomando suas experiências também enquanto sujeito desse processo.

² A língua Fon (ou Fongbé) é uma língua nigero-congolesa do grupo Gbé, falada por milhões de pessoas principalmente no **Benim**, onde foi língua oficial do antigo Reino do Daomé (Danxome), no Togo e Nigéria, sendo uma língua tonal, isolante, com ordem SVO (Sujeito-Verbo-Objeto) e rica em história, presente no Brasil em terreiros de Candomblé e na música. (“Língua fon”, 2025).

1.1.3 Objeto de Estudo

Em 2022 participei do processo seletivo de doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) na UFPA, e para ingressar no Programa, escrevi um projeto visando a pesquisar sobre “***o Mundo para Amazônia: um estudo sobre o processo de internacionalização do ensino superior na universidade federal do Pará/Brasil***”, mas logo deparei-me com a imensidão do tema, o que levaria muito tempo para fazer sozinho como um trabalho de tese. Pois havia escolhido uma metodologia que não me favorecia. Mas quero muito fazer essa pesquisa, quem sabe com meu grupo de pesquisa depois de ser professor dentro da UFPA. Um sonho que acredito que logo se tornará realidade. Minha meditação diária.

Depois pensei em trabalhar com “***Cooperação sul-sul: a experiencia da universidade federal do Pará***”, mas após algumas sessões no Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Trabalho e Educação (GEPTe) e a minha ida para o Canadá para participar do intercambio do Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior (PDSE) da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, trabalhando com a professora Emilie Doutreloux³, titular da Cátedra de Liderança em Equidade, Diversidade e Inclusão na Educação do Departamento de Fundamentos e Práticas em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Laval, em reorientar a minha pesquisa para ter um objeto de estudo mais consistente e que tenha relevância.

Assim, mesmo querendo trabalhar com a cooperação internacional focando na cooperação sul-sul e igualmente focar na UFPA, precisaríamos ver algo tangível que não seja apenas a experiência da UFPA, mas talvez ver como um processo influencia o outro. Com inúmeras leituras, cheguei a notificar várias pesquisas tanto nacionais quanto internacionais falando desses temas. Pesquisadores(as) como (Ademar Pozzatti Junior, 2019; Bijos; Silva, 2019; Bussotti; Macamo, 2018; Craciun, 2018; Crochet, 1996; Cusson, 2015; De Ketele; Hugonnier, 2020; De Wit; Deca; Hunter, 2015; Erlich; Stef, 2022; Guy Rocher, 2005; Hans de Wit, 2022; Huang, 2007; Huisman; Wende, 2005; Knight, 1994; Lacerda, 2020; “France Stratégie”, 2014; Macedo, [S.d.]; Maués;

³ Ela é a professora que aceitou me orientar na Universidade Laval e abriu várias portas profissionais para mim. Se tornou minha coorientadora estamos fazendo uma pesquisa sobre “Experiencias e Necessidades das Pessoas Estudantes Internacionais no Ensino Superior” junto com três (03) universidades canadenses e quatros (04) universidades brasileiras incluindo a UFPA e o instituto HAFAMA.

Bastos, 2017; Maués; Guimarães, 2019; MOROSINI, 2019; OCDE, 1999; Pazarbasioglu, 2022; Pino, 2012; Pourcelot, 2021; Prado, 2020; Rizzo, 2021; Sec, [S.d.]; Tomé, 2003; Van der Wende, 2010; Varandas, 2018), para citar só esses autores que vem pesquisando sobre a cooperação sul-sul, sobre o ensino superior e sobre qual é o papel do ensino superior na cooperação internacional.

Falar de ensino superior e de internacionalização, podemos notar que a internacionalização das Instituições de Ensino Superior brasileiras não é regida por uma única legislação, mas por um conjunto de normas, diretrizes institucionais e políticas públicas que tem como foco, colocar o Brasil no cenário acadêmico mundial. Diplomacia educacional, ciência, tecnologia e inovação são métodos de valorização a nível internacional que as instituições tentam fortalecer. Temos como por exemplo o plano nacional de educação (PNE) na sua Lei 13.005/2014 ⁴que:

Elevar a qualidade da educação superior e ampliar a proporção de mestres e doutores do corpo docente em efetivo exercício no conjunto do sistema de educação superior para 75% (setenta e cinco por cento), sendo, do total, no mínimo, 35% (trinta e cinco por cento) doutores. (“PNE - Plano Nacional de Educação - Plano Nacional de Educação - Lei nº 13.005/2014”, [S.d.]).

Esse objetivo mostra o estímulo a cooperação acadêmica internacional e a mobilidade de professores, estudantes e pesquisadores. Assim como a CAPES foi criada para ⁵ “ Fomentar a construção, a implementação e a consolidação de planos estratégicos de internacionalização das instituições contempladas nas áreas do conhecimento por elas priorizadas” (CAPES, 2017), sendo um dos principais instrumentos de fomento à consolidação de redes internacionais de pesquisa e mobilidade acadêmica. Prova disso

⁴ fomentar a formação de consórcios entre instituições públicas de educação superior, com vistas a potencializar a atuação regional, inclusive por meio de plano de desenvolvimento institucional integrado, assegurando maior visibilidade nacional e internacional às atividades de ensino, pesquisa e extensão

⁵ 1.2.2. Estimular a formação de redes de pesquisas internacionais com vistas a aprimorar a qualidade da produção acadêmica vinculadas à pós-graduação; 1.2.3. Ampliar as ações de apoio à internacionalização na pós-graduação das instituições contempladas; 1.2.4. Promover a mobilidade de docentes e discentes, com ênfase em doutorandos, pós-doutorados e docentes para o exterior e do exterior para o Brasil, vinculados a programas de pós-graduação stricto sensu com cooperação internacional. Edital nº 41/2017 – Programa Institucional de Internacionalização – Capes/PrInt 2/18 1.2.5. Fomentar a transformação das instituições participantes em um ambiente internacional. 1.2.6 Integrar outras ações de fomento da Capes ao esforço de internacionalização

foi a minha participação do PDSE, que foi fundamental na minha trajetória acadêmica podendo participar de pesquisas internacionais com vários atores do mundo.

O Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação estabelece meios para facilitar parcerias entre instituições brasileiras e estrangeiras promovendo intercâmbios de pesquisadores, compartilhamento de laboratórios e internacionalização da produção científica, (MICHEL, 2018). Com isso observamos que vários editais promovidos por agências como a CAPES, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) tem incentivados acordos de cooperação bilateral, Projetos conjunto de pesquisas com instituições estrangeiras e mobilidade acadêmica na pós-graduação.

Mas antes de continuar, gostaria de comentar brevemente sobre o Marco a luz do método que estou usando no meu trabalho, que por diante irei aprofundar com mais clareza para entendermos melhor sobre a escolha. Isso posto, sobre a ótica do Materialismo Histórico-dialético, o Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação deve ser entendido e compreendido como uma manifestação histórica das contradições inerentes ao modo de produção capitalista contemporâneo, onde o conhecimento científico desempenha um papel crucial como força produtiva estratégica. A contradição essencial do Marco está no fato de que, enquanto propõe o fortalecimento da ciência pública, da autonomia das universidades e do progresso nacional, ele também submete cada vez mais a produção científica à lógica da inovação do mercado como afirma (Paula et al., 2025) nas suas análises. De um lado o marco observa a ciência como um recurso público, associado a responsabilidade social das universidades e a valorização dos interesses comum. E por outro lado, incentiva a interação entre universidade e empresas, a transferência, a exploração comercial dos resultados da pesquisa e a avaliação do conhecimento em aspecto de eficiência, produtividade e competitividade. Essa tensão reflete a contradição entre a ciência como prática social libertadora e a ciência como mercadoria incorporada ao processo de acumulação de capital.

Essa contradição não é superada pelo Marco Legal. Ela é gerida por meio de uma mediação jurídico-institucional. No método dialético que iremos abordar nos próximos subcapítulos dessa pesquisa da tese, a mediação é o fator que possibilita a convivência e a reprodução dos polos contraditórios dentro de uma mesma totalidade histórica. Nessa perspectiva o Marco Legal serve como recurso estatal para

regulamentar e harmonizar interesses diversos: a necessidade coletiva de incentivo à pesquisa científica e à autonomia tecnológica, a exigência do mercado por inovação prática e competitividade, e o papel das universidades públicas na geração de conhecimento e formação crítica.

Ao contextualizar essa análise na internacionalização do ensino superior e na cooperação internacional Sul-Sul, categorias que trabalho na minha pesquisa, essa contradição se aprofunda mais. Apesar do Marco Legal promover a cooperação internacional e a relevância da mobilidade de pesquisadores e conhecimento (MICHEL, 2018), essa colaboração costuma ser limitada por critérios de excelência e inovação estabelecidos hegemonicamente pelo Norte Global. A Cooperação Sul-Sul portanto se apresenta, assim, como oportunidade normativa e política, mas enfrenta restrições matérias ditadas pela lógica prevalente pela produção científica mundial.

Destarte, sob essa análise, o Marco Legal da Ciência Tecnologia e Inovação representa uma mediação que reestrutura a relação entre ciência, Estado e mercado, sem descontinuar as bases estruturais que geram dependência e desigualdade no âmbito científico. Assim, manifesta ao mesmo tempo, progressos institucionais para investigação e a reiteração das contradições históricas que caracterizam a posição subordinada dos países do Sul Global no sistema mundial de geração do saber.

Além dessas normas e leis vimos que cada instituição tem a autonomia de criar suas próprias políticas de internacionalização, como no caso da UFPA a institucionalização da Pró-reitoria de Relações Internacionais, o Centro de Internacionalização e a AEE-UFPA. Também tem iniciativas como a participação em mobilidades internacionais IN⁶ e OUT⁷ como o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), os convênios com o México (BRAMEX) e a Colômbia (BRACOL), o Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras (GCUB), Erasmus+, CAPES,

⁶ “Mobilidade in” geralmente se refere à Mobilidade Acadêmica Internacional e Nacional Incoming, que é o processo de receber estudantes ou pesquisadores estrangeiros (vindos “in”) para estudar ou trabalhar temporariamente em uma instituição de ensino superior no Brasil (como UFPA, UFMA, USP), um programa que visa a internacionalização, intercâmbio cultural e acadêmico, e pode envolver apoio logístico e linguístico.

⁷ “Mobilidade out” geralmente se refere à Mobilidade Acadêmica Internacional (ou Intercâmbio), onde estudantes universitários estudam temporariamente em instituições estrangeiras, expandindo sua formação e visão cultural através de programas e bolsas (como CAPES, Santander, Brafitec, Erasmus, etc.), sendo um grande diferencial para o currículo, e envolve editais, requisitos e processo de inscrição detalhado nas universidades.

Brafitec, Santander, Paulo Freire, também fortalecem o compromisso com a educação global (HOUNSOU, 2022).

Sendo assim a Internacionalização não é apenas um desafio, mas uma necessidade estratégica para o ensino superior brasileiro, principalmente diante dos desafios atuais da globalização, da cooperação sul-sul e da circulação internacional do conhecimento.

Não obstante, chegando esse título “O Impacto do Ensino Superior na Cooperação Sul-Sul: A Experiência da Universidade Federal do Pará” que depois das avaliações dos professores avaliadores da banca de qualificação da tese, surgiram rever o meu tema e meu objeto de pesquisa para poder dar conta visto o tempo que tenho a disposição para a conclusão da minha pesquisa de tese. O que ficou agora como um tema mais “redondo” e que caberia pesquisar com as qualidades e com a excelência que uma tese exige: “ANÁLISE DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL SUL-SUL NA UFPA NO CONTEXTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR”.

Quero aproveitar desse precioso momento de leitura dos nossos leitores e pesquisadores, para agradecer aos professores avaliadores da minha banca de qualificação pelas leituras atentas, contribuições críticas e valiosas sugestões apresentadas, que profuso enriqueceram este trabalho e contribuíram de forma significativa para o seu aprimoramento teórico, metodológico (onde todos com unanimidade orientaram rever as metodologias usadas) e analítico. Registro, desse modo, meu reconhecimento e gratidão pela disponibilidade, pelo rigor intelectual e pelo compromisso com a formação acadêmica.

Da maneira que nosso título se apresenta, podemos nos fazer várias perguntas: Porque analisar a cooperação internacional sul-sul? Porque fazer esse recorte na UFPA? Porque não analisar o impacto da cooperação sul-sul no ensino superior? Ou qual é a importância de falar sobre a cooperação sul-sul? Todas essas perguntas são legítimas e nosso embasamento teórico pode responder o porquê definimos pesquisar sobre essa vertente e porque a cooperação sul-sul é tão importante para a nossa pesquisa.

Na dinâmica do desenvolvimento global, a Cooperação Sul-Sul (CSS) tornou-se um eixo central marcando uma mudança de paradigma em relação ao domínio histórico

das relações Norte-Sul (Tomazini, 2017). Para isso o ensino superior está desempenhando um papel cada vez mais importante não apenas como veículo para transmissão de conhecimento, mas também como um instrumento de diplomacia, integração regional e transformação socioeconômica.

Assim no contexto de globalização multipolar, a CSS está emergindo como uma alavanca estratégica para o desenvolvimento sustentável, para a soberania dos países do sul e a redefinição das relações internacionais de poder como aponta (Neto, 2012). Portanto no centro dessa dinâmica, o ensino superior desempenha um papel estruturante, ativo e transformador. Por esse motivo que é relevante e essencial concentrar sobre a análise da cooperação internacional Sul-Sul no contexto da internacionalização da educação superior em vez de considerar apenas a influência dessa cooperação no sistema educacional.

As universidades, os centros de pesquisas e as instituições acadêmicas do Sul não são meros receptores passivos de programas de cooperação. Mas pelo contrário, elas produzem conhecimento, habilidades, inovações e estruturas intelectuais que influenciam diretamente a direção da CSS, especialmente na área da saúde, agricultura, meio ambiente, governança e cultura ⁸como afirma (Kraycnete; Vitale, 2013). Elas estão reconstruindo o conhecimento com base em suas próprias realidades, rompendo com a dependência intelectual do Norte. Essa dinâmica possibilita o estabelecimento de uma cooperação baseada no intercâmbio de conhecimento locais, contextualizados e relevantes para os parceiros do Sul o que afirma o egípcio Samir Amim no seu livro (*Au-delà du capitalisme sénile. Le temps des crises*) “a emancipação epistemológica dos países do Sul envolve necessariamente o desenvolvimento de instituições científicas autônomas capazes de dialogar em pé de igualdade.” (Amin, 2006).

Por meio de acordos interuniversitários⁹, programas de mobilidades de docentes, discentes, rede de pesquisa Sul-Sul e cursos de treinamento conjunto, o ensino superior vai construindo uma diplomacia paralela que, muitas vezes, é mais ágil e inclusiva do

⁸ Dentre os setores mais relevantes dessa cooperação estão: agricultura, formação profissional, educação, saúde, meio ambiente, tecnologia da informação, desenvolvimento urbano, biocombustível, direitos humanos e comércio exterior, (Kraycnete; Vitale, 2013).

⁹ Ces partenariats rassemblent des acteurs interrégionaux, régionaux et sous-régionaux issus des milieux universitaire, gouvernemental et privé qui partagent tous l'objectif de résoudre les problèmes communs auxquels est confrontée aujourd'hui l'humanité, (Ippolito; Djacta, 2016).

que a diplomacia estatal como menciona a publicação da Organização Internacional de Trabalho (OIT) por (Ippolito; Djacta, 2016):

Le Brésil et l’Afrique du Sud ont continué d’assurer des missions ou des délégations stables et permanentes d’hommes d’affaires, de fonctionnaires et d’universitaires entretenant des contacts, qui sont menées au moins une fois tous les six mois ; dans le cadre de ces missions/délégations sont effectuées d’éventuelles transactions économiques et commerciales et sont créés des mécanismes pour faciliter ces transactions.

Essa diplomacia acadêmica gera laços duradouros de solidariedade, com base no compartilhamento equitativo do conhecimento e constitui uma infraestrutura intelectual para a CSS.

As Instituições de Ensino Superior formam elites científicas, técnicas e políticas que alimentam as políticas de cooperação. Esse capital humano ajuda a estruturar a rede Sul-Sul, criando projetos conjuntos, programa de mobilidade e iniciativas interuniversitárias como é o caso do (Programa de Formação de Professores de Educação Superior de Países Africanos, Programa de Intercâmbio de Estudantes Brasil-Colômbia, Programa de Mobilidade Acadêmica Brasil-México) da UFPA, (PDI - UFPA, 2016).

Estudar o Ensino Superior como um impulsionador da CSS nos permite analisar como as narrativas dominante sobre o desenvolvimento, modernidade e África, podem ser desafiadas a partir do sul. Por meio dos seus currículos, publicações, intercâmbios e práticas de ensino, as universidades podem descolonizar o conhecimento e contribuir para a criação de modelos alternativos de cooperação que sejam mais igualitárias mais respeitosos com as especificidades culturais e mais sustentáveis.

Muitas universidades do Sul desenvolvem políticas de internacionalização voltadas para seus parceiros do Sul criando mestrados conjuntos, cátedras internacionais, redes de pesquisas como (a rede CODESRIA¹⁰ na África, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB). Essas iniciativas favorecem uma diplomacia acadêmica horizontal e decolonial.

¹⁰ <https://codesria.org/>

Por conseguinte, estudar apenas o impacto da CSS no ensino superior reduziria o papel das universidades ao de meras beneficiárias passivas das políticas internacionais, sendo assim ignorando sua capacidade de influência, proposta e transformação por meio de pesquisa, formação e mobilização social.

Pesquisar o impacto da CSS no ensino superior vai reproduzindo uma lógica vertical (Souza, 2017) onde a cooperação é percebida como um fluxo descendente (do global para o local), em vez de pensar na co-construção de projetos baseados nas realidades acadêmicas do Sul.

Em síntese, diante dos desafios contemporâneos, crise climática, mobilidade humana, desigualdade estruturais, o ensino superior constitui uma força motriz para reconstruir a CSS em bases mais equitativas, decoloniais e criativas. Estuda-lo como ator central só nos permite compreender melhor seus impactos positivos nas relações internacionais Sul-Sul, mas também promover o papel das universidades como espaço de emancipação coletiva. Em soma, nossa pesquisa trata-se de mudar o foco: não em “o que a CSS faz às universidades”, ou “o que as universidades do Sul fazem para a Cooperação Sul-Sul”, mas sim em “analisar a cooperação internacional do Sul Global no contexto da educação superior.

1.1.2 Questões Problematicadoras

A análise da CSS no contexto da internacionalização da educação superior, levanta um conjunto de questões fundamentais que permitem compreender a dinâmica, os limites e o potencial transformador dessa relação. Essas questões problematizadoras servem para orientar a reflexão crítica, decolonial, e estratégica sobre o papel das instituições acadêmicas no Sul na construção de relacionamentos cooperativos mais justos, solidários e inovadores.

Mas para nossa pesquisa, iremos fazer um recorte¹¹ segundo (Lakatos; Marconi, 2003) e (Gil, 2008), para dar conta da nossa pesquisa da tese. Embora queiramos fazer a

¹¹ A exploração do material constitui, geralmente, uma fase longa e fastidiosa que tem como objetivo administrar sistematicamente as decisões tomadas na pré-análise. Refere-se fundamentalmente às tarefas

análise da CSS no contexto internacional da educação superior, vamos contextualizar a UFPA como ator estratégico da Cooperação Sul-Sul. A UFPA está localizada no coração da Amazonia brasileira, uma região estratégica onde cresce importantes debates globais sobre sustentabilidade, biodiversidade, povos tradicionais e justiça climática dando uma posição de destaque para a UFPA no ranking mundial nas cooperações internacionais (PDI - UFPA, 2016).

Além do mais, a UFPA desenvolve várias parcerias com Universidades e centros de pesquisas em países do sul global, tendo participada em programas de intercâmbios internacionais e de políticas de ações afirmativas para os migrantes, refugiados, apátridas.

Com isso ao focar na UFPA, podemos acessar documentos institucionais mais diretos, entrevistar docentes e discentes e os gestores, coletar dados primários com profundidade e não muito demorado. Isso nos permitirá então uma abordagem mais empírica e justificada, como justifica o Richardson:

Quanto aos tipos de dados coletados, eles podem ser classificados em dados primários e secundários. Os dados primários são aqueles que apresentam relação física direta com os fatos analisados, ou seja, foram coletados especificamente para uma determinada investigação. Os dados secundários, por sua vez, referem-se às informações que não apresentam relação direta com o acontecimento registrado, tendo sido reunidos para algum outro propósito que não o estudo imediato em mãos (Richardson, 1999) *apud* (Augusto et al., 2013).

Desta forma, e com base no objeto desenhado, foi possível apontar a seguinte questão de investigação:

Em que medida a Cooperação Internacional Sul-Sul promovida pela UFPA representa uma alternativa contra-hegemônica aos modelos tradicionais de internacionalização do ensino superior baseados na lógica Norte-Sul?

Para responder a esse problema de pesquisa como anunciada na questão que nos colocamos, foram organizadas três questões norteadoras, que abordam aspectos que devem ser aprofundados com essa pesquisa, conforme as questões específicas a seguir:

- i) De que forma a UFPA estrutura suas políticas institucionais de internacionalização voltadas à Cooperação Internacional Sul-Sul?**
- ii) Quais programas, projetos e acordos internacionais da UFPA contribuem diretamente para o desenvolvimento sustentável em parceria com instituições do Sul Global?**
- iii) Quais são os principais desafios institucionais, políticos e estruturais enfrentados pela UFPA na consolidação da Cooperação Internacional Sul-Sul?**

1.1.3 RELEVÂNCIAS CIENTÍFICAS E SOCIAIS

Deste modo, nossa pesquisa justifica-se em primeira instância, por apresentar uma relevância social, na medida em que um dos principais objetivos da CSS é de reduzir as desigualdades entre os países do Sul. Assim o ensino superior, como catalisador de mobilidade e de conhecimento e talentos desempenha um papel essencial nessa redução das desigualdades. Também destaca como as universidades (UFPA) podem ser alavancas para o empoderamento dos países do Sul, principalmente em contextos em que os sistemas educacionais ainda são frágeis, permitindo assim identificar mecanismo de equidade, reconhecimento do conhecimento local e partilha de recursos que contribuem para um “desenvolvimento” mais equilibrado e sustentável.

A UFPA, como uma instituição pública na Amazônia, acolhe muitos estudantes de origens diversos, incluindo migrantes, refugiados dos continentes africanos, asiáticos sul-americanos e do caribe (PDU-UFPA, 2019). Estudar seu papel demonstra como o ensino superior pode se tornar uma poderosa alavanca para a integração social, proporcionando acesso ao conhecimento e melhor qualidade de vida. Também ressalta a importância de políticas públicas de acolhimento dos docentes internacionais.

Ainda falando das relevâncias sociais, o intercâmbio universitários Sul-Sul facilitado por instituições como a UFPA, contribui para a diplomacia cultural e acadêmica, fortalecendo laços de solidariedades entre países do Sul para além dos governos. Nossa pesquisa mostra como a cooperação universitária pode promover a interculturalidade, o reconhecimento de identidade e sua contribuição no

“desenvolvimento” local formando profissionais atuantes nas áreas de justiça climáticas, saúde pública e educação, e por fim mostra como o ensino superior pode apoiar ativamente nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS,) principalmente em territórios estratégicos como a Amazonia.

Em seguida, justifica-se, por apresentar uma relevância acadêmica e científica tendo em vista a importância de pesquisas como essas, que buscam destacar as políticas educacionais e os impactos do ensino superior nas relações internacionais. Nossa pesquisa portando ajudará a descentralizar a pesquisa dando visibilidade aos trabalhos e as experiências acadêmicas do Sul, sub-representadas na sua maioria, o que ajudará a descolonizar o conhecimento promovendo epistemologias diferentes dos países do Norte.

Somando tudo, temos a relevância pessoal, pois essa pesquisa contribuirá para a formação de um pesquisador em educação no meio acadêmico e profissional daqui do Pará e do Benin ajudando-o a contribuir com pesquisas acadêmicas no programa de pós-graduação em educação da UFPA tratando de assuntos tão importante para o desenvolvimento dos países de Sul global e para a autonomia do ensino superior.

Apontando essas relevâncias faz-se necessário para a compreensão da presente pesquisa, assim como para o alcance de seus objetivos, sobre os quais destacam-se um objetivo geral e três objetivos específicos, que elencamos a seguir:

1.1.4 Objetivo Geral:

Analisar em que medida a Cooperação Internacional Sul-Sul promovida pela UFPA representa uma alternativa contra-hegemônica aos modelos tradicionais de internacionalização do ensino superior baseados na lógica Norte-Sul?

Objetivos específicos:

- 1- Identificar de que forma a UFPA estrutura suas políticas institucionais de internacionalização voltadas à Cooperação Internacional Sul-Sul.
- 2- Avaliar os programas, projetos e acordos internacionais da UFPA que contribuem diretamente para o desenvolvimento sustentável em parceria com instituições do Sul Global.
- 3- Estudar os principais desafios institucionais, políticos e estruturais enfrentados pela UFPA na consolidação da Cooperação Internacional Sul-Sul.

Para alcançarmos esses objetivos enumerados e respondermos as questões indagadas para o problema de pesquisa, se estabeleceu uma abordagem teórico-metodológicos a partir da perspectiva do materialismo histórico-dialético e a etnografia institucional não como meros métodos operacionais com o uso de técnicas de coletas de análise de dados, mas como um referencial epistemológicos, ontológico, metodológico e uma profunda análise das relações de poder que estruturam a vida cotidiana das instituições.

Com isso, buscamos aprofundar essas metodologias e apontar os caminhos que orientarão os procedimentos metodológicos de coleta de dados, das análises e suas relações com a revisão da literatura e os referenciais teóricos adotados na nossa pesquisa.

Sem embargo, na nossa pesquisa, adota-se o materialismo histórico-dialético como metodologia principal, uma vez que possibilita a análise crítica das relações sociais, das contradições estruturais e dos processos históricos que constituem o objeto de estudo. Essa abordagem guiará o conjunto das análises e das interpretações, possibilitando entender o fenômeno estudado em sua totalidade, em suas mediações e em seu processo histórico. De forma pontual, não simultânea, a etnografia institucional será utilizada como uma metodologia complementar, aplicada em análises específicas, visando entender como certas práticas, normas, rotinas e relações institucionais se concretizam no dia a dia, evidenciando os modos tangíveis, pelos quais as estruturas estudadas pelo materialismo histórico-dialético se manifestam e operam na realidade empírica.

1.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram, (MARX, 2010).

Nessa parte da pesquisa, a missão foi de nos ajudar na compreensão no que se refere a totalidade do panorama de produções científicas, quando falamos de teses e dissertações que existe aqui no Brasil para fazer um recorte nacional. Essas produções precisam abordar nosso objeto de pesquisa, a análise da CSS na UFPA no contexto da internacionalização da educação superior. O foco é identificar o que já foi produzido, ver suas limitações, como mencionar termos ainda não abordados e mensurar a quantidade de pesquisa que já foram realizadas. Para tal, optamos por fazer um levantamento e análise dos trabalhos já existentes através de uma revisão bibliográfica.

Para fazermos esse levantamento, decidimos organizá-lo em etapa sabendo que “[...] embora haja um percurso a ser seguido, inúmeras vezes eles podem se alternar ou acontecer de modo simultâneo. Há uma grande necessidade de ordenarmos o trabalho, mas é razoável estarmos abertos para situações imprevistas e, mais, imprevisíveis” (EVANGELISTA; MORAES; SHIROMA, 2002), tendo em vista que trabalharemos com muitas subjetividade já que se trata de uma pesquisa em educação.

Assim para fazer o levantamento dessas produções escolhemos se alinhar com os procedimentos a seguir: i) a escolha de uma plataforma digital, de dissertação e de tese, ii) definição de descritores de busca, iii) leitura e análise dos resumos se pertinente vi) eliminação das pesquisas que não se enquadram, v) (re)análise das produções validadas.

Sobre a escolha de plataforma digital de dissertação e de tese, escolhemos o catálogo de dissertação e de tese da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Essa escolha foi mantida devido a qualidade e por ser um sistema de busca bibliográfica que compila registros desde 1987, (CAPES, 2023) e por divulgar produções científicas dos programas de mestrado e de doutorado em todas as áreas (inclusive a nossa de educação), e é reconhecido nacionalmente.

Para a definição dos descritores, optamos em vários, mas que por fim, eliminamos vários e mantemos os que eram mais ligados à nossa pesquisa e que poderia dar mais elementos que são próximas a nossa pesquisa. São eles “Cooperação Sul-Sul” AND “Ensino Superior”, “Cooperação Internacional” AND “Ensino Superior” “Universidade Federal do Pará” AND “Internacionalização” e “Universidade Federal do Pará” AND “Cooperação Sul-Sul”. Os “AND” ¹²são os conectores booleanos que são utilizados para combinar termos de pesquisas de forma que os resultados retornados contenham todos os termos especificados.

Os conectores ou operadores de pesquisa são caracteres especiais que, quando incluídos em uma consulta, possibilitam aumentar a complexidade para conseguir resultados mais exatos. Em princípio, um sistema de recuperação de informações pode converter qualquer palavra ou símbolo em um mecanismo de pesquisa conforme um objetivo específico de pesquisa em seu banco de dados. Os operadores são o AND, OR, NOT, aspas e typefile. Como confirma (Picalho; Fadel; Gonçalves, 2024)

O *AND* é um operador booleano que corresponde à intersecção de dois ou mais termos. Numa busca, serve para garantir que o sistema apresentará resultados que contenham obrigatoriamente todos os termos ou expressões ligadas por ele. (Picalho; Fadel; Gonçalves, 2024)

Para nossa pesquisa, a escolha desse descritore é para ver quais são os trabalhos de teses e de dissertações que tem a ver ou que tem pesquisa mais próximo que o nossos. Usamos o conetor booleano AND pois ao usar as palavras dos descritores separadamente teremos milhares de pesquisa, mas que não terão nada com nosso objeto. Ao juntar eles por AND, chegaremos mais próximo no nosso campo de busca, lembrando que nossa pesquisa é buscar o impacto do Ensino Superior na Cooperação Internacional principalmente na CSS. Ao fazer o teste de buscar “Ensino Superior” encontramos 22241 pesquisas (dissertação e teses).

Ao usar “Cooperação Sul-Sul” AND “Ensino Superior” encontramos cinco (05) pesquisas no total sendo três (03) de dissertações e duas (02) de teses. Ao usar “Cooperação Internacional” AND “Ensino Superior” encontramos dezessete (17)

¹² “AND” significa “E” em português.

pesquisas sendo dez (10) de dissertações e sete (07) de teses, lembrando que essas buscas são feitas em todas as áreas de pesquisas. Mas para “Universidade Federal do Pará” AND “Cooperação Sul-Sul” limitamos apenas nossa busca na UFPA e apenas encontramos seis (06) pesquisas feitas sendo quatro (04) de dissertação e duas (02) de tese e com a “Universidade Federal do Pará” AND “Internacionalização” quinze (15), sete (07) dissertação oito (08) teses.

Quando usamos “Universidade Federal do Pará” AND “Cooperação Sul-Sul” com a busca geral encontramos 889 pesquisas e com “Universidade Federal do Pará” AND “Internacionalização” encontramos 937. Mas ao verificar vimos que não eram todas pesquisas focando na UFPA. Foram apenas citações e menções da UFPA nas pesquisas. Mas valeu a penas dar uma olhada nesses trabalhos mesmo não trazendo uma pertinência direta para nosso trabalho. Por isso optamos por focar em pesquisas direta da UFPA como podemos conferir dados totais no quadro a seguir.

Quadro 2: Dados gerais dos resultados das pesquisas dos descritores.

Descritor	Total de pesquisas	Tipo de pesquisa (Dissertação / Tese)	
		Dissertação	Tese
“Cooperação Sul-Sul” AND “Ensino Superior”	5	3	2
“Cooperação Internacional” AND “Ensino Superior”	17	10	7
“Universidade Federal do Pará” AND “Internacionalização”	15	7	8
“Universidade Federal do Pará” AND “Cooperação Sul-Sul”	6	4	2
TOTAL	43	24	19

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Esse quadro a seguir é resultado da pesquisa do descritor “*cooperação Sul-Sul*” and “*Ensino Superior*”. Aqui nenhuma pesquisa é da UFPA. O que podemos observar com as pesquisas resultante desses conectores, é que fazem sim pesquisa sobre a CSS e outras sobre o Ensino Superior. Mas o estudo de impacto é apenas um trabalho que pesquisou sobre o “*Impacto Político Da Cooperação Brasil-Guiné-Bissau No Setor Da*

Educação Na Formação Dos Estudantes Guineenses”. Que não é no mesmo sentido da nossa pesquisa.

Quadro 3: Descritora “cooperação Sul-Sul” and “Ensino Superior”

Nível	Autor	Ano	Universidade	Área	Título
Mestrado	Sousa, Rafaelle Leite De.	2022	Unilab	Sociais E Humanidades	Angola E Brasil Na Perspectiva Sul-Sul: A Cooperação Acadêmica A Partir Do Discurso Dos Acordos Formalizados Entre Instituições De Ensino Superior
Mestrado	Djassi, Jeilson	2025	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS	Ciência Política	O Impacto Político Da Cooperação Brasil-Guiné-Bissau No Setor Da Educação Na Formação Dos Estudantes Guineenses: O Caso Da UNILAB-CE
Mestrado	Goncalves, Walter Domingos Borges	2023	Universidade Federal Do Paraná	Políticas Públicas	A Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira Como Mecanismo De Transformação Social
Doutorado	Yamada, Izaura Matiko	2019	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	Educação Em Ciências Química Da Vida E Saúde	A Contribuição Da Cooperação Internacional Na Formação De Recursos Humanos De Estrangeiros No País: Análise Do Programa Estudante-Convênio De Pós-Graduação (Pec-Pg), Do Cnpq.
Doutorado	Cardoso, Antonio Pedro Barbosa	2017	Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul	Educação	Políticas De Avaliação Institucional Da Educação Superior: Criação E Implementação Do Sistema De Avaliação Do Ensino Superior De Cabo Verde

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Com o descritor *“cooperação internacional” and “Ensino Superior”*, nos dezessetes (17) trabalhos, nenhum estudou sobre impacto, mas abordarem bem as duas temáticas o da Cooperação Internacional e o do Ensino Superior. Como descreve o quadro a seguir:

Quadro 4: Catálogo de teses capes “cooperação internacional” and “Ensino Superior”

Nível	Autor	Ano	Universidade	Área	Título
Mestrado	Oliveira, Lucas Santos De	2023	Universidade Federal Fluminense	Antropologia	Universidade Eduardo Mondlane A “Harvard Moçambicana”: As Ciências Sociais No Ensino Superior Em Moçambique
Doutorado	Granja, Cintia Denise	2023	Universidade Estadual De Campinas	Política Científica E Tecnológica	International Student Mobility And Attitudes Towards Inequality: Essays About The Brazilian Case
Doutorado	Yamada, Izaura Matiko	2019	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	Educação Em Ciências Química Da Vida E Saúde	A contribuição da cooperação internacional na formação de recursos humanos de estrangeiros no país: análise do programa estudante-convênio de pós-graduação (PEC-PG), do CNPq.
Mestrado	Sousa, Rafaelle Leite De	2022	UNILAB	Interdisciplinar em Humanidades	Angola E Brasil Na Perspectiva Sul-Sul: A Cooperação Acadêmica A Partir Do Discurso Dos Acordos Formalizados Entre Instituições De Ensino Superior
Mestrado	Andrade, Fabiana De Cassia Ramos De Medeiros F Alves De.	2023	UFPB - Universidade Federal Da Paraíba	Gestão Pública E Cooperação Internacional	GESTÃO SUSTENTÁVEL DE PESSOAS: contribuições para o desenvolvimento de uma universidade pública federal
Doutorado	Almeida, Felipe Cordeiro De.	2022	Unesp - Unicamp - Puc-Sp	Relações Internacionais	Universidades federais de missão institucional internacional e seu papel para a política externa brasileira
Doutorado	Oliveira, Cyntia Sandes.	2019	Universidade De Brasília	Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional	A Internacionalização Do Ensino Superior No Brasil Por Meio Da Ação Da Capes: A Cocriação Do Programa Capes-Print
Mestrado	Mourao, Querli Maria Bezerra.	2023	UFPB	Gestão Pública E Cooperação Internacional	Práticas Sustentáveis Na Administração Pública: A Percepção De Servidores Técnicos-Administrativos Da UFPB
Mestrado	Oliveira, Simone Dias De Souza	2021	UFPB	Gestão Pública E Cooperação Internacional	EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE: proposta de uma escala da concepção multidimensional da sustentabilidade
Doutorado	Guiliche, Pedro Madeira	2021	UERJ	Ciência Política	Implicações políticas da cooperação internacional para o desenvolvimento no campo da Educação Superior em Moçambique: Análise do papel do Banco Mundial (1993-2018)
Mestrado	MACIEL, TATIANA FRADE	2022	UNB	Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional Instituição	Análise da amigabilidade urbana de Brasília na percepção da pessoa idosa no Distrito Federal
Mestrado	Silva, Camilla Gomes Da.	2021	Universidade Do Sul De Santa Catarina	Ciências Ambientais	DIVERSIDADE, EQUIDADE E SUSTENTABILIDADE: O Papel das Universidades na Promoção do Quarto, Quinto e Décimo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável
Mestrado	Alegre, Elaine Silva	2019	UFMT	Política Social	A Internacionalização Da Pós-Graduação Na Ufmt Pela Via Do Ingresso Regular De Estudantes

					Estrangeiros
Mestrado	Oliveira, Layana Christine De	2023	Universidade Federal De São Paulo	Letras	Políticas Linguísticas E Políticas Do Cuidado: O Pré-Pec-G Na Educação Superior Brasileira
Doutorado	Silva, Antonia	2023	Universidade Federal Do Ceará	Administração E Controladoria	Internacionalização Da Pós-Graduação Brasileira: Proposição De Um Framework Investigativo Aplicado À Área De Administração Pública E De Empresas, Ciências Contábeis E Turismo
Doutorado	Fernandes, Glaucio Geraldo Moura	2021	Universidade Federal De Minas Gerais	Estudos Linguísticos	Práticas De Letramento Acadêmico De Estudantes Internacionais Matriculados Em Uma Disciplina De Ensino/Aprendizagem De Português Como Língua Adicional
Mestrado	Vieira, andrea carvalho	2019	Universidade de Brasília	Desenvolvimento, sociedade e cooperação internacional	Internacionalização da educação superior brasileira

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Para os descritores “Universidade Federal do Pará” AND “Internacionalização” focando as pesquisas na UFPA conseguimos encontrar 15 pesquisas no total sendo 7 da dissertação e 8 da tese. Nesses trabalhos apesar de abordarem as temáticas não focaram no impacto de um sobre outro. Mas tem pesquisas que abordaram bem os assuntos que se propuseram estudar lendo seus resumos. A relação está no quadro 05 a seguir:

Quadro 5: Descritores “Universidade Federal do Pará” AND “Internacionalização”

Nível	Autor	Ano	Univer sidade	Área	Título
Mestrado	Assuncao, Suelene Santana.	2021	UFPA	Ciência Da Informação	Produção Científica De Periódicos Eletrônicos Dos Programas De Pós-Graduação Da Universidade Federal Do Pará Inter-Relacionados Aos Objetivos De Desenvolvimento Sustentável Da Agenda 2030
Mestrado	Hounsou, Israel Sewanou	2021	UFPA	Educação E Cultura	Integração E Não Integração De Experiências De Trabalho Nos Processos Formativos De Beninenses Na Universidade Federal Do Pará (Ufpa)
Mestrado	Pontes, Luma Barbalho.	2018	UFPA	Educação	O Ciência Sem Fronteiras Na Universidade Federal Rural Da Amazônia: Perspectivas Entre A Internacionalização Da Educação Superior E A Política De Ciência, Tecnologia E Inovação
Mestrado	Souza, Lilian Cristina Rodrigues De	2022	UFPA	Educação	Pós-Graduação Stricto Sensu. Estudantes De Pós-Graduação. Desafios Do Pesquisador Em

					Formação. Formação De Novos Pesquisadores.
Mestrado	Padilha, Raimundo Wanderley Correa	2007	UFPA	Educação	A Reestruturação Produtiva e os Impactos na qualificação e na Formação Profissional do Trabalhador dos Supermercados
Mestrado	Souza, Denni Baia De	2023	UFPA	Linguagens E Saberes Na Amazônia	Análise Do Romance Mad Maria De Márcio Souza E A Tradução Para O Espanhol Europeu Por Basilio Losada: Movimentos Tradutórios Sob Perspectiva
Mestrado	Borges, Gedson Thiago Do Nascimento	2017	UFPA	Economia	Formação Do Capital Transnacional E A Dinâmica Do Investimento Estrangeiro Direto Na Amazônia Oriental
Doutorado	Gama, Sonia Maria Fonseca	2023	UFPA	Desenvolvimento Sustentável Do Trópico Úmido	COOPERAÇÃO INTERNACIONAL E DESENVOLVIMENTO PARA A AMAZÔNIA: A Internacionalização da Educação Superior no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA)
Doutorado	Bastos, Robson Dos Santos	2019	UFPA	Educação	A Educação Para A Cidadania Global Da Unesco E Seus Nexos Com A Formação De Professores De Educação Física No Pará
Doutorado	Matos, Andrea Cristina Cunha	2020	UFPA	Educação	Intensificação Do Trabalho Docente Na Educação Infantil Em Belém/Pa
Doutorado	Pereira, Mary Jose Almeida	2022	UFPA	Educação	Formação Continuada De Professores No Estado Do Pará Via Relação Público-Privada: Uma Análise Do Projeto Trilhas Do Instituto Natura Em Benevides-Pará
Doutorado	Rosa, Ana Claudia Ferreira	2023	UFPA	Educação	Dimensões Históricas E Legais Da Implantação Da Curricularização Da Extensão Nas Licenciaturas Dos Institutos Federais Da Amazônia: Uma Análise A Partir Do Ifpa
Doutorado	Cavalcanti, Lucenilda Sueli Mendes	2023	UFPA	Educação	A Unesco E A Formação Docente Para A Educação De Qualidade
Doutorado	Souza, Michele Borges De	2017	UFPA	Educação	A Política De Valorização Docente Na Rede Pública De Ensino Do Estado Do Pará (2007-2016): O Caso Parfor
Doutorado	Kalif, Kemel Amim Bittencourt	2007	UFPA	Desenvolvimento Sustentável Do Trópico Úmido	Ecologismo E Produtivismo No Espaço Rural Amazônico: Enfoque Em Uma Alternativa De Gestão Ambiental No Estado Do Mato Grosso

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

O quadro a seguir relata o uso dos descritores “*Universidade Federal do Pará*” AND “*Cooperação Sul-Sul*” nas pesquisas da UFPA. Algumas dessas pesquisas mostram bem o papel da UFPA na CSS. Nessas pesquisas podemos notar a importância de estudar o impacto do papel da UFPA nas suas relações com os países do Sul como a pesquisadora Josefina Jose Da Silva aborda.

Quadro 6: Descritores “Universidade Federal do Pará” AND “Cooperação Sul-Sul”

Nível	Autor	Ano	Universidade	Área	Título
Mestrado	Silva, Josefina Jose Da.	2017	UFPA	Ciência Política	Cooperação Brasil - Palop: Análise Comparativa Entre O Governo Fhc (1995-2002) E Lula (2003-2010).
Doutorado	Muto, Reiko.	2018	UFPA	Desenvolvimento Sustentável Do Trópico Úmido	Os Koutakusseis E Os Ideais Do Expansionismo Japonês Na Amazônia
Mestrado	SILVA, TIENAY PICANC O DA COSTA	2015	UFPA	Ciência Política	Análise Do Posicionamento Estratégico Do Brasil Frente Ao Conselho De Defesa Sul-Americano Da Unasul: De 2009 A 2015
Doutorado	Cruz, Silvia Helena Ribeiro	2010	UFPA	Desenvolvimento Sustentável Do Trópico Úmido	Turismo, Fronteira E Desenvolvimento Na Pan-Amazônia: Trajetórias Entre O Brasil E A Guiana Francesa.
Mestrado	Monteiro, Dion Márcio Carvaló	2004	UFPA	Desenvolvimento Sustentável Do Trópico Úmido	Estudo Sobre A Organização Da Produção Em Área De Assentamento No Sudeste Do Pará.
Mestrado	Cordeiro, Helrik da Costa	2011	UFPA	Biologia De Agentes Infecciosos E Parasitários.	Nematofauna De Proechimys Cf. Roberti (Thomas, 1901) (Rodentia: Echimyidae), Mamífero Silvestre Da Região Amazônica, Pará – Brasil.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Visto todas essas pesquisas, a importância em analisar a CSS no contexto da internacionalização da educação superior, é indispensável visto que a UFPA está tendo um papel fundamental no “des”envolvimento da região amazônica e na valorização dos povos tradicionais e culturas locais. Mas será que esse papel está sendo desempenhado de fato ou são apenas farsas? A nossa pesquisa vai mostrar como as cooperações podem favorecer a interculturalidade, o reconhecimento de identidades e a construção de um diálogo respeitoso entre povos do Sul.

1.3 ESCOLHA TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA.

De acordo com o mencionado, esta pesquisa busca a responder às questões levantadas a fim de alcançar os objetivos indicadas que tratam da compreensão das particularidades dos objetos problematizado. Faremos uso do referencial teórico-metodológico do Materialismo Histórico-dialético (MHD) para a apreensão do objeto, a relação entre o Ensino Superior e a Cooperação Sul-Sul (CSS) em especial a análise da cooperação internacional Sul-Sul na Universidade Federal do Pará sobre a CSS.

O Materialismo Histórico-dialético ¹³ afirma que os homens começaram a se distinguir dos animais não apenas pela consciência ou pela religião (fé), mas principalmente quando começaram a criar seus próprios meios de subsistência, processo por meio do qual, tanto de forma direta ou indireta passaram a produzir sua existência material.

Assim o Trabalho define a humanidade do homem. O que os indivíduos são se relaciona com a sua produção, tanto nos que produzem quanto nos métodos utilizados. Dessa forma a essência do indivíduo é moldada pelas circunstâncias materiais de sua produção. “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social o que determina sua consciência” (MARX, 2008, p. 276). Sob essa ótica, o modo de vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual.

Dessa forma, por compreender simultaneamente partindo do análise do MHD que “[...] estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida em sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade”, busca “[...] explicações coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento” (Triviños, 2008). Assim vamos considerar as relações sociais presentes desde sua gênese a través do trabalho:

¹³ Talvez uma das ideias mais originais do materialismo dialético seja a de haver ressaltado, na teoria do conhecimento a importância da prática social como critério de verdade. E ao focar historicamente o conhecimento, em seu processo dialético, colocou em relevo a interconexão do relativo e do absoluto. Desta maneira, as verdades científicas, em geral, significam graus do conhecimento, limitados pela história, mas, como já dissemos em outro lugar, este relativismo não significa reconhecer a incapacidade de o ser humano chegar a possuir a verdade, (TRIVIÑOS, 2008, p. 51).

[...] os homens não agem apenas sobre a natureza, mas também uns sobre os outros. Eles somente produzem colaborando entre si de um modo determinado e trocando entre si as suas atividades. Para produzirem, contraem determinadas ligações e relações mútuas, e é somente no interior desses vínculos e relações sociais que se efetua a sua ação sobre a natureza, isto é, que se realiza a produção (MARX, 2010)

Segundo (MARX, 2010), os homens fazem a suas próprias histórias, mas não as fazem como querem e sim limitadas pelas condições materiais e históricas de sua existência, o que quer dizer que a relação entre sociedade e indivíduo é delimitada pela classe social em que ele está. Assim segundo ela a sociedade se divide em duas classes principais: a classe dominante (burguesia) e classe trabalhadora (proletariado). Nesse contexto, o Estado exerce função basilar na manutenção das dinâmicas de poder vigentes:

[...] o Estado, por baixo das aparências ideológicas de que necessariamente se reveste, está sempre vinculado à classe dominante e constitui o seu órgão de dominação. Por consequência, as lutas de classe, que dilaceram a sociedade civil, devem tomar a forma de lutas políticas (Marx; Engels; Costa, 2001)

Essa contribuição do Estado em manter o poder do dominante e não ter um papel de neutralidade mostre bem a permanência de uma classe sobre outra. E no nosso caso o Estado pode bem querer manter a dominação dos Estados do Norte sobre os do Sul, já que eles possuem a maior parte do capital.

[...] O interesse comum se erige encarnado no Estado. Autonomizado e separado dos reais interesses particulares e coletivos, o Estado se impõe na condição de comunidade dos homens: Mas é uma comunidade ilusória, pois o Estado, por baixo das aparências ideológicas de que necessariamente se reveste, está sempre vinculado a classe dominante e constitui o seu órgão de dominação. (Marx; Engels; Costa, 2001)

Isso demonstra que mesmo que não é o Estado que cria a sociedade civil¹⁴, e que é a sociedade civil que cria o Estado, o Estado uma vez criado para usar seu poder para

¹⁴ Não é o Estado que cria a sociedade civil, conforme pretendia Hegel. Ao contrário, é a sociedade civil que cria o Estado. A sociedade civil é o verdadeiro lar e cenário da história. Abarca todo o intercambio

balizar as ideias da classe, o usa para fortalecer as ideologias da classe dominante sobre a classe proletária fortalecendo então as relações existentes.

Assim, essa metodologia foi adotada na nossa pesquisa como método da análise de realidade social por compreender que o fenômeno investigado está inserido em uma totalidade social e política que exige uma abordagem crítica, dinâmica e totalizante.

Segundo (PAULO NETTO, 2011), as categorias metodológicas que sustenta a base epistemológico de Marx são: a Totalidade, a Contradição e a Medição ¹⁵com quais o (Masson, 2012) soma com a Práxis.

Resumindo essas categorias vou usar como exemplo uma tabela de Masson, 2012 que está no trabalho de pesquisa de (SILVA JÚNIOR, 2024) ex-aluno do PPGED que exemplificou muito bem com a tabela seguinte:

Quadro 7: Categoria nucleares da concepção teórico-metodológica da teoria social de Marx – Materialismo Histórico-dialético:

CATEGORIA	DEFINIÇÃO, SEGUNDO MASSON (2012)
Totalidade	Considera a realidade como “totalidade concreta, ou seja, um todo estruturado em desenvolvimento. Captar a realidade em sua totalidade não significa, portanto, a apreensão de todos os fatos, mas um conjunto amplo de relações, particulares e detalhes que são captados numa totalidade que é sempre uma totalidade de totalidades” (p.4).
Mediação	Categoria responsável “por estabelecer as conexões entre os diferentes aspectos que caracterizam a realidade”. Segundo a autora, “a totalidade existe na e através das mediações, pelas quais as partes específicas (totalidades parciais) estão relacionadas, numa série de determinações recíprocas que se modificam constantemente” (p.4).
Contradição	Já a contradição, é a categoria que “promove o movimento que permite a transformação dos fenômenos. O ser e o pensar modificam-se na sua trajetória histórica pela contradição, pois a presença de aspetos e tendências contrários contribui para que a realidade passe de um estado qualitativo a outro” (p.5).
Práxis	Por fim, “a práxis representa a atividade livre, criativa, por meio da qual é possível transformar o mundo humano” (p. 4-5)

Fonte: (MASSON, 2012, p. 4-5) *Apud* (SILVA JÚNIOR, 2024)

Em resumo, para ser mais didático, podemos

material entre os indivíduos numa determinada fase do desenvolvimento das forças produtivas. (Marx; Engels; Costa, 2001)

¹⁵ A partir do exposto, percebemos que no enfoque marxiano, as categorias como totalidade, práxis, contradição e mediação são tomadas do método dialético a fim de que a realidade seja considerada como totalidade concreta, ou seja, um todo estruturado em desenvolvimento (Masson, 2012)

Quadro 8: Resumo da tabela antecedente.

Categoria	Descrição resumida
Contradição	Tensão entre opostos que move a realidade
Totalidade	Análise do todo social, e não de partes isoladas
Medição	Pontes que ligam o individual ao coletivo
Práxis	Ação consciente que transforma a realidade

Com essa abordagem clara e concisa segundo as premissas de Marx, podemos entender as realidades das coisas, a partir da realidade concreta. Essas categorias são importantes aprofundar pois nossa pesquisa se propõe a entender as medições, as totalidades, as práxis e as contradições que se encontra na cooperação Sul-Sul na UFPA.

Essa abordagem fundamentada em autores anteriormente mencionados, na teoria marxista e desenvolvida por outros autores como (GRAMSCI, 1955; KOSÍK, 1995; Marx; Engels; Costa, 2001; Saviani; Newton, 2012), compreende a realidade social como um processo histórico em permanente transformação, impulsionado por contradições internas. Segundo essa perspectiva, o conhecimento científico não pode fazer meras descrições, mas também ajudar para a sua transformação.

A realidade é estruturada por contradições internas e constantes que move a história e transforma a sociedade. Nessa pesquisa, as contradições se expressam dentro da UFPA na tentativa de promover uma educação inclusiva, transformadora e decolonial ao mesmo tempo em que enfrenta as estruturas históricas de desigualdade, cortes orçamentários e desafios epistemológicos imposto pela colonialidade do saber. De acordo com (Masson, 2012), “A contradição promove o movimento que permite a transformação dos fenômenos”, e essa contradição se manifesta na própria CSS constantemente tensionada entre a solidariedade internacional e os interesses nacionais, entre a valorização do saber e do conhecimento local, e a hegemonia de modelos acadêmicos eurocêntricos.

Sendo assim, captar a realidade em sua totalidade não significa, portanto, a apreensão de todos os fatos, mas um conjunto amplo de relações, particularidades e detalhes que são captados numa totalidade que é sempre uma totalidade de totalidades, (Masson, 2012), por isso a UFPA deve ser compreendida em sua inserção em uma

totalidade social e histórica mais ampla. Essa totalidade, leva em consideração o sistema educacional brasileiro, as políticas públicas de internacionalização, os intercâmbios, cooperações e fluxos migratórias Sul-Sul, o papel geopolítico da Amazônia, e os processos de globalização das periferias.

É possível conhecê-lo em sua totalidade, mas não de uma vez, porque é demasiado vasto. Somente pouco a pouco, é possível conhecê-lo em suas diferentes partes. Para isso, é preciso dominar as diversas ciências. Finalmente – e à medida que a ciência progride – o conjunto se torna cada vez mais rico e variado. (THALHEIMER, 2014, p. 50)

A análise da totalidade, previne interpretações isoladas e possibilita uma leitura coesa entre o local e o global, o institucional e o estrutural, o acadêmico e o político. Assim levaremos em consideração a interdependência do ensino, pesquisa, extensão, internacionalização e as realidades amazônicas.

Para o mesmo autor, a categoria de mediação por sua vez “é fundamental por estabelecer as conexões entre os diferentes aspectos que caracterizam a realidade” entre as políticas públicas brasileiras e as estratégias internacionais de cooperação, e entre saberes científicos e saberes tradicionais amazônicos. Na CSS, a UFPA se posiciona como mediadora entre conhecimentos gerados no Sul global e as práticas institucionais que almejam autonomia epistêmica e integração solidaria entre populações historicamente marginalizadas. Isso indica que a universidade não é somente um local de formação, mas um agente político capaz de estabelecer conexões entre países do Sul, entre indivíduo, historicamente marginalizado entre diversas epistemologias.

“A práxis representa a atividade livre, criativa, por meio da qual é possível transformar o mundo humano e a si mesmo.” (Masson, 2012). Ela articula teoria e prática. Nossa pesquisa busca revelar de que maneira a UFPA ajuda na mudança das realidades locais e globais, também quer demonstrar de que maneira os indivíduos (discentes, docentes, pesquisadores, migrantes, refugiadas, quilombolas e indígenas) geram conhecimento e interagem-se com a realidade para superar suas limitações. Essa investigação se baseia na ideia de que o saber gerado deve contribuir para a mudança social. Portanto, analisar a UFPA pela perspectiva da práxis possibilita não só entender

seu papel social, mas também indicar direções para expandir sua atuação como promotora da justiça cognitiva ¹⁶ e solidariedade internacional.

Quadro 9: Categorias da concepção do MHD de acordo com o tema de pesquisa.

Categoria	Descrição	Aplicação no Estudo	Objetivo na Pesquisa
Contradição	A realidade social é construída por tensões e conflitos entre elementos opostos que são responsáveis pelo movimento da história.	Tensão entre a proposta de uma Cooperação Internacional Sul-Sul horizontal, solidária e emancipatória e a inserção da UFPA em um sistema de internacionalização hegemônico por lógicas Norte-Sul, rankings, produtividade e mercantilização do conhecimento.	Entender de que maneira essas contradições impactam a efetividade da cooperação internacional e como a universidade ajuda a superá-las, criando formas de solidariedade.
Totalidade	A totalidade entende que a realidade social precisa ser examinada em sua totalidade, incluindo todas suas dimensões interconectadas.	A Cooperação Sul-Sul da UFPA integra a totalidade do sistema mundial de produção do conhecimento, marcado pelo capitalismo dependente, pelas políticas estatais de ciência e tecnologia, pelo Marco Legal da CT&I e pelas desigualdades históricas entre Norte e Sul Global.	Observar como a UFPA, inserida na totalidade amazônica e Sul-Sul, contribui para a criação de uma rede de solidariedade internacional e no fortalecimento da cooperação.
Mediação	A mediação é um processo que cria conexões entre diversos elementos ou área da realidade, explicando sua interdependência.	A UFPA atua como mediação institucional entre ciência pública, demandas territoriais amazônicas, políticas estatais e exigências do sistema científico internacional, viabilizando práticas de cooperação que negociam, sem eliminar, as contradições estruturais.	Investigar de que maneira a universidade pode mediar os processos de inclusão e solidariedade no âmbito da CSS, promovendo ambiente de aprendizado para todos.
Práxis	A práxis consiste na ação transformadora que conecta teoria e prática, visando transformar a realidade local.	A Cooperação Sul-Sul se concretiza como práxis transformadora nas ações de ensino, pesquisa e extensão, na mobilidade acadêmica, na produção de conhecimento contextualizado e na valorização de epistemologias do Sul,	Estudar de que maneira a práxis acadêmica na UFPA favorece a mudança social e o fortalecimento da CSS, além de destacar as ações de inclusão e transformação da universidade.

¹⁶ A justiça cognitiva é um conceito que defende a valorização e a coexistência de diferentes formas de conhecimento, indo além do paradigma científico ocidental dominante. Proposto por autores como Boaventura de Sousa Santos, busca superar a "injustiça cognitiva" (apagar saberes tradicionais/locais) através de um diálogo de saberes e da ecologia de conhecimentos, (Knob, 2024).

		apontando para alternativas contra hegemônicas na internacionalização da educação superior.	
--	--	--	--

Fonte: produção própria com base a tabela do Masson

Isso dito, o MHD parte da compreensão de que os fenômenos sociais não podem ser compreendidos isoladamente ou de forma abstrata, mas sim, como manifestação histórica de relação social específica permeada por contradições estruturais. Por conseguinte, a cooperação internacional Sul-Sul em relação à internacionalização da educação superior pode ser analisada como parte da totalidade das relações de produção do conhecimento no capitalismo atual, especificamente em nações periféricas do sistema mundial.

A internacionalização da educação superior, tal como acontece, está historicamente vinculada a uma lógica assimétrica (Muamununga et al., 2025), marcada pela centralidade das universidades do Norte Global como produtoras hegemônicas de conhecimento científico, padrões de excelência e critérios de validação acadêmica. As universidades do Sul Global no que lhes concerne, tendem ter uma posição subordinada nesse sistema, frequentemente restritas à absorção de modelos, agendas e epistemologias externas (Guilherme; Dietz; Santos, 2015).

Sob esse olhar, a Universidade Federal do Pará emerge como uma instituição em um território periférico¹⁷ que é a Amazônia que busca se inserir no processo de internacionalização ao mesmo tempo em que tenta responder a demandas e exigências locais, e regionais marcada em grande parte por desigualdades históricas¹⁸, socioambientais e epistemológicas. A CSS desenvolvida pela UFPA a meu ver com as leituras previas dessa pesquisa revela que, essa cooperação expressa uma tentativa de reorientação¹⁹ da internacionalização valorizando parcerias com países que compartilham trajetórias históricas símeis, como na África e na América Latina.

De acordo com a socióloga canadense Dorothy J. Smith, considerada a mãe da Etnografia Institucional (EI), a abordagem se concentra na análise das práticas e

¹⁷ Estou me referindo a um território periférico entendendo no sentido de que, um território periférico não é apenas uma localização geográfica distante de um centro, mas sim um espaço social e politicamente subalternizado e estruturalmente condicionado pela lógica da colonialidade do poder.

¹⁸ Frutos do colonialismo e do neocolonialismo do norte global.

¹⁹ Mas essa reorientação é perceptível devido aos gestores atuais da Universidade, pois historicamente ela se demonstrou muito tradicionalista e que quer apenas seguir a visão colonial e respeitar os princípios do Norte Global e ficando sempre na posição de subserviente.

relações de poder dentro das instituições sociais. Essa metodologia é uma forma de pesquisa que busca entender como as instituições e suas práticas moldam a experiência e a subjetividade dos indivíduos. Ela se apresenta então como uma perspectiva teórico-metodológico, voltada especificamente, para os estudos das organizações institucionais.

Vale ressaltar que essa abordagem (EI), sofreu uma grande influência do posicionamento epistemológico desenvolvido no âmbito dos estudos feministas, da etnometodologia de Garfinkel e do materialismo marxista do Karl Marx, o que Shari Brotman explica nessas palavras:

[...] Institutional Ethnography is a powerful political and emancipatory methodology which gives salience to both women's particular experience and the macro structures which shape that experience. As a methodology it articulates an epistemic, ideological and philosophical position which is both sensitive to voice and explicative of larger macro discourses. Given its breadth and scope as a critical tool for social science research, authors have tended, to date, to favour publishing information on Institutional Ethnography research which examines ideology and epistemology over explanations of strategies for data collection and analyses. (Brotman, 2000).

No que diz respeito à produção cuidadosa e exame minucioso das descrições de fenômenos sociais, a Etnografia Institucional é parecida a outras formas de etnografias que se preocupa em desvelar o contexto de vida em sociedade. Entretanto, diferente de muitas pesquisas etnográficas, a institucional não foca somente nas “experiências” ou na “cultura”, (Meira Vêras, 2011), Em vez disso, sua atenção se dirige para os processos de organização social. “Os etnógrafos institucionais estão voltados para a exploração e a descrição das várias forças sociais e institucionais que modelam, limitam e organizam o mundo cotidiano das pessoas.”(Meira Vêras, 2011).

A EI portanto é uma excelente metodologia para analisar instituições como as universidades quando deseja-se entender como as práticas, saberes e discursos são organizados na vida cotidianas dos sujeitos. Pois ela (EI) nos orienta oferecendo um caminho para dar conta de explicar de que forma o cotidiano institucional se articula com as relações sociais de grande processo social e/ou econômico.

Ao usar essa metodologia que também é uma abordagem qualitativa por (Smith, 2005), nos permite entender como as instituições “funcionam por dentro” partindo das experiências dos sujeitos que as habitam, mapeando as relações de poderes de

mediações e contradição na mesma linha que o MHD do Marx. Assim compreendendo como a UFPA implementa a CSS na prática, observando as vivências dos discentes, docentes, pesquisadores e gestores como mediação das políticas.

Isso pressupõe investigar editais, convênios internacionais, relatórios de mobilidades documentos da Pró-reitoria da pós-graduação (PROPESP) e da Pró-reitoria de relações internacionais (PROINTER), porque são instrumentos através dos quais a política da CSS é normatizada e colocado em prática. Elas guiam as ações dos atores institucionais e apontam as prioridades e orientações da UFPA no campo internacional (PDI_2016-2025. UFPA).

Por tudo que foi supramencionado, a adoção da Etnografia Institucional como fundamento metodológico de uso pontual e não simultânea na nossa pesquisa, permite perscrutar como a CSS é experienciada e produzida institucionalmente na UFPA, evitando uma abordagem meramente normativa ou descritiva, mas priorizando a vivência concreta e as práticas sociais dos sujeitos. Para assim proporcionar contribuições críticas e operacionais à universidade e a outras instituições do Sul interessadas em fortalecer a cooperação internacional (CSS) mais equitativa, inclusiva, transformadora e decolonial.

Por fim, a combinação do Materialismo Histórico-dialético e a Etnografia Institucional, favorece e permite uma análise crítica profunda da UFPA como espaço dinâmico, contraditório e em disputa, onde a cooperação internacional (CSS) e a inclusão de migrante/refugiados e das populações tradicionais (amazônidas) não são dadas, mas são construídas, mediadas e transformadas pedra por pedra e cotidianamente. Essa abordagem, portanto, ilumina os processos estruturais bem como os processos vividos, permitindo compreender como o ensino superior pode atuar como ferramenta concreta de transformação social e de solidariedade SUL-SUL.

Para fazer uma pesquisa qualitativa, iremos usar a análise documental como havíamos mencionados. Nessa perspectiva, esperamos ter informações qualitativas sobre o processo de internacionalização da UFPA, tanto em termos de experiências percebidas, vividas e modificadas, com base em Thompson (1981)²⁰

²⁰ “Para Thompson (1981), quando se fala em experiência, há de se considerar a experiência vivida, a experiência percebida e a experiência modificada, a partir das condições objetivas/subjetivas dos

Para as coletas documentais, usamos o zotero ²¹que é um software livre e gratuito de gerenciamento de referências bibliográficas, que facilita a organização, armazenamento e geração de citações e bibliografias em trabalhos acadêmicos e científicos. Ele permite a importação de artigos, livros, capítulos e outros tipos de fontes em uma biblioteca digital, além de facilitar a inserção de citações e referências nos documentos.

1.4 ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DA PESQUISA

A presente pesquisa para a elaboração da tese de doutorado em educação organizou-se em cinco seções a seguir:

- Seção I- INTRODUÇÃO. Onde apresentarmos o Objeto de Estudo, as questões problematizadoras mostrando as relevâncias científicas e sociais da pesquisa. Apresentamos também o objetivo geral da pesquisa e seus objetivos específicos, para poder responder as questões mencionadas. Para dar conta da pesquisa essa seção mostrou como vai ser feita a revisão bibliográfica e a escolha teórico-metodológico da pesquisa.

- Seção II- GEOPOLITICA MUNDIAL E AS COOPERAÇÕES INTERNACIONAIS. Nessa seção nos demos a liberdade de falar de cooperação Sul-Sul, do ensino superior e da UFPA, explicar sobre a geopolítica e sobre as cooperações internacionais. Pois temos muito assuntos que nossos leitores podem não entender e poderia dificultar o seu entendimento ao longo da leitura do nosso trabalho. Assim fizemos uma breve história sobre a geopolítica mundial, onde falamos da cooperação internacional e dos seus principais atores que embasam. Aproveitamos para falar sobre a cooperação

processos históricos estruturados, nos quais homens e mulheres se constituem em seu fazer—se como classe trabalhadora” (MAGALHÃES; TIRIBA, 2018, p. 10).

²¹ Fonte da própria plataforma para explica bem a ferramenta e seu uso, onde pode ser feito o download: <https://www-zotero-org.translate.goog/? x tr sl=en& x tr tl=pt& x tr hl=pt& x tr pto=tc>

educacional, a cooperação vertical e horizontal, para que nossos leitores possam ter um entendimento claro dessas noções fundamentais.

- Seção III- O ENSINO SUPERIOR: AS INICIATIVAS E OS PROGRAMAS DE COOPERAÇÃO SUL-SUL DA UFPA. Nessa seção, o foco é falar sobre o Ensino Superior, as iniciativas e os programas de CSS que a UFPA vem tendo nesses últimos anos. Para isso, abordaremos a noção de internacionalização do ensino superior, das formas de educação e as formas de internacionalização. Vale ressaltar também noções como a globalização do ensino superior, e a mundialização do ensino superior que parecem muito com internacionalização do ensino superior, mas são noções bem distintas.

- Seção IV- OS IMPACTO DAS INICIATIVAS E PROGRAMAS DE COOPERAÇÃO SUL-SUL DA UFPA NO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, NA INOVAÇÃO E NO COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTOS. Aqui, abordaremos o histórico e fundamento da cooperação Sul-Sul na UFPA, após isso falaremos sobre os programas e iniciativas concretas da UFPA voltada a CSS. A seguir, os impactos no desenvolvimento sustentável e compartilhamento de saberes e epistemologias do Sul.

- Seção V: OS DESAFIOS E OPORTUNIDADES ENCONTRADOS PELA (UFPA) NA IMPLEMENTAÇÃO DE PARCERIAS NA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL E SEU IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO LOCAL E REGIONAL. Para essa seção, vamos apontar os principais desafios enfrentados, as oportunidades criadas pelas parcerias internacionais, e por fim sobre a CSS como estratégia de valorização da UFPA.

- Seção VI: CONCLUSÕES, em que se busca tecer as conclusões da pesquisa, responder as questões de investigação e apontar as perspectivas futuras em relação ao objeto de pesquisa analisado no contexto da tese. Com isso podemos analisar, limites e possibilidade de avanços e contribuições para o campo científico.

SEÇÃO II – GEOPOLITICA MUNDIAL E AS COOPERAÇÕES INTERNACIONAIS.

Antes de entender sobre como as cooperações internacionais começaram a se difundir no mundo esse capítulo se propõe a fazer uma breve recapitulação do que o antecedeu. Relembrar noções da segunda guerra mundial e da guerra fria, nos dará uma clara visão, de como nós percebemos as cooperações hoje e entender o surgimento dessa nova palavra ou tendencia de CSS que está em voga. Isso permitirá aos nossos leitores o seu entendimento ao longo da leitura do nosso trabalho. Nesse capítulo fizemos uma breve história sobre a geopolítica mundial, falarmos da cooperação internacional dos seus principais atores. Aproveitamos para falar sobre a cooperação educacional, a cooperação vertical e horizontal, para que nossos leitores possam ter um entendimento claro dessas noções fundamentais.

2.1 BREVE HISTÓRIA SOBRE A GEOPOLITICA MUNDIAL

Durante o século XX, a geopolítica mundial foi marcada por uma disputa acirrada entre duas grandes superpotências, os Estados Unidos da América (USA) e seus aliados e a Uniao Soviética (URSS) e seus aliados. Esses períodos da história chamado de Guerra fria modelou o mundo em que vivemos hoje e deu uma repercussão notável sobre as relações internacionais.

A **geopolítica** sendo a ciência que estuda as relações entre os Estados, podemos dizer assim que é a conexão do **Estado** com seu território, necessidades, e as relações que esses Estado podem estabelecer com outros Estados. Nesse contesto Estados são aqueles que exercem relação de poder e soberania sobre seus territórios. Nesse cenário dois pontos fundamentais para a geopolítica são as forças armadas²² e a economia²³.

No início do século XX com os avanços dos meios de transporte e comunicação facilitando os intercâmbios entre nações, podemos perceber o estabelecimento de uma

²² Um dos principais meios que o Estado possui para garantir sua soberania.

²³ Acordos comerciais e recursos naturais que são elementos mais importante na economia.

ordem mundial que é uma relação de força e poder entre os Estados em um nível global (Velasco e Cruz, 2011).

Sabendo que os Estados são diferentes uns dos outros, possuem diferenças territoriais, populacionais, econômicas, em recursos naturais e militares. Assim podemos notar que existe hierarquias entre os Estados e podemos chamar então os maiores ou os mais poderosos de grandes potências mundiais. Então as Ordens mundiais podem durar muitos anos (décadas) com alguns países no comando podendo sofrer alterações ao longo do tempo. Esses países têm poderes iguais sendo que nenhum é forte o bastante para decidir sozinho como exemplo dos países como Reino unidos, França, Estados unidos, Alemanha, Japão no início do século XX até a segunda guerra mundial, o que chamamos de ordem multipolar (Martins, 2019).

Após a segunda guerra mundial em 1945, os Estados Unidos e a União Soviética que saíram fortalecidos da guerra. Chegaram a ser aliados acabaram se tornando rivais após a derrota do eixo. Eles tinham ideologias diferente o que levou as disputas ideológicas. Os Estados unidos e seus aliados que defendiam o capitalismo e a União soviética e seus aliados defendiam o socialismo criando um mundo bipolar ou ordem mundial bipolar. Winston Churchill ²⁴ o chamava de Cortina de ferro.

A corrida armamentista entre esses dois blocos foi o elemento central e fundamental da guerra fria. Essa doutrina da dissuasão mútua, consubstanciada na estratégia da dissuasão nuclear, levou a uma proliferação das armas nucleares e tensões notáveis. As crises dos mísseis de Cuba em 1962 por exemplo levaram o mundo a beira de uma guerra nuclear.

Mesmo assim, a URSS e os USA nunca se enfrentaram diretamente em um campo de batalha, eles apoiaram vários conflitos das periferias pelo mundo. Teremos como exemplos a guerra do Vietnam e a guerra da Coréia, onde os USA defendiam o sul contra a influência comunista do norte defendido pelo URSS e a China, também as crises de Cuba e de Berlim (Strachan, 2011).

²⁴ Winston Leonard Spencer Churchill (30 de novembro de 1874 - 24 de janeiro de 1965) foi um militar, estadista e escritor britânico que serviu como primeiro-ministro do Reino Unido de 1940 a 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, e novamente de 1951 a 1955.

Com isso vem uma sucessão de eventos. Por não ser o foco da nossa pesquisa deixaremos uma tabela feito por nós, mostrando a evolução de alguns acontecimentos entre as duas superpotências, os USA e a URSS ao longo do tempo até 1991 onde a Uniao soviética por diferentes problemas começou a dar diversos sinais de crise até a sua dissolução.

Mas podemos notar que nos fins dos anos 80 e início dos anos 90, a URSS se desmorona, dando o fim da guerra fria, símbolo da divisão est-oeste em 1989 dando caminho a uma Europa unificada e um mundo transformado. Os USA sobressaiam como a superpotência mundial com um mundo marcado pelas cicatrizes de uma era de confrontação (DA SILVA, 2023).

A guerra fria deixou uma herança muito complexa redefinido as alianças mundiais e influenciou as políticas internacionais durante décadas, modelando as instituições internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização do Tratado do Atlantico Norte (OTAN). Também introduziu novos conceitos como a détente (Munhoz; Rollo, 2014) ou o desanuviamento e a diplomacia do Ping-Pong (Kobierecki, 2016), deixando várias zonas de conflitos e de instabilidades em várias parte do mundo. A guerra fria foi um marco crucial na história deixando o mundo tal qual é, e modelando as relações internacionais que hoje existem, também dando uma divisão do norte e sul.

Quadro 10: Acontecimentos ao longo dos anos.

Estados unidos e Aliados	Anos	Uniao soviética e Aliados
Laçam Bombas nucleares em Hiroshima e Nagasaki	1945	
CIA	1947	
Plano Marshall	1948	
	1949	Cria suas próprias bombas nucleares
OTAN	1949	COMECON
	1954	KGB
	1955	Pacto de Varsóvia

	1957	Satélite artificial Sputnik
Niel Armstrong	1969	
	1991	Desintegração da URSS

Fonte: Pelo Autor da pesquisa.

Com o esgotamento das economia planificadas e a expansão do capitalismo, começou a se observar o surgimento de novos polos mundiais de poder com base na economia como a união europeia, o Japão, e china e outros países emergentes com isso formando uma nova ordem mundial de 1991 até os dias atuais chamado de uni-multipolar como bem explicou (TOMÉ, 2003). Multipolar de ponto de vista econômico e Unipolar de ponto de vista militar, mas que tende a se equilibrar vendo o aumento das forças militares da Rússia, China, Corêia e entre outro.

Com todos esses acontecimentos em 1945, 51 países se reuniram na conferência de são Francisco, aprovando a carta de princípios da organização chamado da Organizações das Nações Unidas (ONU).

Olhando na perspectiva da nossa metodologia, podemos analisar que a totalidade permite compreender a geopolítica como parte de um sistema independente e hierarquizado. O mundo é estruturado com Centro – Periferia – Semiperiferia (Corrêa, 2023), em que países centrais concentram capital, tecnologia poder político, enquanto países periféricos fornecem matérias primas, mão de obra barata e mercado consumidores. Assim sendo, nessa totalidade, as instituições multilaterais como o FMI, Banco Mundial e OMC funcionam como instrumentos de reprodução de hegemonia econômica. O discurso de globalização oculta relações assimétricas de poder e o desenvolvimento de uns está historicamente vinculado ao subdesenvolvimento de outros.

Nessa perspectiva, a sua contradição reside entre a expansão do capital globalizado e as condições desigual de desenvolvimento entre as nações. Ela se expressa de forma múltiplas entre países do Norte Global e do Sul Global como estamos mostrando nessa pesquisa de tese, entre soberania nacional e dependência econômica como se ver na leitura do mundo hoje tendo em vista a diplomacia dos Estados Unidos da América, e entre cooperação internacional discursiva e competição predatória real.

Podemos observar com as realidades atuais, crises financeiras, guerras, exploração de recursos de territórios (RDC, Mali, Burkina Fasso), disputas territoriais, e conflitos diplomáticos são manifestações dessa contradição.

Mas para encontrar transformação e alternativas nesse sistema mundial, temos que ter ações consciente capaz de transformar a realidade. No plano geopolítico, a práxis se manifesta na construção de alternativas a ordem hegemônica como fortalecimento da CSS, integração regional solidária, resistência a neocolonialismo econômico, cultural e epistêmico, principalmente a valorização do conhecimento produzido fora do eixo euro-norte-americano (Reato; Calgaro, 2021). Portanto, a emergência do atual sistema geopolítico, a indagação da unipolaridade e a disputa por narrativas mundiais aponta que a geopolítica mundial é um processo em movimento, marcado por conflitos, mas também por possibilidades históricas de transformação.

2.2 COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Nessa complexidade da geopolítica mundial, onde os interesses nacionais e as rivalidades históricas parecem mais importante, uma transformação silenciosa mais profundo começa a surgir na virada do século. Trata-se de uma época marcada por uma série de crises internacionais, onde os desafios transnacionais, como as mudanças climáticas, as pandemias mundiais, as migrações forçadas, os refúgios climáticos exigem respostas globais.

Embora AYLLON (2007) desvende que o surgimento da cooperação internacional no formato de relações internacionais teria sido posterior a Segunda Guerra Mundial e que não teria sido o fruto de motivação étnicas ou humanitárias, no início do século XXI, a comunidade internacional foi confrontada a uma série de grandes desafios que transcendem as fronteiras nacionais. O aquecimento global ameaçando a estabilidade ambiental mundial, as pandemias como o da COVID-19 demonstram a rapidez com a qual as doenças podem se propagar pelo mundo, e os movimentos migratórios forçados (guerras, mudanças climáticas, violação dos direitos humanos, trabalho escravo...) evidenciaram as consequências dos conflitos regionais e das desigualdades econômicas.

Diante desses desafios, as nações realizaram mesmo que seja lentamente, mas progressivamente as soluções unilaterais não eram suficientes. As novas formas de cooperações internacionais começaram a se erguer baseadas não somente na diplomacia tradicional, mas também sobre as parcerias multi-actores que envolvem as organizações internacionais, as ONGs e as empresas privadas.

O termo cooperação, que se tornou de uso comum após a Segunda Guerra Mundial, pode ser visto como uma noção que se refere a uma ideologia. Nesse sentido, segundo (Touscoz, 1973), pode-se dizer, por exemplo, com autores marxistas, que o sistema internacional evoluiu da Guerra Fria para uma coexistência pacífica e que a cooperação constitui a forma ativa e positiva dessa coexistência; a cooperação Leste-Oeste por exemplo é então apresentada como uma forma particular de “luta de classes” em escala internacional; a cooperação vai além das meras relações pacíficas, pois implica o desenvolvimento de vínculos culturais, intercâmbios científicos e acordos econômicos; permitir o estabelecimento de vínculos diretos entre as pessoas, independentemente da estrutura social e política de seus Estados, é a melhor garantia de paz e, de acordo com os marxistas, o caminho mais seguro para a vitória completa e definitiva do comunismo em escala mundial. A cooperação é, portanto, parte da ideologia do crescimento (ou desenvolvimento).

A cooperação internacional, por conseguinte, é um processo pelo qual os países colaboram para o seu desenvolvimento e para chegar a um objetivo comum, seja elas econômicos, políticos, sociais, meio ambientes, desenvolvimentos sustentáveis, educacionais, paz ou culturais. Essa cooperação pode se manifestar de diferentes maneiras, sendo de ajuda humanitário, desenvolvimentos econômicos, proteção do meio ambiente e a promoção da paz. Para um desenvolvimento sustentável e equitativo, as cooperações fixam-se sobre a coletividade para resolver os desafios mundiais. A secretaria de relações internacionais (SERINTER) (INTERNACIONAIS, 2022) reafirma que “Entende-se por cooperação internacional o ato em que dois ou mais países ou instituições se ajudam para atingir um objetivo em comum, por meio de instrumentos cooperativos, com envolvimento ou não de recursos financeiros”. O que se reafirma na Secretaria Geral da Educação e Ciência de Portugal (SEC-Geral) quando afirma que a cooperação internacional,

[...], engloba todas as atividades desenvolvidas no quadro da denominada cooperação multilateral, isto é, no âmbito das relações com múltiplas organizações internacionais atuantes no domínio da educação e da ciência, como o Conselho da Europa, a OCDE, a OEI, a ONU e a UNESCO, bem como no quadro da cooperação bilateral estabelecida com os outros países. A intervenção das áreas governativas da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e da Educação no âmbito da cooperação multilateral e da cooperação bilateral insere-se no quadro da ação desenvolvida pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE). (SEC, 2024)

Com isso podemos ver que a Cooperação Internacional (CI) engloba um conjunto de conceito variado, que pega um sentido ou forma variada de acordo com quem a usa e que evolui de acordo com a época. Se observa muita cooperação internacional no sentido de cooperação internacional para o desenvolvimento, que é um acordo ou uma parceria entre dois estados (entidade) ou mais cujo objetivo é o desenvolvimento de pelo menos uma dessas entidades ou estado. Se implica uma realização conjunta entre duas entidades se fala de co-operação, e ela vem de uma herança histórica, com uma direção implícita de país desenvolvido para países não (sob) desenvolvido, do Norte para o sul. A tendencia é sair dessa logica com a nova forma de cooperações, como a cooperação sul-sul.

Se a gente foca na semântica desse conceito da CI, percebemos que tem uma evolução de léxico ao longo dos anos como: Ajuda humanitária (Bijos; Silva, 2019), ajuda pública ao desenvolvimento (Varandas, 2018), cooperação técnica (ABC, 2012), solidariedade internacional (Messere, 2021), cooperação para desenvolvimento (Patrícia, 2014), cooperação descentralizada (Prado, 2020), cooperação bilateral (Bussotti; Macamo, 2018), ajuda orçamentaria (Pazarbasioglu, 2022). Inicialmente nos anos 1960-1970, o conceito de transferência de competência é mais mencionado nas cooperações técnicas, onde o conhecimento e o saber fazer é o apanágio dos países desenvolvido, esses saberes que tem que transferir para os países do sul global ou países subdesenvolvidos, essa semântica evoluiu para uma colaboração de parceria. Se fala mais hoje de solidariedade internacional mesmo se a CI é o mais usado.

Le monde diplomatique définit la CI comme : Opérations et politiques de transferts financiers, matériels ou de ressources humaines entre pays, non-gouvernementales (ONG), bilatérales, multilatérales (plusieurs États organisés vers un pays) ou décentralisées (de collectivité territoriale à collectivité territoriale) dans

différents domaines, au service d'actions ou de programmes communs : scientifiques et universitaires, culturels, politiques, diplomatiques (traités et accords de paix, médiations), militaires ou économique (Le monde, 2024). Traduzindo em português são operações e políticas que envolvem transferências de recursos financeiros, materiais ou humanos entre países, sejam elas não governamentais (ONGs), bilaterais, multilaterais (vários Estados organizados para um país) ou descentralizadas (de uma autoridade local para outra) em vários campos, em apoio a ações ou programas conjuntos: científicos e acadêmicos, culturais, políticos, diplomáticos (tratados e acordos de paz, mediação), militares ou econômicos.

A CI é essencial em nosso mundo globalizado e interconectado. Ela se baseia na ideia de que os desafios globais, como a pobreza, os conflitos armados, as explorações, as exclusões, as discriminações e as mudanças climáticas, não podem ser resolvidos por um país agindo sozinho. As nações devem trabalhar juntas, compartilhando recursos, conhecimento e tecnologia para atingir objetivos comuns de paz, desenvolvimento sustentável e prosperidade. Essa cooperação assume muitas formas, desde a ajuda humanitária e o desenvolvimento econômico até a proteção ambiental e a promoção dos direitos humanos.

Na ótica do MHD, a contradição está na fricção entre a retórica da solidariedade e a prática ou a realidade da dominação. Apesar de ser apresentada como uma parceria entre iguais, a cooperação internacional muitas vezes se manifesta por meio de relações desiguais, assimétricas e verticais, onde países doadores impõem agendas, condicionalidades e modelos institucionais aos países beneficiários²⁵(Moura, 2023), (Conseil européen, 2025). Como havíamos dito essa discrepância se manifesta em desigualdade na transferência de conhecimento e de tecnologias, dependência econômica e técnica, submissão ou subordinação das políticas nacionais a interesse externos. Concomitantemente, essa mesma contradição cria oportunidade para modos alternativos de cooperação, especialmente quando nações do Sul Global tentam estabelecer vínculos fundamentais na horizontalidade, na valorização da soberania e na troca de conhecimento, qual objetivo dessa pesquisa.

²⁵ Os Estados Unidos **impuseram tarifas de 30%** sobre as importações da África do Sul e permitiram que o *African Growth and Opportunity Act* (AGOA) expirasse em setembro de 2025, o que efetivamente **eliminou os benefícios comerciais preferenciais** para o país africano. (By, 2025).

Portanto a práxis, refere-se à ação consciente voltada à transformação da realidade social. No contexto da CI, a prática se revela na criação de modelo alternativos, principalmente através das Cooperações Internacionais Sul-Sul. Pois essa colaboração questiona a posição central do Norte Global na geração de conhecimento, a valorização e conhecimentos locais e vivenciais regionais, sempre procurando minimizar as desigualdades históricas na disseminação do saber, da ciência e da tecnologia. Visto que quando guiada por princípios emancipadores e decoloniais, a CI pode ajudar e contribuir em fortalecer instituições, promover a autonomia científica e estimular o desenvolvimento sustentável, principalmente em situação como a da Amazônia e da Universidade Federal do Pará.

2.3 OS PRINCIPAIS ATORES DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Temos uma série de atores que concentra suas ações na CI tanto nos setores públicos quanto privados, indo do governo até as organizações não governamentais (ONG) passando pelas organizações internacionais. Para mencionar cada um temos:

2.3.1 Estados e Governos nacionais:

Os governos nacionais ou Estados são os principais atores para a cooperação internacional. Eles atuam como os principais constituintes na formulação, aplicação e execução das políticas internacionais. Eles participam dos acordos binacionais e multinacionais (pelos seus embaixadores e representantes do governo), fornece ajuda para o desenvolvimento e participam das organizações internacionais. Vários ministérios do governo têm esse importante papel como o Ministério das Relações Exteriores, Ministério do Comercio, Agência Brasileira de Cooperação. As suas participações são fundamentais para asseverar a paz, a segurança e o desenvolvimento econômico global (Slaughter, 2005). Por meio da diplomacia, das negociações de

tradados e da participação das organizações internacionais, os Estados e Governos Nacionais plasman as regras e normas que regem as relações internacionais.

A ajuda para o desenvolvimento ²⁶é outro lado da moeda da CI usado pelos Governos Nacionais. Os países desenvolvidos (do norte) prestam assistência financeira e técnica para os países em desenvolvimento (do sul) para os ajudarem a atingir os seus objetivos de desenvolvimento sustentável (Slaughter, 2005). Essa assistência pode assumir a forma de subvenções, empréstimo a juros baixos, programas de formação e transferência de tecnologias. Os Governos Nacionais ou Estados trabalham em parceria com as organizações financeiras globais, como o Banco Mundial (BM) e o Fundo Internacional Mundial (FMI) para obter fundo para o desenvolvimento socioeconômico.

A cooperação na segurança é crucial para manter a estabilidade internacional. Os Estados e Governos Nacionais fazem alianças militares como a Organização do Tratado do Atlantico Norte (OTAN), o Conselho para Assistência Econômica Mútua (COMECON) que se extinguiu no dia 28 de junho de 1991 e a Aliança dos Estado do Sahel (AES)²⁷(Bassou, 2024), para proteger os seus interesses comuns e impedir a agressão. Além do mais a luta contra o terrorismo, e o crime organizado (como o caso do Mali, Burkina Faso, Niger e outros países da região) necessita uma cooperação transfronteiriça, com intercâmbio de informações e cooperação conjunta entre forças de segurança de diferentes países.

Além de tudo, eles têm um papel vital na promoção de direitos humanos e da democracia. Os programas de apoio à democracia têm por objetivo reforçar as instituições democráticas, promover uma governança transparente e incentivar a participação do cidadão.

Por conseguinte, podemos compreender o Estado e Governos nacionais como parte integrante de um sistema capitalista mundial segundo os princípios de totalidade do MHD, articulado por relações financeiras, políticas e ideológicas que transcendem as fronteiras. Pois nessa estrutura de capitalismo, os Estados estão inseridos na divisão internacional do trabalho, o Norte exercendo sua hegemonia sobre o Sul que por sua vez

²⁶ É uma nova forma de colonização, é o que deixou muitos países africanos ajoelhados e endividados que não conseguem sair da pobreza. Pois essas ajuda para o desenvolvimento acaba custando mais cara e enriquecendo cada vez mais os países que os oferecem.

²⁷ A Aliança dos Estados do Sahel é um pacto de defesa mútua criado entre as juntas militares que controlam o Mali, o Níger e o Burkina Faso em 16 de setembro de 2023.

continua enfrentando dependência estrutural. Destarte, a soberania estatal é condicionada pelas dinâmicas mundial do capital, o que retrata nas políticas financeiras educacionais, tecnológicas e de CI adotadas pelos governos nacionais.

2.3.2 As Organizações Intergovernamentais (OIG)

As OIGs desempenham um papel fundamental na cooperação internacional, proporcionando plataformas para colaboração entre Estados em uma multiplicidade de questões globais. As organizações como a Organização das Nações Unidas (ONU), a União Europeia (UE), a Organização Mundial do Comércio (OMC), União Africana (UA), e a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) facilitam o diálogo, a negociação e a aplicação de políticas comuns. Servem como fórum onde os governos podem abordar questões globais complexas, coordenar as suas ações e encontrar soluções coletivas (Branco, 2007).

Seguramente, as OIGs além de proporcionar um fórum de diálogo e de negociação, através de reuniões regulares, cúpula (cimeira) e conferências para que os Estados-Membros possam discutir as suas preocupações, trocar informações e chegar a acordos sobre questões de interesses comuns, elas também têm um papel fundamental na coordenação das políticas e ações internacionais. Elas harmonizam os esforços dos Estados-Membros para atingir objetivos comuns e maximizar a eficácia das iniciativas globais.

Temos como exemplos, a **Assembleia Geral das Nações Unidas** que favorece aos seus Estados-Membros encontrar e debater os problemas globais desde a paz e a segurança até o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável. Esse diálogo é fundamental para evitar confrontos, resolver disputas e reforçar a cooperação multilateral. A ONU inclui também as agências especializadas como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e outras. A **Organização Mundial da Saúde** (OMS) coordena as respostas internacionais a epidemias e pandemias facilitando a cooperação entre governos para controlar a propagação das doenças e compartilhar os recursos médicos. Essa coordenação é crucial para responder as crises globais de forma

rápidas e eficazes como o caso da COVID19. O **Banco Mundial** e o **FMI** por exemplo, forneceram assistência financeira e técnica aos países em desenvolvimento para os ajudarem a estabilizar as suas economias, reduzir a pobreza e promover um crescimento sustentável. Essas organizações implementam programa de desenvolvimento, financiam projetos de infraestruturas e prestem consultoria sobre políticas econômicas. Tudo isso para ajudar os países com o objetivo de atingir metas de desenvolvimento sustentável e melhorar as condições de vida de suas populações (Silva, 2020).

Em suma, as OIGs são atores fundamentais nas cooperações internacionais (BRANCO, 2007). Ao proporcionar fórum de diálogo, coordenar políticas e ações, apoiar o desenvolvimento econômico e social, promover direitos humanos e proteger o meio ambiente, elas desempenham um papel central na gestão dos desafios globais. Sua capacidade de reunir os Estados e facilitar as colaborações internacionais é essencial para a construção de um mundo mais pacífico equitativo e sustentável.

2.3.3 As Organizações Não Governamentais (ONG)

As organizações não-governamentais (ONGs) constituem um grupo diverso e multifacetado. Suas perspectivas e suas áreas de atuação podem ser locais, regionais ou globais. Algumas se dedicam a determinadas questões ou tarefas; outras são movidas pela ideologia. Algumas visam ao interesse público em geral; outras têm uma perspectiva mais estreita e particular. Tanto podem ser pequenas entidades comunitárias cujas verbas são escassas, como organizações de grande porte, bem-dotadas de recursos humanos e financeiros. Algumas atuam individualmente; outras formaram redes para trocar informações e dividir tarefas, bem como ampliar seu impacto. (COMISSÃO SOBRE GOVERNANÇA GLOBAL, 1996, p. 192 *apud* (MACHADO, 2009)).

Elas desempenham um papel na CI, atuando como entidades independentes e flexível para responder rapidamente as crises humanitárias e incentivar o desenvolvimento sustentável. Ao contrário dos Estados, Governos nacionais e OIGs, as ONGs geralmente podem trabalhar diretamente com as comunidades locais para identificar e responder de forma eficaz às suas necessidades específicas. Seu foco nos

beneficiários permite uma intervenção mais precisa que corresponde melhor às condições locais (do território).

A assistência humanitária é um dos principais campo de intervenção das ONGs. Em casos de catástrofes naturais, conflitos armados ou crises sanitárias, as ONGs estão geralmente entre os primeiros a intervir. Elas fornecem ajudas imediatas como alimentos, águas, abrigos e atendimento médico. Organizações como Médico Sem Fronteiras (MSF, 2024), a Cruz Vermelha (CICV, 2024) desenvolveram uma expertise inigualável em gerenciamento de crise, intervindo de forma rápida e eficaz (dependendo do continente, do país ou da localidade) para salvar vidas e aliviar sofrimentos. Sua capacidade de mobilizar recursos e mobilizar pessoal qualificado no local as torna parceria indispensáveis nas respostas humanitárias internacionais (Ribeiro, 2020).

As ONGs têm um papel fundamental no desenvolvimento socioeconômico nos países em que atuam. Elas implementam projetos de desenvolvimento comunitário, com o objetivo de melhorar as condições de vida das populações vulneráveis. Esses projetos podem incluir a construção de infraestrutura básica, a melhoria do sistema educacionais, a promoção de acesso à água potável e a criação de programa de saúde. Por exemplo o Instituto Hounsou de Integração África-Amazônia – HAFAMA (HAFAMA, 2024) e a Oxfam trabalham em iniciativas de desenvolvimento sustentável que visam capacitar as comunidades locais, desenvolver sua capacidade e promover o desenvolvimento inclusivo e equitativo.

As organizações não-governamentais desempenham um papel essencial na promoção dos direitos humanos e na proteção do meio ambiente. Elas supervisionam as transgressões dos direitos humanos, promovem a conscientização pública e pressionam os governos para que respeitam esses direitos. Instituições como Anistia Internacional e a Human Rights Watch registram violações e promovem justiça, contribuindo para intensificar a defesa dos direitos humanos globalmente. No âmbito ambiental, as ONGs como WWF Greenpeace e SOS Mata Atlântica, realizam ações para preservar os ecossistemas, estimular a diversidade biológica e combater as alterações climáticas, influenciando, dessa forma as políticas ambientais.

Além disso, as ONGs desempenham papeis fundamentais na educação e na conscientização. Elas desenvolvem programas educacionais para melhorar a alfabetização, as habilidades vocacionais e a conscientização sobre questões sociais,

ambientais e raciais. As organizações como a Save the children, Plan Internacional e Instituto HAFAMA trabalham para garantir o acesso à educação de qualidade, ajudando a quebrar o ciclo da pobreza e promovendo o desenvolvimento sustentável. Através de suas capacidades de agir rapidamente em situações de emergência e trabalhar em conjunto com diversas partes interessadas, as ONGs desempenham um papel importante na promoção de um mundo mais justo equitativo e sustentável (Ribeiro, 2020).

Todavia, as ONGs não podem ser percebida ou entendida como um autor neutro, apolíticos ou apenas humanitários na luz do materialismo histórico-dialético. Elas representam modos históricos de organização social, inserido em certas condições materiais de existência e atravessado pelas contradições estruturais do sistema de produção capitalista, principalmente no âmbito da reconfiguração do Estado e da sociedade civil no capitalismo atual. A análise dialética requer a compreensão das ONGs como parte de uma totalidade social, conectado ao Estado, mercado, organismos internacionais e as políticas públicas. Longe de serem organizações autônomas e independentes, as ONGs funcionam muitas das vezes com dependência financeira de fundos públicos, agências multilaterais, empresas privadas e fundações internacionais.

Essa inclusão na totalidade demonstra que as ONGs podem desempenhas várias funções como: instrumentos de mitigação das desigualdades, a ajuda para a reprodução da ordem social, espaços de resistência, espaço de denúncia e de mobilização política. Essa ambiguidade, é uma característica principal de sua posição na estrutura social. Por isso o Instituto HAFAMA emerge nessa totalidade, trabalhando em territórios marcados por desigualdade estrutural, racismo histórico, migração forçada e exploração ambiental, mais precisamente no contexto amazônico. Essa atuação, indica uma tentativa uma superação da logica somente e puramente assistencial, ainda que enfrentando limites estruturais impostos pelo financiamento, pelas políticas públicas e pelo contexto internacional.

A contradição das ONGs, está na tensão entre sua missão social e sua participação nas relações capitalistas de financiamento e administração. Sabemos que por um lado as ONGs são defensores de direitos humanos e promovem a justiça social e a transformação das condições de vidas das populações vulneráveis. Mas por outro lado, por mais vezes as ONGs atuam de acordo com metas de desempenhos e critérios de eficiência impostos por financiadores nacionais e internacionais. Essa contradição se

mostra, quando projetos sociais são adaptados para cumprir critérios de editais e indicadores, em prejuízo das verdadeiras necessidades das comunidades assistidas. Dessa forma, a atuação das ONGs pode acabar despolitizando e/ou desideologizando conflitos sociais, abordando conflitos estruturais questões técnicas.

2.3.4 Parcerias Público Privadas (PPP)

Por sua vez, as Parcerias Público Privadas, as famosas (PPP), estão desempenhando papéis cada vez mais notáveis nas relações internacionais, reunindo os recursos e expertises dos setores públicos e privados para responder os desafios mundiais. Essas colaborações combinam as habilidades técnicas e gerenciais das empresas privadas com a autoridade regulatória e a capacidade de financiamento dos governos. Ao unir forças as PPPs podem projetar financiar e implementar projetos de infraestrutura, desenvolvimento e serviços públicos em grande escala, compartilhando os riscos e as recompensas entre os parceiros. Esse modelo é particularmente útil em áreas como energia, transporte, água e saneamento, onde a necessidade de capital e conhecimento especializado é alta como afirma os autores Elisabetta Iossa, David Martimort, Jérôme Pouyet da revista *Économique* de 2008/3.

Dans le cas d'un ppp, la puissance publique délègue au contraire au secteur privé l'ensemble de ces tâches et signe un contrat de long terme avec ce dernier pour la fourniture du service. Le partenaire privé, souvent un consortium d'entreprises ayant des avantages comparatifs dans l'exercice de chacune de ces tâches, est responsable des investissements en capital requis, de leur financement soit par l'emprunt auprès du secteur bancaire, soit par les prix payés par les consommateurs pour l'usage. Enfin, le partenaire privé gère ses actifs avec en ligne de mire la date de renouvellement du contrat et les conditions du transfert des droits de propriété qui peut alors avoir lieu. (Iossa; Martimort; Pouyet, 2008)

As PPPs são frequentemente usadas para apoiar o crescimento econômico social das nações em desenvolvimento em um contexto de cooperação internacional. Os governos dessas nações trabalham em parcerias com empresas internacionais para construir infraestruturas essenciais como rodovias, hospitais e escolas a fim de

promover o desenvolvimento econômico e melhorar o bem-estar de suas populações. O PPPs é lançado para modernizar por exemplo as estruturas de telecomunicação em áreas remotas, fornecendo acesso a serviço de comunicação de última geração. Um exemplo mais claro é das autoridades benineses que promoveram as parcerias público-privadas (PPP) como meio de financiamento de 61% dos investimentos previstos no primeiro plano de ação governamental (2016-2021) e fixaram o objetivo de 52% para o segundo (2021-2026). Por exemplo, para melhorar a rentabilidade do porto de Cotonou, o Governo do Benin optou por uma parceria público-privada, delegando a sua gestão no porto internacional de Antuérpia. segundo (2021-2026) (Banque mondiale, 2023). Todas essas iniciativas também ajudam a gerar empregos locais, a transferir habilidades e a impulsionar a economia local.

Assim, ao trabalhar com o setor privado, os governos podem ter acesso as inovações tecnológicas e aos investimentos necessários para desenvolver projetos ecologicamente corretos, como energias renovável e infraestrutura de transporte verde. Por fim as PPPs, podem fortalecer a governança e a transparência na gestão dos projetos internacionais. Ao envolver o setor privado, os projetos de PPP geralmente são sujeitos a rigorosos padrões de desempenho e mecanismo independente do monitoramento e avaliação. Isso pode ajudar na diminuição da corrupção, na melhoria da eficiência e na garantia de que os projetos realmente beneficiem as comunidades locais. Além disso o engajamento do setor privado pode estimular maior responsabilidade e gestão aprimorada dos recursos públicos. Assim as Parceria Público-Privada não servem apenas para angariar fundos, mas também para elevar a qualidade e a eficácia dos projetos de desenvolvimento a nível global.

Temos outros atores de CI como as **Organizações regionais** que facilitem as cooperações entre países da mesma região para resolver problemas comuns e promover desenvolvimento regional. Temos o MERCOSUL que fortalece a economia regional, aumenta o intercâmbio de tecnologia entre os países e, claro, favorece as exportações e importações, especialmente para as empresas brasileiras. Além disso, facilita o turismo entre os países do bloco. A Uniao Africana que promove a unidade e o desenvolvimento nos países africanos. A Associação das Nações da Asia do Sudeste (ASEAN) que favorece a cooperação econômica, política e de segurança no sudeste asiático. Temos as **Instituições Financeiras Internacionais** que fornecem financiamento e assistência técnica para os projetos de desenvolvimento pelo mundo como: o Banco Africano de

Desenvolvimento (BAD) que promove o desenvolvimento sustentável do continente. O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) financia projetos de desenvolvimento econômico, social e institucional e promove a integração comercial regional na área da América Latina. E os **Atores da Sociedade Civil** que são os grupos da sociedade civil, os sindicatos, os grupos de defesas de direitos humanos e os movimentos comunitários que intercedem para políticas justas monitorando as ações dos governos e das empresas (Sarmiento, 2016).

Por outro prisma, as PPPs não podem ser compreendidas apenas como instrumento técnico de gestão de solução administrativa para a provisão de setor público. Elas devem ser vistas como manifestações históricas das contradições do modo de produção capitalista essencialmente em sua fase neoliberal, marcada pela transformação do papel do Estado, pela financeirização da economia e pela ampliação da lógica comercial sobre espaço tradicionalmente público (COMERLATTO, 2013).

E quando nós nos referimos a um entendimento a luz do materialismo histórico-dialético do Marx, podemos entender que o Estado não é uma entidade neutra, mas um agente inserido nas relações sociais de produção, trabalhando para mediar conflito de classe e garantir as condições de reprodução do capital. Assim as PPPs vêm como uma maneira de mediação institucional entre os interesses públicos e os interesses do capital privado, atendendo as crises fiscais do Estado e as demandas do mercado para acumulação (Comerlatto, 2013).

As Parcerias Público Privadas surgem então em um contexto de crise do Estado de bem-estar social e de avanços das políticas neoliberais, que promovem a diminuição da atuação direta do Estado na economia e o aumento na presença do setor privado na disponibilização de bem e serviços públicos. Deste modo, as PPPs são resultadas de um período histórico particular, caracterizado pela reconfiguração das fronteiras entre público e privado. Isso demonstra claramente que não são soluções sustentáveis nem universais nem atemporais, mas sim reações políticas da contradição estruturais do capitalismo, como a incapacidade do Estado dentro dos limites impostos pela lógica de acumulação, de financiar políticas públicas sem depender do capital privado (COMERLATTO, 2013). Esse conflito entre função social do Estado e a lógica de acumulação do capital privado mostra claramente como elas materializam essa contradição ao absorver a mercantilização

Percebemos da mesma forma uma contradição ao absorver a racionalidade mercantil na gestão pública. Embora sejam justificadas pelo discurso da eficiência, de inovar e de modernizar, a gestão administrativa, elas por muitas vezes quase rotineira transferem recursos público para setor privado e subordinam tomadas de decisões estratégicas a critérios de lucro, colocando em risco o interesse público²⁸.

2.4 AS FORMAS DE COOPERAÇÕES INTERNACIONAIS.

Existe várias formas de cooperações internacionais entre nações. Uma das manifestações mais visíveis da cooperação internacional é a ajuda ao desenvolvimento, em que os países desenvolvidos fornecem assistência financeira e técnica aos países em desenvolvimento (Cooperação Financeira, Ajuda humanitária e desenvolvimento, cooperação técnica...). Essa ajuda tem como objetivo melhorar a infraestrutura, a saúde, a educação e as condições de vida nas regiões mais desfavorecidas (Cooperação em Saúde, Cooperação Educacional, Cooperação Científica e Tecnológica, Cooperação Ambiental...). A cooperação econômica e comercial também é fundamental, facilitada por organizações como a Organização Mundial do Comércio (OMC), que incentiva o comércio justo e reduz as barreiras tarifárias (Redes transnacionais, Parceria Público Privado, Organizações internacionais, Cooperação Sul-Sul...). Em termos de segurança, organizações como a Organização das Nações Unidas (ONU) desempenham um papel fundamental ao enviar missões de manutenção da paz para evitar conflitos e proteger civis em áreas de tensão (Acordos bilaterais ou multilaterais, Diplomacias internacionais).

Para dar alguns exemplos de cooperação temos:

A **cooperação Bilateral** que se estabelece entre dois países, as vezes formalizada por acordos ou tratados bilaterais. Podemos ter áreas de atuação diversas como educação, cultura, economia, defesa, ajuda para desenvolvimento. Como exemplo temos a

²⁸ Temos vários exemplos no nosso dia, dia como empresas pagas para iluminação públicas no Brasil principalmente no Pará onde essas empresas são contratadas por longa duração com baixa participação social, uma transferência estável de recurso publico garantindo lucro mesmo em contexto de crise fiscal, e para piorar uma dificuldade na fiscalização dos contratos pelo município. Mesmo exemplo na contratação das empresas de gestão de resíduo solido como Cilus.

cooperação Brasil-Alemanha²⁹ (Vargas, 2011), Brasil-Moçambique (Bussotti; Macamo, 2018), Brasil-Benin (Ministério da Defesa, 2023).

A **cooperação multilateral** que envolve vários países, instituições ou partes. Essa forma de cooperação é facilitada as vezes por organizações internacionais ou por alianças. Ela possibilita o enfrentamento de questões globais como as mudanças climáticas, segurança internacionais e saúde pública como afirma a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) (2024). Temos como exemplos a cooperação entre os Estados do Sahel (Bassou, 2024), a cooperação entre o Brasil e as Nações Unidas (Sardenberg, 2005) e a cooperação multilateral climática (César et al., 2020).

A cooperação técnica multilateral é aquela desenvolvida entre o Brasil e organismos internacionais com mandato para atuar em programas e projetos de desenvolvimento social, econômico e ambiental. O objetivo desse relacionamento é o de gerar e/ou transferir conhecimentos, técnicas e experiências que contribuam para o desenvolvimento de capacidades nacionais em temas elencados como prioritários pelo Governo brasileiro e sociedade civil, assumindo-se como horizonte de trabalho a autossuficiência nacional em termos dos conhecimentos requeridos para conceber e operacionalizar políticas e programas públicos com repercussão sobre o desenvolvimento socioeconômico do país. (ABC, 2024)

2.4.1 Cooperação Educacional

De acordo com a Divisão de Assuntos Educacionais (DAE), a política externa brasileira age em, pelo menos, três vertentes, por meio das ações de cooperação educacional: econômica, política e cultural, DCE (2019) *apud* (HOUNSOU, 2022).

Sob o aspecto econômico, entende-se que a educação tem ligação direta com a qualidade da força de trabalho de um país, influenciando no progresso econômico. Em um contexto globalizado, a capacidade de uma economia atrair investimentos, capitais e

²⁹ A Alemanha é o quarto parceiro comercial do Brasil. Entre 2002 e 2008, o comércio bilateral triplicou; em 2010, foi de US\$ 20,6 bilhões.

O processo de cooperação internacional, que se desenvolvem através de projetos de parceria entre Alemanha e Brasil, com desdobramentos para o MERCOSUL. A abordagem centrada primordialmente em projetos de cooperação entre Alemanha e Brasil explica-se, de um lado, por ser a Alemanha o país da União Européia, que participa do maior número de projetos de cooperação em andamento no Brasil hoje, por outro, por ser o Brasil o país que concentra o maior número de projetos de cooperação com a Alemanha, não só no MERCOSUL, como em toda a América Latina.

tecnologias de forma competitiva no mercado internacional depende do nível educacional e da habilidade dos seus recursos humanos. Nesse sentido, a colaboração é um tipo de interação que procura desenvolver essas habilidades.

Sob o prisma político, a cooperação educacional é vista como um aspecto favorável da política externa, pois incentiva a aproximação entre os Estados por meio de seus cidadãos. A concepção do Brasil como nação que se guia por valores de solidariedade e respeito estimula a criação de uma mentalidade otimista, no contexto da crescente colaboração entre nações em desenvolvimento.

Do ponto de vista cultural, é entendido que a interação, a aquisição do idioma e o compartilhamento de vivências ajudam a fortalecer os vínculos entre as comunidades. Dessa forma, cria-se uma cultura de união, de troca de informações sobre as realidades de outras nações, com um forte enfoque humanitário. Aumenta-se, como resultado, a compreensão mútua e a tolerância, (DCE, 2019).

No entanto, a cooperação educacional internacional é uma área crucial que tem como objetivo promover o intercâmbio de conhecimento, experiência e recursos entre países para aprimorar os sistemas educacionais e oferecer oportunidade de aprendizado de qualidade para todos. Ela assume diversas formas, desde acordos bilaterais entre governos para intercâmbio de alunos e professores como o PEC-G, GCUB, PECPG, BRACOL, UNILAB até programas multilaterais coordenados por organizações internacionais como a UNESCO, o UNICEF e a AUF. Essas cooperações são essenciais para enfrentar os desafios educacionais global, como o acesso desigual a educação, as disparidades na qualidade e a adaptação dos sistemas educacionais às necessidades de mudança das sociedades contemporâneas.

Um dos principais objetivos da cooperação educacional é promover o acesso a uma educação de qualidade para todos, de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas, em especial o ODS 4, que visa garantir uma educação inclusiva e equitativa. Os programas de colaboração internacional procuram reduzir as disparidades em termos de acesso e qualidade entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento. Isto inclui a atribuição de bolsas de estudo, intercâmbios culturais e o financiamento de projetos de infraestruturas educativas. O objetivo destas ações é também combater os preconceitos e assegurar a participação de grupos desfavorecidos, como as mulheres, os refugiados e as pessoas com deficiência (UN, 2024). Igualmente os intercâmbios entre professores e pesquisadores como as parcerias entre as universidades, permitem a transferência de

conhecimento e das competências (HOUNSOU, 2022), isso inclui a formação do.a.s professore.a.s e o desenvolvimento de um novo currículo e a introdução de métodos pedagógicos inovadoras.

Em suma, a cooperação educacional promove o desenvolvimento da compreensão intercultural e o intercâmbio entre diferentes comunidades. Ao incentivar a mobilidade de alunos e professores no exterior, ela promove o intercâmbio cultural e a tolerância à diversidade (Moreira; Ramos, 2016). Os intercâmbios universitários, como o Erasmus na Europa, oferecem aos alunos a oportunidade de explorar diferentes culturas, dominar novos idiomas e adquirir habilidades interculturais. Essas experiências gratificantes fortalecem os laços internacionais e preparam os jovens para se tornarem cidadãos do mundo comprometidos e de mente aberta. Dessa forma, a cooperação educacional não se trata apenas de melhorar os sistemas educacionais, mas também de ajudar a construir um mundo mais pacífico e conectado. Por exemplo eu tive a oportunidades de fazer dois intercâmbios, um no meu mestrado na Universidade de Mato Grosso - Brasil e outro agora na Université Laval – Canadá para o meu doutorado. Tenho aproveitado bastante, conhecendo novos lugares, colegas, professore.a.s, amigo.a.s, tenho aprendido com fermentas (inteligência artificial na educação, Limesurvey, Nvivo...) que nunca tinha aprendido na minha universidade de base, tenho trabalhado em projetos nacionais e internacionais que não somente me dar mais experiencia, mas diversifica o meu currículo. A aprendizagem de novos idiomas, contatos com novas culturas, gastronomias, danças, costumes, vestimentas e outros me tornaram mais flexível e ver a vida e o mudo com várias lentes.

2.4.2 Cooperação vertical e horizontal

Os conceitos de cooperação vertical e horizontal ilustram duas estratégias distintas no campo das cooperações internacionais. A cooperação vertical se refere a uma relação assimétrica onde um governo ou uma entidade desenvolvida ou “poderosa” ajuda um governo ou uma outra entidade em desenvolvimento ou “menos poderosa/fraca” (Tálamo; Carvalho, 2010). Isso pode envolver transferências tecnológicas, ajudas financeiras, conselhos políticos, até armas. A colaboração vertical

geralmente envolve um relacionamento hierárquico em que o governo ou entidade mais forte atua como guia ou mentor.

Para isso vários exemplos nos rodeia pelo mundo onde podemos falar das relações Franca - África, Rússia - África, até Ucrânia - África. No Brasil podemos citar a “ajuda ao desenvolvimento” com o Haiti. (Diniz Costa, 2005) afirma que como país emergente, o Brasil desempenhou um papel de liderança na Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH), criada pela resolução no 1.542, de 30 de abril de 2004, que ocorreu de 2004 até 2017. O objetivo dessa missão era estabilizar o país após períodos de conflitos e promover a segurança. O Brasil contribuiu com envio de tropas participando em projetos de reconstrução e desenvolvimento. Essa cooperação vertical mostra o Brasil em um papel de apoio a um país em dificuldade, embora não seja uma potência tradicional de ajuda internacional como os países do norte. Também temos a transferência de tecnologia na agricultura onde o Brasil tem partilhado os seus avanços tecnológicos na agricultura tropical com os países africanos (Benin, Gana e Nigéria) através do Instituto Brasileiro de Investigação Agrícola (Embrapa) (Diaz, 2018). Esse tipo de cooperação demonstra o Brasil como fornecedor de conhecimento técnico.

A cooperação horizontal por outro lado, é caracterizada por uma relação mais equilibrada e recíproca entre as partes envolvidas. Ela se baseia nos princípios da igualdade e de parceria, com cada parte contribuindo com seus recursos, habilidades e conhecimentos para atingir um objetivo comum (De Barros; Nogueira, 2015). Esse tipo de cooperação é visto com frequência entre países, entidades, ou organizações em níveis semelhantes de desenvolvimento ou de alianças regionais. A cooperação horizontal enfatiza a troca mútua de Know-how e experiência, promovendo uma relação de colaboração em vez de dependência.

Também para isso temos vários exemplos como o BRICS, um grupo de grandes economias emergentes cujo Brasil é um membro ativo. O BRICS é originalmente constituído por cinco (05) países, o Brasil, a Rússia, a Índia, a China e a África do Sul, e desde o 01 de janeiro de 2024, juntou-se países como o Egito, a Etiópia, a Arábia Saudita e o Emirados Árabes Unidos (Freire, 2024). Dentro dessa organização, o Brasil participa de iniciativa de cooperação econômica e financeira especificamente a criação de Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) (Xavier, 2024). Essa instituição tem como objetivo financiar projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável nos países membros e fora deles, refletindo uma cooperação horizontal em que cada país membro contribui e se beneficia dos resultados.

Podemos também dar como exemplo o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) cujo Brasil é um membro fundador. O MERCOSUL é uma organização regional que tem como objetivo promover o livre comércio e a fluidez das mercadorias, das pessoas, dos serviços e capital entre os países membro que são Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e outros países associados e observadores. Por intermédio do MERCOSUL, o Brasil colabora em pé de igualdade (de igual a igual) com os outros membros para fortalecer a integração regional e promover políticas econômicas coordenadas.

Recapitulando essas duas noções, a principal diferença entre as duas formas de cooperação está, portanto, na natureza do relacionamento entre os parceiros. A cooperação vertical implica uma certa assimetria de poder e recursos, com um fluxo de ajuda ou apoio do parceiro mais forte para o mais fraco. A cooperação horizontal por outro lado, baseia-se na igualdade, com os parceiros trabalhando junto de forma mais equitativa e recíproca. O entendimento dessas duas noções é superimportante para as cooperações internacionais e para o respeito à soberania e à autonomia das partes envolvidas seja elas países, governo, Estados, instituições e outros.

SESSAO III – O ENSINO SUPERIOR: AS INICIATIVAS E OS PROGRAMAS DE COOPERAÇÃO SUL-SUL DA UFPA.

O papel da internacionalização na educação é de uma grande importância. As universidades e instituições de ensino superior procuram atrair alunos de outros países, estabelecer colaborações com universidades estrangeiras e encorajar a troca de experiências acadêmicas. Segundo a (UNESCO, 2023), o número de estudantes que buscam educação superior em outros países continua a crescer, mostrando um crescimento na mobilidade estudantil internacional. Esse movimento é impulsionado por fatores como a busca de melhor qualidade educacional, oportunidades de pesquisa e desenvolvimento de competências interculturais.

As políticas de cooperação internacional, muitas vezes orientadas pelas demandas do capital, são frequentemente objeto de disputas entre indivíduos, visando promover processos de formação humanizada. Ainda que seja uma iniciativa recente, o processo de acordo para humanização permite que os filhos de trabalhadores tenham acesso a formações de nível superior em intercâmbio com outros países. Nesse contexto, por exemplo, podemos analisar o que Wit (2002) aponta que nos séculos XVIII e XIX as universidades estavam mais focadas em se nacionalizar, recusando estudos com ênfase em outras nações. Naquela época, os estudos de idiomas estrangeiros eram suprimidos e o latim, que era a língua universal do ensino, estava sendo substituído pelas línguas nacionais. Isso resultou em uma diminuição dos intercâmbios internacionais voltados para a formação, já que as nações buscavam fortalecer seus próprios processos de formação nacional.

Já no século XX, sobretudo durante as duas guerras mundiais, o ensino superior passou a se concentrar mais em cooperações internacionais e intercâmbios, como evidenciado pela fundação do Instituto de Educação Internacional (IIE) em 1919 nos EUA, pelo DAAD na Alemanha em 1925, e pelo Conselho do Reino Unido em 1934. Isso visava promover a paz e a compreensão mútua sob os auspícios da Liga das Nações, segundo Pereira (2015). No entanto, não havia uma visão de integração baseada na formação humana abrangente.

3.1 NOÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO

Logo depois dos anos 1960, quando a maioria dos países do mundo principalmente do sul global aderiram a independência, e a internacionalização se tornou um objetivo fundamental para as políticas públicas do Estado-nação, isso denota a anglicização³⁰ do sistema educativo local³¹ (Erlich; Stef, 2022).

Segundo o dicionário *online* Aurélio (“Internacionalização”), a internacionalização é o “Ato de tornar internacional”, algo que se realiza entre nações ou que se situa entre duas ou mais nações, de onde deduzimos que a internacionalização é um conceito com aplicação em várias áreas com mais de uma nação. Na palavra Internacionalização, são derivadas várias expressões como: relações internacionais, estudos internacionais, redes internacionais, pesquisas internacionais, e outros, que se referem aos câmbios ou trocas educacionais, econômicas, culturais, conhecimentos entre as nações e as relações que surgem a partir dela, que sejam pacíficas ou conflituosas, de cooperação ou de competição.

Para (Van der Wende, 2010), ela menciona que a internacionalização é entendida no sentido literal como inter-nacional e se refere a qualquer relacionamento entre nações além das fronteiras, ou entre instituições individuais situadas em diferentes sistemas nacionais. Ela pressupõe que as sociedades definidas como estados-nação continuam a funcionar como sistemas econômicos, sociais e culturais limitados, mesmo quando se tornam mais interconectadas à medida que aumentam as atividades que cruzam suas fronteiras. Por outro lado, a globalização enfatiza a crescente convergência e interdependência das economias e sociedades, e a desnacionalização e a integração dos sistemas regulatórios, bem como a indefinição do papel dos estados-nação, são consideradas certas (Huisman; Wende, 2005). O fato de a internacionalização ser baseada em uma ordem mundial dominada por estados-nação, enquanto a globalização é

³⁰ Anglicização linguística é a prática de modificar palavras estrangeiras, nomes e frases, a fim de torná-los mais fácil de soletrar, pronunciar ou compreender no Inglês.

³¹ NB: Podemos notar que toda vez quando falamos de internacionalização do ensino uma língua vem se impor como o Latim nos séculos XVII e XIX e o inglês nos séculos XX. Mas será que precisa ser sempre assim?

mais agnóstica em relação a esse ponto (Scott, 1998 *apud* VAN DER WENDE, 2010), e a questão dos sistemas nacionais se tornarem mais integrados, como sugere a globalização, ou mais interconectados, como ocorre com a internacionalização (Beerens, 2004 *apud* VAN DER WENDE, 2010), podem ser vistos como distinções centrais entre os dois conceitos.

Para o sociólogo GUY ROCHER, (2005), a internacionalização se refere às trocas econômicas, políticas, culturais entre nações, e as relações que daí resultam, sejam elas pacíficas ou conflituosas, complementares ou competitivas. Do ponto de vista mercadológico ou do desenvolvimento capitalista, na lógica indicada por Marx e Engels (1999), a internacionalização encontra-se relacionada à mundialização financeira, ou seja, é uma forma de expansão dos mercados para possibilitar maiores lucros. E, do ponto de vista acadêmico, a internacionalização, segundo as normas da University of Quebec Outaouais (2018), é um processo pelo qual uma dimensão internacional e intercultural é dada às principais funções da universidade de ensino, pesquisa e serviços comunitários (extensão). A internacionalização trata então principalmente de vínculos entre nações específicas. Por exemplo, uma empresa que opta por exportar seus produtos para outro país, ou uma universidade que cria parcerias com instituições estrangeiras para promover intercâmbios acadêmicos.

Contudo podemos perceber que a expressão “internacionalização” costuma causar ambiguidade ou uso inadequado de termos relacionados. O uso incorreto mais frequente consiste em usar esses três temas que são: a Internacionalização, a Mundialização, e a Globalização. Com a definição da internacionalização de GUY ROCHER (2005) que foi mencionado a pouco que se refere às trocas econômicas, políticas, culturais entre nações, e as relações que daí resultam, sejam elas pacíficas ou conflituosas, complementares ou competitivas. Quando falamos em mundialização, estamos nos referindo a outra realidade, uma realidade contemporânea: a extensão dessas relações e trocas internacionais e transnacionais em escala global, uma consequência da velocidade cada vez maior dos transportes e das tecnologias das informações e comunicações na civilização contemporânea. Quanto à globalização, ela se refere ao surgimento de um “sistema-mundo” (o sistema-mundo de Wallerstein)³² além das relações internacionais, um fato social total no verdadeiro sentido do termo, um ponto de referência em si mesmo. Jane

³² uma ampla região espaço-temporal que atravessa inúmeras unidades políticas e culturais, integradas por atividades econômicas e institucionais obedecendo regras sistêmicas

Knight aprofunda mais essa noção quando fala que a globalização é o fluxo de tecnologia, de economia, de saberes, de pessoas, de valores e ideias... através das fronteiras. O impacto da globalização em cada país varia de acordo com sua história, tradições, cultura e prioridades. (OCDE, 1999). A globalização refere-se então a um maior grau de integração econômica em que as fronteiras nacionais se tornam menos importantes devido à livre circulação de mercadorias, serviços, capital e informações. Isso inclui as atividades de empresas multinacionais e redes globais de produção.

Como Alain Crochet aponta, o termo “mundial” significa apenas que o fenômeno em estudo diz respeito ao mundo inteiro”, enquanto o termo “global” refere-se a “um todo que possui propriedades que suas partes componentes não possuem” (Crochet, 1996). Mundialização então é um conceito mais amplo que inclui aspectos econômicos, bem como dimensões sociais, culturais e políticas. Refere-se ao aumento da interconexão global e às mudanças resultantes, como a disseminação de culturas, a colaboração internacional em questões globais, como as mudanças climáticas, e os movimentos sociais internacionais. Assim sendo a mundialização e a globalização se refeririam, a duas realidades em níveis diferentes: o termo mundialização não se aplicaria bem à ruptura histórica que o processo de globalização está provocando, com o surgimento de um novo “sistema-mundo”.

Na era da mundialização econômica, tecnológica e das comunicações, a preservação das identidades e das culturas nacionais torna-se uma obrigação praticamente inevitável. Muitos pequenos países (economicamente fracos) e países em desenvolvimento mencionam o perigo de uma homogeneização cultural, frequentemente referida como “Macdonalização³³”. Alguns países comparam a internacionalização, até mesmo a uma ocidentalização. Outros, por outro lado, equiparam a globalização com a modernização e propõem uma possível resposta para as questões globais, como o meio ambiente, a saúde e a criminalidade. Contudo, se a ação de internacionalização foi uma resposta à natureza prejudicial da globalização para os países, em um determinado país, é possível enxergá-la e utilizá-la como meio de fortalecer e exaltar sua identidade nacional. A globalização tem se tornado, do ponto de vista político, um estímulo relevante para o âmbito nacional (OCDE, 1999). Podemos deduzir de tudo que a internacionalização é um meio pelo qual cada país quer fixar sua ideologia para o resto do mundo (os economicamente poderosos sobre os outros).

³³ **McDonaldization** is a term used to describe the penetration of American cultural and economic products throughout the world.

Com todas essas definições acima citadas, percebemos que quando um setor, uma instituição ou uma nação quer se internacionalizar, ele/ela ou se adequa ou copia o que tem sido feito em outros lugares mesmo sabendo que isso não é o foco inicial da Internacionalização. E com isso, podemos notar que o modelo ideal acaba sendo os modelos ocidentais, europeus ou norte-americanos. Como a anglicização do setor ou do ensino, a macdonalização das empresas e outros modelos americanos como fala (Erllich; Stef, 2022). Isso leva a entender que o Estados Unidos ainda continua mantendo o monopólio (a unipolarização) em um mundo que queremos a multipolarização ou a autonomia de cada nação. Podemos deduzir que a internacionalização induz a americanização das nações, do ensino ou das coisas. Como fazer para que a Internacionalização seja um modelo de manutenção das identidades nacionais distintas?

Para resumir nós, podemos ver as definições, as características e alguns exemplos dos conceitos de internacionalização, da mundialização e da globalização.

Quadro 11: Explicativa da internacionalização, mundialização e globalização.

Conceito	Internacionalização	Mundialização	Globalização
Definição	O processo pelo qual as empresas, as instituições ou os países estendem suas atividades para além de suas fronteiras nacionais.	Um processo mais amplo e global que inclui não apenas os aspectos econômicos, mas também culturais, sociais e políticos da integração global.	O processo de integração e a crescente interdependência de economias, culturas e políticas em escala global.
Característica	Focado em interações entre nações. Cooperação bilateral ou multilateral. Manutenção de identidades nacionais distintas.	Transformação de sociedades e culturas em escala global. Desafios globais (meio ambiente, direitos humanos).	Integração econômica global. Fluxos transfronteiriços de bens, serviços, capital e informações. Influência das multinacionais
Transformação interno das instituições	A abertura das novas governanças sobre o mundo. Criação dos saberes	Desenvolvimento de estratégias de alcance Capacitação Criação de cursos internacionais	Unificação dos métodos de pesquisas Desenvolvimento de estratégias de desenvolvimento global

			Convergência de currículos em um modelo global
Engajamento externo das instituições	Mobilidade externa dos estudantes, pesquisadores e professores.	Desenvolvimento de acordos de intercâmbio de alunos Desenvolvimento de redes universitárias, programas conjuntos, diplomas conjuntos e projetos de pesquisa conjuntos	Desenvolvimento de parcerias estratégicas de pesquisa e criação de universidades. Internacionalização em casa Educação transnacional
Ação do governo	Nenhuma ação	Estratégia ativa com novas políticas de ensino superior e compromisso com o mundo	Estratégia indicativa Diretrizes de políticas que mostram como o Estado está envolvido de forma mais ou menos voluntária no movimento de globalização.
Exemplo	Empresas que exportam produtos para o exterior. Universidades que atraem estudantes internacionais. Acordos comerciais bilaterais.	Movimentos sociais e culturais globais. Instituições internacionais (ONU, OMS). Acordos climáticos internacionais.	Cadeias de suprimentos globais. Mercados financeiros globais. Disseminação de tecnologias e inovações em todo o mundo.

Fonte: Pelo autor da tese

3.2 INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

A expressão mais antiga usada para descrever a abertura das instituições de ensino superior para o mundo é internacionalização do ensino superior. E ao longo dos anos, o conceito de internacionalização evoluiu e existem diferentes definições. Se todas

as definições concordam, apesar de suas diferenças, é que a internacionalização implica principalmente na incorporação de novos aspectos internacionais e interculturais nas atividades das instituições de ensino superior, além de influenciar sua gestão. No começo, a internacionalização era basicamente sobre a mobilidade restrita de alunos e professores, enquanto os sistemas de ensino superior de cada país permaneciam separados e as instituições dentro deles também mantinham sua independência (De Ketele; Hugonnier, 2020).

Assim, a internacionalização da educação superior é uma reação dos países, dos governos e das instituições de ensino superior às tendências globais (UNESCO, 2003), tornando-se mais relevante no cenário mundial, especialmente a partir dos anos 1980, com o surgimento da economia globalizada. É com base nesse interesse capitalista pela internacionalização que a professora Maués declara que:

A internacionalização da educação é uma decorrência “natural” do processo de mundialização, na lógica capitalista, que leva conseqüentemente a uma internacionalização financeira. A educação, no momento que passa a ser vista como uma *commoditie* entra no rol das mercadorias que devem ser valorizadas para que possam ser exportadas e que possam render maiores dividendos nas bolsas de valores. MAUÉS; GUIMARÃES, (2019)

Isso que a France Stratégie, (2014) explica em um dos seus seminário que as estratégia de internacionalização Britânicas, Australianas, Canadenses e Americanas, é baseada sobre um ensino superior onde o estudante paga a escolaridade. É então uma estratégia onde o aspecto comercial é valorizado. Por outro lado, o ensino superior na França, Alemanha e o Brasil é gratuito. Então o modelo de estratégia deve se basear em uma lógica diferente, uma lógica de colaboração, de se posicionar no mundo e de fazer prevalecer a qualidade do seu ensino e não em uma lógica comercial.

O International Association of Universities (IAU) do The Global Voice of Higher Education adota a seguinte definição: A internacionalização do ensino superior é o processo intencional de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global ao propósito, às funções e à oferta do ensino pós-secundário, a fim de aprimorar a qualidade do ensino e da pesquisa para todos os alunos e funcionários, e fazer uma contribuição significativa para a sociedade.

Internationalization of Higher Education is the intentional process of integrating an international, intercultural, or global dimension into the purpose, functions and delivery of post-secondary education, in order to enhance the quality of education and research for all students and staff, and to make a meaningful contribution to society. (De Wit, H., Hunter F., Howard L., Eggen-Polak E. (Eds.) (2015) “Internationalization of Higher Education”, Parlamento Europeu, Bruxelas: UE).

Com esse mesmo propósito, eles enfatizaram que a internacionalização é um processo intencional, não uma experiência passiva. Ela ressalta que a internacionalização não é uma meta em si, mas um meio de aprimorar a qualidade e a excelência do ensino superior e da pesquisa. Além disso, a definição observa que a internacionalização precisa atender às necessidades da sociedade, em vez de se concentrar apenas em razões e retornos econômicos. Embora a globalização afete todas as instituições, as Instituições de Ensino Superior (IES) sofrem pressões diferentes; elas existem em contextos diferentes e têm necessidades diferentes. Portanto, não existe um modelo ou abordagem de internacionalização de “tamanho único”; em vez disso, cada IES deve encontrar sua própria maneira de se internacionalizar. Ao mesmo tempo, todas as IES podem se beneficiar do melhor pensamento e das boas práticas de outras instituições em todo o mundo. É por isso que a título informativo, a IAU desenvolveu o serviço de consultoria de estratégias de internacionalização.

Em decorrência disso a professora doutora Jane Knight, do Instituto de Estudos em Educação da Universidade de Ontário, no Canadá, que vem estudando com acuidade a internacionalização da educação superior, define a internacionalização do ensino superior como um processo de integração de uma dimensão internacional/intercultural nas funções de ensino, de pesquisa e de extensão.

L'internationalisation de l'enseignement supérieur est le processus d'intégration d'une dimension internationale/interculturelle dans les fonctions d'enseignement, de recherche et de service de l'établissement » (Knight, 1994).

A internacionalização do ensino superior se baseia, em linhas gerais, em duas dinâmicas: a internacionalização do ensino superior voltada para dentro, que envolve a importação de conhecimentos, culturas, padrões e modelos de ensino superior

estrangeiros a fim de aprimorar a identidade nacional, e a internacionalização voltada para fora, que visa atrair os estudantes internacionais mais talentosos do ponto de vista acadêmico e ocupar uma posição de destaque no mercado global de educação.(WU, 2021 Tradução nossa)³⁴

A internacionalização do ensino superior, entretanto, nessa lógica, se intensifica nos finais dos anos 90 do século XX, no processo da globalização³⁵, na intenção de formar uma sociedade cujo conhecimento seria uma força produtiva importante para o desenvolvimento dos países. Nesse processo de globalização, MAUÉS; BASTOS, (2017) observaram três aspectos de internacionalização “do ensino superior”, que são: a) a forma como a internacionalização ocorre, se em um processo de troca, chamada de horizontal, ou de submissão e até mesmo de exploração, denominada vertical; b) a internacionalização desenvolvida internamente ou em casa; e c) a internacionalização desenvolvida no exterior.

A internacionalização horizontal tem como foco a solidariedade e a consciência internacional e busca fortalecer os componentes-chave da integração dos sujeitos, instituições, agências e recursos para “[...] evitar a substituição da iniciativa local”, conforme (MOROSINI, 2011, p.96). A internacionalização vertical, por outro lado, implica uma certa subordinação, com uma suposta ajuda de um dos polos em relação ao outro, o que, até certo ponto, aboliria o sentido de parceria entre as partes envolvidas nas ações e implantaria uma relação de dependência, limitando o desenvolvimento e a autonomia dos países que recebem ajuda. (MAUÉS; BASTOS, 2017, p. 336)

A internacionalização desenvolvida internamente ou em casa, por outro lado, buscaria “[...] preparar os estudantes para uma carreira internacional, para se tornarem cidadãos do mundo, utilizando-se da integração de conteúdos internacionais no próprio currículo, além de promover programas conjuntos com universidades no exterior e desenvolvendo cursos em inglês” (MAUÉS; BASTOS, 2017, p. 336). Quanto à internacionalização realizada no exterior, compreenderia “[...] todas as formas de

³⁴ L'internationalisation del'enseignement supérieur se construit globalement selon deux dynamiques:une internationalisation «orientée vers l'intérieur» (inward-oriented highereducation internationalization), qui implique l'importation de connaissances,de cultures, de normes et de modèles d'enseignement supérieur étrangers dans le but de valoriser l'identité nationale, et une internationalisation«orientée vers l'extérieur» (outward-oriented), destinée à attirer les étudiantsinternationaux les plus dotés scolairement et à occuper une place majeure sur le marché mondial de l'éducation.(WU, 2021)

³⁵ *Globalisation* = émergence d'un système-monde, fait social (ensemble possédant des propriétés que ses composantes n'ont pas), nouvel espace démographique, géographique, sociologique.

educação além das fronteiras, tais como: mobilidade de pessoas, de projetos, de programas de prestadores de serviço”, conforme (De Wit; Deca; Hunter, 2015).

A internacionalização do ensino superior brasileiro também começou nos anos 1990, a partir de um contexto de globalização, sob orientação capitalista, com inúmeras políticas atreladas para a intensificação da internacionalização das instituições públicas e/ou privadas no Brasil e influenciada por iniciativas como a criação de programas de cooperação internacional e intercâmbio de estudantes e pesquisadores. Na educação, três órgãos se constituíram como fundamentais para o financiamento da formação de pessoal, a concessão de bolsa de estudos, o estímulo e a realização de pesquisas, desenvolvimento das políticas de internacionalização da educação superior e outras ações da mobilidade externa: a CAPES/MEC, o CNPq/MCTI e o Itamaraty, como confirma a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES):

No Brasil, esse incentivo foi iniciado pela Coordenação de Pessoal de Nível Superior (Capes) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que passaram a estimular a internacionalização dos programas de pós-graduação e pesquisa. Os órgãos responsáveis pela regulação e avaliação do ensino superior passaram a adotar como critério avaliativo os números da internacionalização. (ABMES, 2018, p. 33).

Como logo no início da internacionalização, ela se referia às trocas econômicas, políticas, culturais entre nações, ela se fazia mais presente nas questões políticas entre altos representantes, questões da segurança das fronteiras e, principalmente, a defesa dos setores do comércio exterior. Mas, nas últimas décadas, a educação se tornou um dos pilares mais fundamentais da internacionalização, fortalecendo mais as trocas econômicas e sociais, políticas e culturais entre as nações, (HOUNSOU, 2022).

Quando se fala de internacionalização do ensino superior, várias nomenclaturas transparecem e deixa as vezes a confusão. Mas um esclarecimento vai ser feito aqui para que possamos entender melhor sobre o assunto. Expressões ou nomenclaturas essas que são, a educação transnacional, a internacionalização em casa, a globalização do ensino superior, e a mundialização do ensino superior.

3.3 A EDUCAÇÃO TRANSNACIONAL

Como foi mencionado anteriormente que a internacionalização do ensino superior é a expressão mais antiga usada para descrever a abertura das instituições de ensino superior para o mundo, a educação transnacional³⁶ apareceu tardiamente e incluir diferentes formas de educação e treinamento que transcendem as fronteiras nacionais.

O Professor (Hans de Wit, 2022) define a educação transnacional como um conjunto de práticas educacionais e de colaborações entre instituições localizadas em diferentes países, com esse objetivo de oferecer programas educacionais, diplomas e certificações reconhecidos internacionalmente. Isso nos mostra a importância da cooperação entre as instituições de ensino superior de diferentes nações, para afirmar a qualidade e os reconhecimento do diploma ou da qualificação obtido através dessa cooperação. Essa mesma definição é defendida por (Lacerda, 2020), quando diz que a educação transnacional é “uma forma de ensino superior que envolve a cooperação entre instituições de ensino superior de diferentes países para oferecer programas educacionais, diplomas e qualificações reconhecidos internacionalmente”. Também a convenção do conselho europeu e a UNESCO em 1996, confirmam que “L’enseignement transnational est caractérisé par des arrangements et des partenariats entre des établissements et des organisations dans le cadre desquels les étudiants sont situés dans un pays différent de celui où est basé l’établissement qui dispense l’enseignement”. Por conseguinte, o Banco mundial e a OCDE afirmam em 2007 que “o termo educação superior transnacional se refere ao movimento de atores, programas, provedores, currículos, projetos de pesquisa e atividades e serviços relacionados à educação superior através das fronteiras jurisdicionais de um país”.

Todavia (De Ketele; Hugonnier, 2020) nos demonstra que a internacionalização transnacional se estabelece quando os estudantes de um determinado país podem obter uma qualificação estrangeira sem sair do seu próprio país. Esse fenômeno pode surgir quando uma instituição de ensino superior estrangeira oferece serviços de ensino à distância; ou estabelece um acordo com uma instituição de um país de acolhimento para

³⁶Os autores também usam o termo educação transfronteiriça. Mas, atualmente, esse termo tende a ser reduzido aos países que compartilham fronteiras comuns. Cada país pode incentivar os programas e serviços educacionais transfronteiriços.

integrar o seu programa com o seu ou desenvolver um diploma duplo em conjunto. Esta situação pode também surgir quando a instituição estrangeira cria um campus no país de acolhimento. Em vista disso MARILIA MOROSINI, (2019), descreve a educação transnacional como “a prestação de serviços educacionais por uma instituição em um país para estudantes em outro, muitas vezes usando campi satélites, programas conjuntos de graduação e cursos on-line”. Eles enfatizando assim o papel da tecnologia e das plataformas digitais de aprendizagem na facilitação dessa forma de educação.

Em seguida o quadro 12 mostra o funcionamento da educação transnacional, como ela opera a distância ou no país do anfitrião onde a definição do (De Ketele; Hugonnier, 2020) que diz:

Cette forme d'éducation se réfère à toute offre de services dans le domaine de l'éducation (enseignement et recherche) d'une ou plusieurs institutions d'un pays, aux étudiants d'un pays étranger ou d'une ou plusieurs institutions de ce dernier. Les services offerts peuvent être des institutions, des curriculums, des qualifications, des projets, des acteurs. L'offre de services peut se réaliser par un diplôme délocalisé, un établissement associé, un campus, un projet commun de recherche, une franchise, un enseignement à distance, etc.

Traduzindo ele fala que essa forma de educação se refere a qualquer oferta de serviços no campo da educação (ensino e pesquisa) por uma ou mais instituições em um país, para estudantes de um país estrangeiro ou de uma ou mais instituições desse país. Os serviços oferecidos podem ser instituições, currículos, qualificações, projetos ou participantes. Os serviços podem ser oferecidos por meio de um diploma deslocalizado, uma instituição associada, um campus, um projeto de pesquisa conjunta, uma franquia, ensino à distância etc.

Quadro 12: Explicativa do funcionamento da educação transnacional.

Instituição organizadora	Instituição estrangeira operando em seu país de origem	Instituição estrangeira operando no país anfitrião	Instituição estrangeira residente no país anfitrião
Funcionamento da educação	Ensino à distância, projeto de pesquisa	Programa integrado em uma instituição	Campus localizado no país anfitrião

transnacional	conjunta etc.	local no país anfitrião ou desenvolvimento de um diploma duplo	
----------------------	---------------	--	--

Fonte: De (De Ketele; Hugonnier, 2020) traduzido pelo autor da tese

3.4 A INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA

De acordo com as definições da internacionalização supracitados, podemos notar que a internacionalização oferece várias vantagens, como viajar para fora do país, aprender novos idiomas, novas culturas, viver novas experiências. Por isso desde os anos 2000 os números dos estudantes internacionais aumentaram significativamente, a UNESCO informa que passou dos 250%. Na Europa, essa mudança de número de aluno foi muito estimulada pelos programas de pesquisa e esquemas de mobilidade, em especial o ERASMUS, da Comissão Europeia e no Brasil o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), Programa de Estudantes-Convênio de Pós-graduação (PEC-PG), Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras (GCUB).

Só que ao longo desse período, percebemos uma dificuldade desses alunos, em poder aproveitar bem dessas experiências. Observou-se que não somente é caríssimo o processo, mas também as dificuldades financeiras, gastronômicas, sociais (racismo, xenofobias, preconceitos, agressões) no país de acolhimento, tudo isso levou as Universidades a adotarem uma abordagem que permitirá que um número significativo (maior) de estudantes beneficie-se dessa experiência, organizando o que se chama de Internacionalização em Casa. Essa forma de internacionalização permite que mesmo no país de origem, eles podem quase tudo de um intercâmbio tradicional. Como poder aprender novos idiomas, novas culturas, gastronomias, músicas, artes, e poder ter uma internacionalização do currículo.

O ponto mais importante dessa política é a internacionalização do currículo³⁷. Mas a internacionalização em casa pode assumir outras formas, como mostra a

³⁷ A internacionalização do currículo é a incorporação de dimensões internacionais, interculturais e/ou globais no conteúdo do currículo, bem como nos resultados da aprendizagem, tarefas de avaliação, métodos de ensino e serviços de apoio de um programa de estudo (LEASK, 2015, p.27).

experiência da Universidade de Ottawa, no Canadá, que desenvolveu o seguinte conjunto de medidas:

Assurer l'intégration générale de sujets, de points de vue et de contenus internationaux aux programmes d'études dans l'ensemble des facultés et des départements universitaires ;

. Mettre au point un certificat de compétence interculturelle, un titre de citoyenneté globale ou un certificat semblable pour permettre aux étudiants de bonifier leur programme menant à un grade ;
 . Améliorer les possibilités d'internationalisation du campus au moyen d'événements et d'activités interculturels ;

. Accroître et favoriser les possibilités pour les étudiants, le personnel et les membres du corps professoral d'acquérir des compétences linguistiques ;

. Améliorer les possibilités pour les étudiants de participer à des études internationales pour obtenir des crédits de cours. (De Ketele; Hugonnier, 2020)³⁸

Tal qual BEELEN & JONES, (2015) afirma, a Internacionalização em casa é conceituada como a integração intencional de dimensões internacional e intercultural no

³⁸ Traduzindo em português é:

. Garantir a integração geral de tópicos, perspectivas e conteúdos internacionais nos currículos das faculdades e departamentos da universidade;

. Desenvolver um Certificado de Competência Intercultural, Cidadania Global ou certificado semelhante para permitir que os alunos aprimorem seu programa de graduação;

. Aumentar as oportunidades de internacionalização do campus por meio de eventos e atividades interculturais;

. Aumentar e promover oportunidades para que os alunos, a equipe e o corpo docente adquiram habilidades linguísticas;

. Aumentar as oportunidades para que os alunos participem de estudos internacionais para obter créditos no curso. Traduzido pelo autor.

currículo formal e informal para todos os alunos nos ambientes de aprendizagem doméstico.

Com esse mesmo olhar nos programas de pós-graduações Brasileiras sobre as formas de internacionalização, Ramos afirma que:

Entre os PPGs brasileiros de excelência, identificou-se a prevalência de uma concepção de internacionalização orientada a atividades: a mobilidade acadêmica para o exterior é vista como o principal mecanismo de acesso à experiência internacional, à formação de redes e ao estabelecimento de colaborações internacionais em pesquisa. Embora incipiente, iniciativas para atrair pesquisadores estrangeiros e outros esforços de internacionalização em casa estão ganhando força. A presença de docentes formados no exterior, capazes de mobilizar suas redes externas para estabelecer intercâmbios e parcerias científicas é considerada condição chave para a internacionalização da pós-graduação e da pesquisa no Brasil. (RAMOS, 2018, p. 1)

Outrossim percebemos que a COVID19, pode potencializar essa experiencia em que os sistemas educacionais tiveram que migrar a totalidade do seu processo de ensino e aprendizagem para o mundo digital em um tempo recorde. Durante a pesquisa do Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (Programme for International Student Assessment – PISA), em países da OCDE, foi constatado que 65% dos estudantes de 15 anos frequentavam escolas onde os diretores acreditavam que os professores tinham as habilidades necessárias para integrar dispositivos digitais ao ensino, enquanto 54% estudavam em escolas com acesso a plataformas online de apoio à aprendizagem eficazes; estima-se que esses percentuais cresceram durante a pandemia de COVID-19. Em todas as regiões do globo, a quantidade de pessoas que acessam a internet cresceu de 16% em 2005 para 66% em 2022. Aproximadamente metade das escolas de ensino médio de primeiro ciclo tinham acesso à internet para fins educacionais em 2022. O que foi também o caso na UFPA onde o Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe) aprovou a oferta do Ensino Remoto Emergencial (ERE) para toda a sua população acadêmica e o quadro técnico administrativo durante a pandemia da COVID-19.

3.5 A GLOBALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Como foi supracitado, a Globalização é o processo de integração e a crescente interdependência de economias, culturas e políticas em escala global. Assim a Globalização do Ensino Superior (GES) é um fenômeno complexo e multidimensional que transformou o quadro do ensino mundial. Ela se caracteriza pela integração e a interconexão do sistema educativo através das fronteiras nacionais, facilitando o avanço da tecnologia, o aumento dos intercâmbios e as colaborações ou parcerias internacionais das/entre instituições. (De Ketele; Hugonnier, 2020) vai nos dizer que não tem mais a ver com a integração, mas com a convergência, pois esses têm uma grande diferença. Enquanto em uma integração, cada parte pode conservar seu caractere próprio e sua identidade diferente da convergência que unifica. Também a dimensão geográfica não é mais internacional ou mundial como antes, mas transnacional, e a dimensão cultural se torna transcultural.

Segundo (Huang, 2007) a GES é um processo que tem como principal objetivo impor um modelo único, universalmente reconhecido, transnacional e transcultural, com base no princípio de que as diferenças entre países, e culturas perdem progressivamente a sua importância. Com esse sistema imposto pela globalização, as universidades definiram novas políticas e estratégias frente a essas demandas da sociedade e do mercado. Nessa direção, as Instituições de Ensino Superior (IES) devem potencializar políticas, diretrizes, prospecção, e monitoramento de atividades e melhores práticas de cooperação internacional (MOROSINI, 2019).

A GES é então um processo de convergência com uma dimensão transnacional e transcultural, caracterizado pelo desenvolvimento de estratégias pelas instituições para se adaptarem às novas condições econômicas, financeiras, tecnológicas, sociais e políticas do mundo. É um processo pelo qual essas instituições estão gradualmente se tornando mais intimamente ligadas ao sistema mundial, que está se impondo como um modelo único, do que às condições e padrões de seu próprio país, (De Ketele; Hugonnier, 2020).

No quadro a seguir podemos ver a diferença do sistema do ensino superior entre a internacionalização, a mundialização e a globalização.

Quadro 13: Diferencia entre a Internacionalização do ensino superior a GES e a MES.

Internacionalização	Mundialização	Globalização
Sistema de ensino superior independente	Sistema de ensino superior independente	Sistema de ensino superior convergindo para um modelo mundial único.

Fonte: Pelo autor da tese

3.6 A MUNDIALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

A mundialização foi definida acima como “um processo mais amplo e global que inclui não apenas os aspectos econômicos, mas também culturais, sociais e políticos da integração global”. E para o Berkens (2004) a Mundialização do Ensino Superior (MES) é um processo de desintegração em que as estruturas sociais fundamentais que sustentam e rodeiam a universidade se desligam do seu contexto nacional tendo como resultado a intensificação dos fluxos transfronteiriços de pessoas, informação e recursos, o que faz com que as dimensões local, nacional e global se tornem estreitamente interligadas.

A MES é então um processo de integração com uma dimensão mundial e intercultural, caracterizado pelo desenvolvimento de novas estratégias, por um lado, pelos países em relação a seus sistemas de ensino superior para que possam se adaptar melhor às novas condições econômicas, financeiras, tecnológicas, sociais e políticas do mundo; e, por outro lado, pelas instituições com o mesmo objetivo. Como resultado, enquanto os sistemas de ensino superior costumavam ser independentes, eles estão se tornando cada vez mais dependentes uns dos outros. Ela é caracterizada por uma integração mais profunda e sistemática das práticas educacionais em escala mundial. Ao contrário da globalização, que pode se concentrar em conexões e intercâmbios, a mundialização implica uma transformação estrutural em que as fronteiras nacionais se tornam cada vez menos relevantes no contexto educacional. Instituições de diferentes países estão adotando abordagens semelhantes e respondendo aos mesmos imperativos de mercado e inovação.

Por não ter muitas definições e estudos sobre esses temas pois leva muito a confusão, trazemos uma tabela explicativa sobre cada um deles ver o quadro 14 a seguir.

Quadro 14: Explicação de cada tema de acordo com autores.

TEMAS	CONCEITO (Autor)	ATRIBUTO
Internacionalização do ensino superior	= Intercambio Roger, in Mercure (2001)	...econômicos, políticos, culturais entre nações e as relações que nele resultem.
	= Processo Knight (2004)	...que integra as dimensões internacionais, interculturais e mundiais para as principais funções de uma universidade, e para seu modo de exploração.
	= Processo de integração Knight (2015)	...de dimensão internacional, intercultural, ou mundial no objeto, nas funções (ensino, pesquisa e extensão), e na implementação do ensino superior, o que se refere em todos os aspectos da internacionalização que a mobilidade transnacional seja implicada ou não.
	= Processo de integração De Wit, Hunter, Howard, Egron-Polak (2015)	...na dimensão internacional, intercultural ou global no objetivo, nas funções e na prestação do ensino pós-secundário, a fim de melhorar a qualidade do ensino e da investigação para todos os professores e funcionários e dar um contributo significativo para a sociedade
	= Atividades de intercâmbio e de comunicação Huang (2007)	...entre instituições de ensino superior de diferentes países e culturas, que podem assumir várias formas no país de origem, tais como: acolhimento de estudantes internacionais no local, desenvolvimento de programas de estudo internacionalizados e integração de dimensões internacionais nas atividades de ensino, aprendizagem e investigação realizadas nas instituições nacionais, que podem assumir várias formas em direção a

		outro(s) país(es), tais como: envio de estudantes, professores e investigadores, atividades de ensino superior transnacionais ou transfronteiriças, incluindo programas de estudo exportados, ou mesmo campus ou consórcios.
	= Empenho e ação Hudzik(2011, 2015)	...para infundir e integrar conteúdos e perspectivas internacionais, globais e comparativas em todas as missões de ensino, investigação e serviço da instituição de ensino superior, a fim de obter benefícios no centro dos resultados da aprendizagem e da investigação e de se tornar um imperativo institucional e não apenas uma possibilidade desejável.
Globalização do ensino superior	= Fluxo Knight (1999)	...de tecnologia, de economia, dos saberes, dos indivíduos, dos valores, das ideias, que atravessa fronteiras e que afeta muitos setores dentro dos quais a educação.
	= Integração crescente (FMI, 2000)	...das economias do mundo, graças ao comércio e ao fluxo do mundo, fruto de um processo histórico vindo a inovação humana e o progresso técnico.
	= Processo Huang (2007)	...que tem como principal objetivo impor um modelo único, universalmente reconhecido, transnacional e transcultural, com base no princípio de que as diferenças entre países, e culturas perdem progressivamente a sua importância.
	= Emergência de um sistema-mundo (Rocher, in Mercure, 2001)	...que é um fato social (conjunto tendo um as propriedades que os componentes não têm); um novo espaço demográfico geográfico e sociológico.
	= Extensão (Rocher, in Mercure, 2001)	...dos intercâmbios económicos, políticos e culturais à escala mundial e não apenas à escala regional ou nacional.
	= Um processo de desintegração (Berkens, 2004)	...em que as estruturas sociais fundamentais que sustentam e rodeiam a universidade se

Mundialização do ensino superior		desligam do seu contexto nacional em resultado da intensificação dos fluxos transfronteiriços de pessoas, informação e recursos, o que faz com que as dimensões local, nacional e global se tornem estreitamente interligadas
	= Alargamento, aprofundamento e intensificação (Held et al., 1999)	...da interdependência mundial.
	= Processo histórico de extensão Carroué (2004)	...do sistema capitalista para o conjunto do espaço geográfico mundial que leva a uma hierarquização e uma polarização forte dos territórios.

Fonte: Pelo autor da tese

3.7 AS INICIATIVAS E OS PROGRAMAS DE COOPERAÇÃO SUL-SUL DA UFPA.

Nesta etapa da sessão iremos apresentar a Universidade Federal do Pará, e apontar as iniciativas e programas de cooperação internacionais que tem enfatizado a cooperação Sul-Sul.

3.7.1 CONHECER A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

A Universidade Federal do Pará em sigla UFPA é uma instituição de ensino superior pública do Brasil, localizada no Estado do Pará, região onde tem a maior biodiversidade do mundo – a Amazônia. Fundada em 1957 no governo Juscelino Kubitschek (1956-1961) fazendo 68 anos no ano em que elaboramos essa pesquisa, é uma autarquia especial vinculado ao Ministério da Educação, criada pela Lei no 3.191, de 2 de julho de 1957, estruturada pelo Decreto no 65.880, de 16 de dezembro de 1969, sendo modificada em 4 de abril de 1978 pelo Decreto no 81.520, que oferece cursos de graduação e pós-graduação em diversas áreas de conhecimento. A UFPA, desde o início

de sua existência, tem um foco progressista, plural e democrático, valorizando os profissionais e todas as áreas de ensino (PDI - UFPA, 2016).

Entretanto, vale ressaltar que entre 2001 e 2009, o Professor Alex Bolonha Fiúza de Mello ocupou a posição de reitor da UFPA, sendo reeleito para o mandato subsequente até 2009. Durante esse tempo, foi aprovado o Regimento e o Estatuto atualmente em vigor na Instituição, que passou a ter uma nova organização administrativa com a criação das Faculdades e Institutos, entre outras modificações, caracterizando a concepção de uma universidade multicampi. É importante ressaltar que, durante esse período de administração, a UFPA também sofreu influência de outros processos de transformação, como a implementação do Programa de Apoio à Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que possibilitou uma maior ampliação da infraestrutura física da instituição e o incremento no número de vagas nos cursos de graduação. O sistema de cotas também foi aprovado pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) da UFPA e tem se expandido desde 2006, com o aumento de oportunidades para estudantes que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas, além de vagas para candidatos que se autodeclaram negros, pardos ou indígenas.

De 2016 a 2024 na gestão do Professor Emmanuel Zagury Tourinho como reitor e do Professor Gilmar Pereira da Silva como vice-reitor, a UFPA buscou expandir seus acordos com instituições estrangeiras ³⁹com ênfase em países africanos como afirma o ASCOM:

O reitor Emmanuel Zagury Tourinho destacou o esforço contínuo para solidificação da cooperação internacional na UFPA. Ele frisou o histórico de acordos da Instituição com universidades africanas e avaliou que o estreitamento das relações com Angola amplia o horizonte nas trocas culturais com o continente. “Temos muitos interesses comuns e, por isso, podemos aprofundar a cooperação Brasil-África por meio dessas trocas de ensino e pesquisa”, avaliou o reitor (ASCOM, 2023).

³⁹ A UFPA segue firme em seu propósito institucional de tornar as ações de internacionalização cada vez mais abrangentes e presentes nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando integrar as práticas trazidas por esse processo à formação integral dos discentes e servidores da comunidade acadêmica. https://uniluanda.ao/ufpa-e-universidade-de-luanda-assinam-termo-de-cooperacao-internacional/?utm_source=chatgpt.com.

Ações sobre os quais voltaremos na próxima subseção para analisar.

De acordo com o (PDI - UFPA, 2016) A UFPA é a maior instituição do Norte do Brasil e, de acordo com dados relativos a 2023, abriga uma comunidade universitária composta de 61.690 pessoas com a seguinte distribuição: 2.523 professores, incluindo docentes efetivos, temporários, visitantes, e docentes efetivos da educação básica e profissional; 2.458 técnico-administrativos; 10.607 alunos matriculados nos cursos de Pós-graduação, sendo 3.118 em curso de Doutorado, 5.536 em curso de Mestrado e 1.543 na Especialização; 39.728 alunos matriculados nos cursos de Graduação, estando 25.566 na capital do estado e 14.162 distribuídos nos campi dos outros municípios do estado; 1.284 alunos matriculados na educação básica e 4.616 alunos matriculados na educação profissional e tecnológica e cursos Livres oferecidos pelo Instituto de Letras e Comunicação Social (ILC), Instituto de Ciência da Arte (ICA), e Casa de Estudos Germânicos. Sendo assim, a UFPA oferece 584 cursos de Graduação, 96 cursos de Mestrado (profissional e acadêmico), 48 cursos de Doutorado (profissional e acadêmico), além de 35 cursos de Especialização. Todos esses dados se encontram de maneira mais simplificada em (UFPA em números, 2023).

A UFPA possui autonomia didático-científica, disciplinar, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, caracterizando-se como universidade *multicampi*, com atuação no estado do Pará, sede e foro legal na cidade de Belém. Atualmente, além do *campus* de Belém, há 11 *campi* instalados nos seguintes municípios: Abaetetuba, Altamira, Ananindeua, Bragança, Breves, Cametá, Capanema, Castanhal, Salinópolis, Soure e Tucuruí. Possui 17 Institutos, uma (01) Escola de Aplicação, uma (01) Escola de Música, uma (01) Escola de Teatro e Dança, dois (02) Hospitais Universitários, um (01) Hospital Veterinário e nove (09) Núcleos.

A sua missão enquanto instituição de ensino superior é de: **Produzir, socializar e transformar o conhecimento na Amazônia para a formação de cidadãos capazes de promover a construção de uma sociedade inclusiva e sustentável.**

Os seus princípios são:

- A universalização do conhecimento;
- O respeito à ética e à diversidade étnica, cultural, biológica, de gênero e de orientação sexual;
- O pluralismo de ideias e de pensamento;
- O ensino público e gratuito;
- A

indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; • A flexibilidade de métodos, critérios e procedimentos acadêmicos; • A excelência acadêmica; • A defesa dos direitos humanos e a preservação do meio ambiente.

Tendo como visão de “Ser reconhecida nacionalmente e **internacionalmente** pela qualidade no ensino, na produção de conhecimento e em práticas sustentáveis, criativas e inovadoras integradas à sociedade”.

É por isso que um dos objetivos estratégicos da perspectiva dos processos internos é de estabelecer e estreitar relações de diálogo e parceria com universidades, centros de pesquisa, órgãos de fomento e consulares de outros países, com vistas a intensificar e fortalecer o processo de **internacionalização da UFPA**, por meio da qualificação dos acordos de entendimento, da intensificação do intercâmbio acadêmico, e da promoção da interculturalidade.

Como temos mencionados no capítulo anterior, a internacionalização das atividades de ensino, pesquisa e extensão das universidades é um desafio recente imposto pela CAPES e CNPq, melhor dizendo as instituições de fomento, assim incentivando acordos de cooperação bilateral, Projetos conjunto de pesquisas com instituições estrangeiras e mobilidade acadêmica na pós-graduação.

Destarte, ao fazer isso ajuda as IES a integrar-se ao mundo por meio de parcerias, redes, projetos de pesquisa, e mobilidade de alunos, professores, pesquisadores e administradores, facilitando o alcance de novos horizontes, que se concretizaram em maior número e melhor qualidade de suas publicações, patentes, e graduados e pós-graduados.

SEÇÃO IV - OS IMPACTO DAS INICIATIVAS E PROGRAMAS DE COOPERAÇÃO SUL-SUL DA UFPA NO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, NA INOVAÇÃO E NO COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTOS.

Nessa seção, busca-se a abordar os fundamentos da cooperação Sul-Sul na UFPA. Momento no qual iremos falar dos processos de internacionalização da UFPA, e os feitos na CSS desenvolvimento sustentável, na inovação e no compartilhamento de conhecimentos, após isso falaremos sobre os programas e iniciativas concretas da UFPA voltada à CSS.

4.1 COOPERAÇÃO INTERNACIONAL SUL-SUL DA UFPA NO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.

4.1.1 Cooperação Sul-Sul no desenvolvimento sustentável.

Diante das limitações históricas do modelo de cooperação Norte-Sul, marcado por relações assimétricas e dependência estrutural, a cooperação internacional Sul-Sul afirmou-se como uma alternativa estratégica para promover o desenvolvimento sustentável baseado na solidariedade, na autonomia e na valorização das capacidades endógenas dos países do Sul global. Inscrevendo-se numa dinâmica de transformação das relações internacionais, a cooperação Sul-Sul visa responder aos desafios económicos, sociais e ambientais comuns aos países em desenvolvimento, promovendo soluções contextualizadas e sustentáveis.

La coopération Sud-Sud (CSS), née des expériences partagées et fondée sur la solidarité, permet aux pays en développement d'atténuer efficacement les effets du dérèglement climatique et de s'y adapter, de faire face aux urgences

sanitaires mondiales et de porter une attention spécifique à d'autres objectifs transversaux. Il s'agit d'un effort de collaboration entre les pays en développement qui vise à examiner les défis communs en matière de développement en partageant les ressources, les meilleures pratiques et l'expertise. (Nations, 2023)

A Cooperação internacional Sul-Sul (CSS) desempenha um papel central na implementação do desenvolvimento sustentável, permitindo que os países em desenvolvimento compartilhem experiências, tecnologias e soluções adaptadas aos seus contextos comuns, especialmente para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). A CSS é, portanto, uma forma de cooperação técnica e econômica entre países em desenvolvimento do Sul, baseada na solidariedade, na igualdade e no respeito à soberania nacional (“Cadernos-da-Concertacao_Povos-Indigenas-Quilombolas-e-Comunidades-Tradicionais”). Ela se baseia em:

- A troca de conhecimentos, experiências e boas práticas entre países que enfrentam desafios semelhantes (pobreza, desigualdades, mudanças climáticas, gestão de recursos naturais) (Nations, 2024).
- A transferência de tecnologias e competências adaptadas às realidades locais, muitas vezes mais acessíveis e relevantes do que os modelos do Norte (FAO, 2024).
- O reforço das capacidades institucionais, técnicas e humanas dos países parceiros, sem interferência política (Nations Unies, 2026).

Com isso, a CSS é hoje reconhecida como uma alavanca poderosa para acelerar o progresso em direção aos ODS, pois, permite avançar em vários ODS simultaneamente: segurança alimentar (ODS 2), energia limpa (ODS 7), clima (ODS 13), cidades sustentáveis (ODS 11) e assim por diante (FAO, 2024). Promove soluções sustentáveis, locais e resilientes, com base em modelos que deram provas de eficácia em contextos socioeconômicos e ambientais comparáveis. Reforça a autonomia dos países do Sul em matéria de política de desenvolvimento, reduzindo a sua dependência das ajudas tradicionais como aponta esses sites:

La coopération Sud-Sud et triangulaire représente un levier stratégique pour accélérer la mise en œuvre des Objectifs de développement durable (ODD) des Nations unies. En favorisant l'échange de savoirs, de technologies

et de bonnes pratiques entre pays en développement, elle permet de concevoir des solutions inclusives, adaptées aux réalités locales et fondées sur la solidarité.(LUXDEV, 2025)

A cooperação entre países em desenvolvimento tem reduzido a desigualdade social e ajudado o Brasil a alcançar as metas estabelecidas pelos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). A avaliação foi feita durante a oficina “Política Social e Cooperação Internacional: Desafio para os Ministérios de Desenvolvimento Social e para a Rede Interamericana de Proteção Social”, realizada de segunda a quarta-feira (04 a 06/07), em Brasília.(ONU Brasil, 2011)

Ao contrário das formas convencionais de cooperação internacional, a cooperação Sul-Sul centra-se na criação de alianças e parcerias horizontais, onde as nações envolvidas trocam experiências, saberes, tecnologias, práticas e metodologias elaboradas a partir de contextos socioeconômicos similar. Essa qualidade proporciona maior legitimidade e eficácia às iniciativas focadas no desenvolvimento sustentável, visto que as soluções sugeridas costumam ser mais apropriadas às realidades locais, diminuindo a dependência de modelos externos que muitas vezes não se alinham com as realidades do Sul global.

No que diz respeito a desenvolvimento sustentável que estamos investigando, a cooperação Sul-Sul se integra de forma a apoiar três pilares: econômico, social e ambiental, (Silva; Pasqualetto, 2014). O conceito de desenvolvimento sustentável e o conceito dos três pilares surgiram no final do século XX como resposta ao crescente reconhecimento dos impactos ambientais e sociais do desenvolvimento econômico. Foi mencionado pela primeira vez no Relatório Brundtland, também conhecido como Nosso Futuro Comum, publicado em 1987 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, liderada por Gro Harlem Brundtland, primeira-ministra da Noruega, (União Europeia, 2026). O conceito de desenvolvimento sustentável foi abordado neste relatório através da discussão sobre as alterações climáticas, o desenvolvimento econômico e os objetivos internacionais.

“Sustainable development is a development that meets the needs of the present without compromising the ability of future generations to meet their own needs. It contains within it two key concepts:
- The concept of ‘needs’, in particular the essential needs of the world’s poor,

to which overriding priority should be given;
 - The idea of limitations imposed by the state of technology and social organization on the environment's ability to meet present and future needs. Thus the goals of economic and social development must be defined in terms of sustainability in all countries – developed or developing, market-oriented or centrally planned. Interpretations will vary, but must share certain general features and must flow from a consensus on the basic concept of sustainable development and on a broad strategic framework for achieving it.”(Gevme, 2023)⁴⁰

Sob a perspectiva **econômica** (ou pilar econômico), impulsiona e fomenta o fortalecimento das capacidades produtivas locais através da troca de tecnologias adequadas, da valorização das economias regionais e da criação de cadeias produtivas sustentáveis, como a agricultura familiar, a bioeconomia e a economia solidária. Essas ações promovem uma dinâmica de crescimento mais inclusiva, capaz de criar renda, emprego e inovação sem acentuar desigualdades estruturais. Isso que aponta o artigo da Mariana Caixeta e Roberto Menezes da UNB no seu título “Desafios atuais para a cooperação sul-sul: as desigualdades e o sul global”

Também, é preciso ter em conta o silenciamento e a passividade a que estiveram relegadas certas sociedades desde o sistema colonial; e servir para fazer emergir cosmologias alternativas e práticas políticas inovadoras neste cenário. Esse é o potencial que a Cooperação Sul-Sul oferece, no âmbito da CID e das relações internacionais, para instrumentalizar iniciativas que respondam aos problemas das desigualdades que acometem o Sul global. (Caixeta; Menezes, 2021)

O pilar econômico refere-se também à capacidade das sociedades de manter seus sistemas econômicos ao longo do tempo. Isso inclui garantir que o crescimento econômico seja sustentável e não ocorra às custas das gerações futuras. A

⁴⁰ “O desenvolvimento sustentável é aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades. Ele contém dois conceitos-chave:

O conceito de “necessidades”, em particular as necessidades essenciais dos pobres do mundo, às quais deve ser dada prioridade absoluta;

A ideia das limitações impostas pelo estado da tecnologia e da organização social à capacidade do meio ambiente de satisfazer as necessidades presentes e futuras.

Assim, os objetivos do desenvolvimento econômico e social devem ser definidos em termos de sustentabilidade em todos os países — desenvolvidos ou em desenvolvimento, orientados para o mercado ou com planejamento centralizado. As interpretações podem variar, mas devem compartilhar certas características gerais e decorrer de um consenso sobre o conceito básico de desenvolvimento sustentável e sobre um amplo quadro estratégico para alcançá-lo.”

sustentabilidade econômica envolve a criação de oportunidades econômicas acessíveis a todos os membros da sociedade, independentemente da renda ou do status social (Gevme, 2023). Para alcançar a sustentabilidade econômica, deve haver um equilíbrio entre crescimento econômico, progresso social e proteção ambiental. Devemos garantir que nossos sistemas econômicos sejam resilientes e adaptáveis às circunstâncias em constante mudança. Isso pode envolver investir em programas de educação e treinamento, criar oportunidades para empreendedorismo e inovação e promover práticas comerciais sustentáveis que priorizem resultados sociais e ambientais, além dos econômicos. As empresas devem trabalhar para incorporar a sustentabilidade em seu plano de desenvolvimento, o que as ajuda a criar uma imagem positiva na mente dos consumidores e a reduzir sua pegada de carbono.

Na perspectiva **social** (ou pilar social), a cooperação Sul-Sul é fundamental e primordial para o aprimoramento das competências humanas e institucionais. A troca de saberes e de experiência em setores como educação, saúde, políticas públicas e direitos sociais viabiliza a capacitação de profissionais e acadêmicos engajados na mudança social. Além disso, ao focar na inclusão de grupos historicamente excluídos (como povos indígenas, comunidades tradicionais, mulheres, migrantes e populações de periferia) esse modelo de cooperação auxilia na diminuição das desigualdades sociais e territoriais, fator crucial para a sustentabilidade a longo prazo

Trata-se do capital humano de um empreendimento, comunidade, sociedade como um todo. Além de salários justos e estar adequado à legislação trabalhista, é preciso pensar em outros aspectos como o bem-estar dos seus funcionários, propiciando, por exemplo, um ambiente de trabalho agradável, pensando na saúde do trabalhador e da sua família. Além disso, é imprescindível ver como a atividade econômica afeta as comunidades ao redor. Nesse item, está contido também problemas gerais da sociedade como educação, violência e até o lazer. (LASSU USP, 2016)

Esse pilar refere-se à capacidade das sociedades de manter a coesão social, a igualdade e a paz entre as comunidades ao longo do tempo. Isso inclui garantir que todos tenham acesso aos recursos e serviços necessários para prosperar, como alimentação, moradia, saúde, educação e oportunidades culturais. Para aprofundar ainda mais, a sustentabilidade social concentra-se principalmente nestes três elementos-chave:

O primeiro componente da sustentabilidade social está centrado na paz, segurança e direitos humanos. Esses aspectos são de suma importância, pois conflitos, práticas antiéticas e atividades criminosas são prejudiciais ao meio ambiente. Por exemplo, durante as guerras, poluentes são liberados no meio ambiente, e fábricas envolvidas em práticas antiéticas também contribuem para a degradação ambiental.

O segundo aspecto da sustentabilidade social está relacionado ao acesso à saúde. As questões de saúde estão interligadas com aspectos econômicos e ambientais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a sustentabilidade impossível de ser alcançada sem prestar atenção às questões relacionadas à saúde (Gevme, 2023).

O terceiro aspecto da sustentabilidade social é a justiça social e a igualdade de oportunidades. Isso inclui oferecer oportunidades de educação e treinamento para todos os membros da sociedade e garantir que os serviços de saúde sejam acessíveis e econômicos para todos. Além disso, todos têm acesso igualitário a recursos e oportunidades, independentemente de gênero, raça, etnia ou origem socioeconômica.

Na perspectiva **ambiental** (ou pilar ambiental), a cooperação Sul-Sul se torna particularmente importante em um contexto caracterizado pela intensificação das crises climáticas e ambientais, (Silva; Pasqualetto, 2014). Os países do Sul apresentam fragilidades parecidas/iguais diante das alterações climáticas, da degradação do meio ambiente e da exploração excessiva dos recursos naturais. Dessa forma, a troca de experiências em conservação ambiental, gestão sustentável dos espaços, utilização de energias renováveis e adaptação às alterações climáticas fortalece estratégias coletivas para lidar com esses desafios. Ademais, a combinação de saberes tradicionais com conhecimentos científicos locais expande as oportunidades de criar soluções sustentáveis para o meio ambiente e justas socialmente.

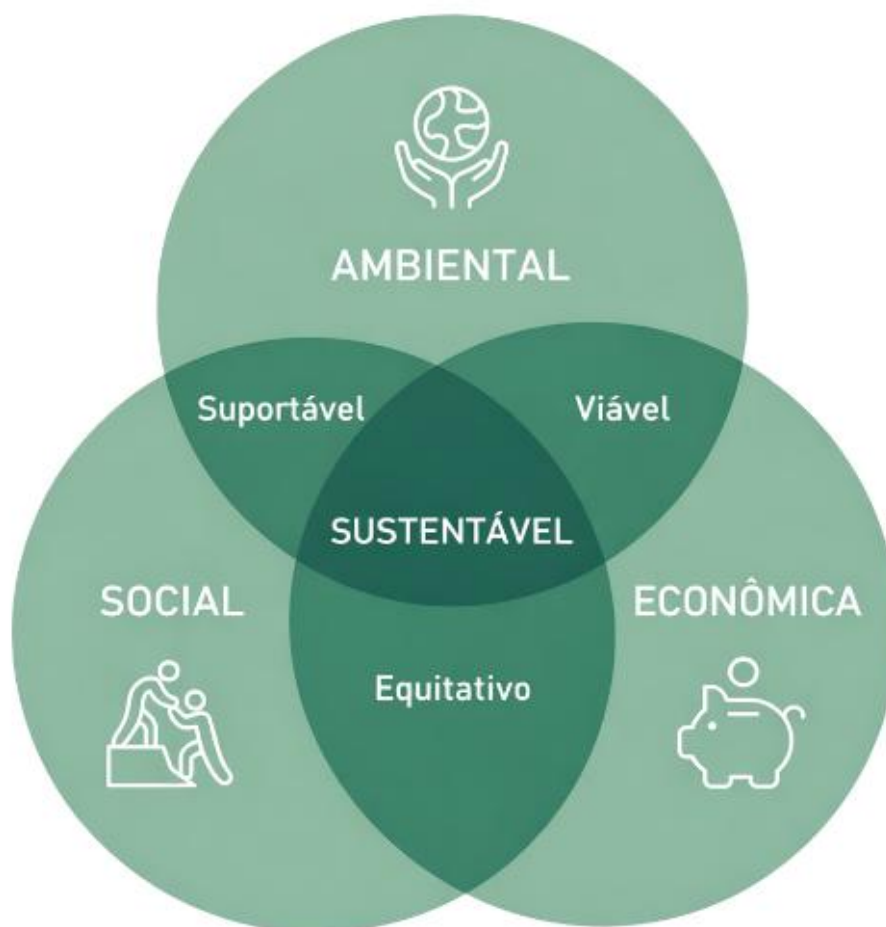
Portanto a sustentabilidade ambiental é o pilar mais comumente associado à sustentabilidade. Refere-se à capacidade dos sistemas naturais de se manterem e fornecerem os recursos e serviços dos quais os seres humanos dependem. A sustentabilidade ambiental envolve proteger os ecossistemas do planeta, conservar os recursos naturais e minimizar a poluição e os resíduos (Gevme, 2023). Um aspecto da sustentabilidade ambiental é a promoção de fontes de energia renováveis, como a solar, a eólica e a hidrelétrica. Essas fontes de energia são sustentáveis porque não dependem do esgotamento de recursos finitos, como os combustíveis fósseis. Elas também

produzem menos emissões de gases de efeito estufa, que contribuem para as mudanças climáticas. Outro aspecto da sustentabilidade ambiental é a promoção da agricultura sustentável. Isso envolve o uso de práticas que reduzem o uso de produtos químicos nocivos, promovem a biodiversidade e preservam a saúde do solo. Preservar e proteger a biodiversidade é outro aspecto da sustentabilidade ambiental. Isso envolve proteger habitats naturais, conservar espécies ameaçadas de extinção e promover a restauração de ecossistemas.

Um outro aspecto importante da cooperação Sul-Sul no desenvolvimento sustentável diz respeito à função estratégica das instituições acadêmicas e científicas. Universidades e instituições de pesquisa funcionam como locais estratégicos de criação, circulação e democratização do saber, ajudando na formação de redes científicas entre os países do Sul e na afirmação da soberania intelectual das nações em desenvolvimento (Souza; Cossa; Rodrigues, 2024). A cooperação acadêmica entre países do Sul impulsiona a internacionalização do ensino superior desde visões não hegemônicas, favorecendo pesquisas voltadas às necessidades sociais e ambientais das regiões em que se encontram.

Embora tenha progredido, a cooperação Sul-Sul ainda lida com desafios estruturais significativos, como a escassez de recursos financeiros, as desigualdades institucionais entre os países cooperantes, a fragilidade dos mecanismos de monitoramento e avaliação de impactos e as instabilidades políticas que prejudicam várias áreas do Sul global. Mesmo assim, essas barreiras não diminuem ou anulam seu potencial transformador, mas destacam a urgência de reforçar marcos institucionais, aumentar investimentos públicos e estabelecer estratégias de longo prazo que assegurem a sustentabilidade das iniciativas cooperativas.

Figura 1: Os três pilares da sustentabilidade.



Fonte: Figura produzido pelo autor baseando-se no (Gevme, 2023)

A figura que elaboramos ilustra, de maneira educativa conceitual, o modelo que vimos anteriormente dos três pilares da sustentabilidade: ambiental, social e econômico. Organizado em um diagrama de interseção (diagrama de Venn)⁴¹, a figura destaca que o desenvolvimento sustentável não pode ser visto sob uma única perspectiva, mas como o fruto da harmoniosa integração entre essas três dimensões essenciais da vida em sociedade.

O pilar ambiental diz respeito à conservação dos ecossistemas, ao uso consciente e responsável dos recursos naturais e à salvaguarda da biodiversidade, reconhecendo as

⁴¹ Um **Diagrama de Venn** é uma representação visual com círculos (ou outras formas fechadas) que ilustra as relações lógicas entre conjuntos, mostrando o que eles têm em comum (interseção) e o que é único em cada um, sendo muito usado em matemática, lógica, estatística e gestão para visualizar semelhanças e diferenças. Ele utiliza áreas de sobreposição para indicar elementos compartilhados e é uma ferramenta eficaz para organizar informações complexas de forma simples e clara.

fronteiras ecológicas do planeta. Ele enfatiza a importância de ações que minimizem os impactos ambientais, promovam a resiliência das regiões e assegurem condições ambientais apropriadas para as gerações atuais e futuras.

O pilar social destaca a importância da justiça social, da equidade, dos direitos humanos e do bem-estar da coletividade. Essa dimensão abrange o acesso à saúde, educação, habitação, emprego digno, segurança alimentar e participação social, reconhecendo que a sustentabilidade não é possível em contextos permeados por desigualdades, exclusões e violações de direitos.

O pilar econômico refere-se à criação de receitas, à sustentabilidade financeira das ações e ao desenvolvimento econômico responsável. Ao contrário de uma lógica exclusivamente comercial focado no mercado, essa perspectiva sugere um modelo econômico que produz riqueza sem prejudicar o meio ambiente ou aumentar as desigualdades sociais como foi abordado acima pelo autor (Caixeta; Menezes, 2021).

Nas áreas de intersecção entre os pilares, o gráfico apresenta conceitos fundamentais que são conceitos-chaves. A intersecção entre o meio ambiente e o social é definida como **suportável**, apontando práticas que são ambientalmente conscientes e socialmente aprovadas e/ou aceitáveis. A intersecção entre o ambiental e o econômico é definida como **viável**, indicando soluções economicamente sustentáveis que respeitem as fronteiras ecológicas. A intersecção entre o social e o econômico é descrita como **equitativa** justa, enfatizando a relevância de modelos econômicos que favoreçam inclusão e equidade social.

No centro do diagrama está o conceito de **sustentável**, representando o ponto de equilíbrio onde as três dimensões coexistem de maneira integrada. Esse eixo simboliza o conceito de desenvolvimento sustentável: iniciativas e diretrizes que sejam, ao mesmo tempo, ambientalmente corretas, socialmente justas e economicamente viáveis.

Assim, a figura fortalece a ideia de que a sustentabilidade é um processo interligado e sistêmico. Qualquer ação que favoreça apenas uma dessas dimensões, em relação às demais, tende a gerar resultados restritos, limitados ou insustentáveis. Esta perspectiva é particularmente pertinente para situações como a Amazônia, a colaboração internacional Sul-Sul e as discussões atuais sobre justiça climática, migração e desenvolvimento regional (territorial).

Para melhor recapitular isso trocemos a figura 2 em formato de círculos concêntricos.

Figura 2: Os três pilares da sustentabilidade



Fonte: Figura produzido pelo autor baseando-se no (Gevme, 2023)

A figura mostrada representa uma visão integrada de sustentabilidade através de círculos concêntricos⁴², enfatizando a interconexão entre o meio ambiente, a sociedade e a economia. Ao contrário de modelos que tratam essas dimensões como equivalentes, essa representação ressalta uma hierarquia funcional, onde cada dimensão é contida e influenciada pela anterior. Onde o círculo maior ou exterior, em vermelho, simboliza o Meio Ambiente / O Planeta, representando a base física e ecológica que sustenta toda a vida e as atividades humanas. Essa opção visual enfatiza a noção de que os sistemas

⁴² Círculos concêntricos são círculos que compartilham o **mesmo centro**, mas possuem raios diferentes, formando uma espécie de alvo ou camadas, onde um círculo menor está dentro de um maior, ambos partindo do mesmo ponto central. O termo "concêntrico" também se aplica a outras formas geométricas (como esferas e polígonos) e tem uso figurado em áreas como segurança (camadas de proteção) e marketing (foco no público-alvo).

econômicos e sociais só podem existir dentro dos limites ambientais do planeta. A cor vermelha, frequentemente ligada à urgência e ao alerta, foi usado para destacar a seriedade da crise climática, da perda de biodiversidade e da degradação ambiental, sinalizando a necessidade de ações imediatas e responsáveis, em vez da cor verde para falar sobre meio ambiente.

O círculo médio ou central, na cor azul, refere-se à Sociedade / Pessoas. Ele reflete as interações sociais, culturais, políticas e institucionais que estruturam a vida em conjunto. Integrada ao meio ambiente, a sociedade depende diretamente da qualidade dos ecossistemas para assegurar direitos essenciais como saúde, alimentação, habitação e segurança. O azul foi usado para simbolizar movimento e interação entre humanos, enfatizando a importância das pessoas, das comunidades e da equidade social na promoção da sustentabilidade. E por fim no núcleo da figura, o círculo em amarela simboliza a Economia / Lucro. Situado como a camada mais interna, a figura enfatiza que a economia é um subsistema da sociedade e, por sua vez, do meio ambiente. Essa abordagem desconstrói perspectivas convencionais que priorizam o crescimento econômico sem reservas, reafirmando que a atividade econômica deve servir ao bem-estar social e à proteção do meio ambiente. O amarelo usado indica a urgência de uma economia responsável, estruturada e dedicada ao bem comum futuro.

Em resumo, a figura propõe uma análise crítica e integrada da sustentabilidade, afirmando que o verdadeiro avanço se dá quando a economia se coloca a serviço das necessidades sociais e ambas honram os limites ecológicos. Essa perspectiva é particularmente pertinente em cenários como os da Amazônia e do Sul Global, nos quais os problemas ambientais, sociais e econômicos estão profundamente interligados.

4.1.2 Cooperação Sul-Sul da UFPA no desenvolvimento sustentável.

A cooperação internacional Sul-Sul tem se afirmado, nas últimas décadas, como uma opção estratégica aos modelos convencionais de cooperação internacional, historicamente caracterizados por relações desequilibradas entre nações do Norte e do

Sul Global. Na área da educação superior, essa forma de cooperação tem grande importância ao fomentar intercâmbios acadêmicos, científicos e culturais fundamentados na reciprocidade, na solidariedade e na valorização das realidades históricas, sociais e econômicas comuns entre nações em desenvolvimento (Souza; Cossa; Rodrigues, 2024).

Nesse cenário, a Universidade Federal do Pará (UFPA) sobressai como um agente fundamental da cooperação Sul-Sul, principalmente devido à sua presença na Amazônia e à sua longa atuação com nações da África, Ásia, América Latina e Caribe. Assim a cooperação internacional Sul-Sul desenvolvida pela Universidade Federal do Pará (UFPA) vai além da mobilidade acadêmica, integrando ensino, pesquisa e extensão com iniciativas globais e locais e constitui um eixo estratégico importante do seu compromisso institucional em favor do desenvolvimento sustentável. Localizada no coração da Amazônia, a UFPA ocupa uma posição geográfica, política e epistemológica singular que molda à sua maneira de conceber e praticar a cooperação internacional, (PDI - UFPA, 2016). Num contexto mundial marcado pela crise ambiental, pelo agravamento das desigualdades sociais e pelo questionamento dos modelos tradicionais de cooperação Norte-Sul, a UFPA afirma-se como um ator fundamental na construção de parcerias Sul-Sul baseadas na solidariedade, na horizontalidade e na valorização dos conhecimentos provenientes dos territórios do Sul global.

A cooperação Sul-Sul da UFPA baseia-se nos princípios da reciprocidade, do respeito pela soberania nacional e do reconhecimento das especificidades históricas, sociais e culturais dos países parceiros como afirma (Lima; Nicácio, 2025)“...a reciprocidade representa o elemento essencial da soberania e da igualdade entre os Estados”. Por meio de acordos interinstitucionais, redes acadêmicas, projetos de pesquisa conjuntos e programas de mobilidade estudantil e docente, a universidade desenvolve parcerias principalmente com instituições da América Latina, África e outras regiões do Sul global. Essas cooperações permitem a circulação horizontal de conhecimentos e promovem a produção coletiva de soluções adaptadas a realidades marcadas por desafios comuns, como dependência econômica, desigualdades sociais e vulnerabilidade ambiental.

No que diz respeito ao desenvolvimento sustentável, a cooperação internacional Sul-Sul da UFPA desempenha um papel importante na integração dos seus aspectos

econômico, social e ambiental. No âmbito econômico, as ações de cooperação promovem o fortalecimento das capacidades produtivas locais e regionais por meio da geração de conhecimentos práticos, da inovação científica e tecnológica e da valorização do potencial local. Os estudos feitos em colaboração com parceiros do Sul focam, em particular, na bioeconomia, na agricultura sustentável, na gestão de recursos naturais e em modelos alternativos de desenvolvimento, ajudando a criar caminhos econômicos mais inclusivos e sustentáveis ecologicamente, o que afirma o reitor da UFPA no (ASCOM UFPA; ASCOM DIBB, 2025):

“A UFPA tem um compromisso histórico com a construção de uma sociedade inclusiva e sustentável e o DIBB é mais uma ação concreta e estratégica nesse sentido. Nós entendemos que a Amazônia precisa ser pensada e construída a partir da ciência, das tecnologias e do respeito aos saberes locais. Então, quando fomentamos projetos que unem inovação com o uso sustentável da biodiversidade amazônica, estamos criando oportunidades para transformar o conhecimento gerado nos nossos laboratórios em soluções reais para as cadeias produtivas da região. Nosso papel enquanto universidade pública é exatamente esse: criar pontes entre o conhecimento acadêmico e as necessidades concretas dos nossos territórios”, defende o reitor da UFPA, Gilmar Pereira da Silva. (ASCOM UFPA; ASCOM DIBB, 2025)

No plano social, a cooperação Sul-Sul da UFPA desempenha um papel central na formação de recursos humanos e no fortalecimento das capacidades institucionais. Os intercâmbios acadêmicos, a mobilidade internacional e os projetos de pesquisa e extensão (como PEC-G, PEC-PG, BRACOL, BRAMEX, GCUB e outros que havíamos mencionado no capítulo III, promovem a formação de quadros qualificados, comprometidos com as questões sociais e ambientais de seus territórios (PROINTER UFPA, 2021). Além disso, a UFPA integra em suas ações de cooperação uma atenção especial às populações historicamente marginalizadas, como os povos indígenas, as comunidades quilombolas, ribeirinhas e migrantes, contribuindo assim para a promoção da inclusão social, da justiça territorial e dos direitos humanos, elementos indissociáveis do desenvolvimento sustentável (Gama, 2023).

Pessoas mais pobres e mais vulneráveis da sociedade tiveram acesso ao ensino superior público gratuito e puderam ascender socialmente e uma nova

classe social passou a sonhar com uma sociedade mais fraterna e mais justa, aumentando o sentimento de pertencimento à universidade.(Gama, 2023).

A dimensão ambiental constitui um pilar estruturante da cooperação internacional Sul-Sul da UFPA. Como instituição amazônica, a universidade desenvolve parcerias científicas voltadas para a conservação da biodiversidade, a gestão sustentável dos ecossistemas, a adaptação e mitigação das mudanças climáticas, bem como a transição energética. A cooperação com outros países do Sul, que enfrentam problemas ambientais semelhantes, permite o intercâmbio de experiências, metodologias e tecnologias adaptadas, integrando tanto o conhecimento científico quanto o conhecimento tradicional. Essa abordagem favorece a elaboração de estratégias ambientais mais justas, ancoradas nas realidades locais e orientadas para a sustentabilidade a longo prazo como afirma a pró-reitora de Relações Internacionais, professora Lise Tupiassu, do Instituto de Ciências Jurídicas da UFPA, doutora em Direito pela Universidade de Toulouse, na França, e tem pós-doutorado em Financiamento Climático pela Universidade de Columbia, nos Estados Unidos.

“...Esta parceria é um marco importante para a internacionalização da UFPA e para o desenvolvimento de pesquisas conjuntas em áreas estratégicas, como bioprospecção e estudo de microalgas e cianobactérias, temas não tão conhecidos, mas essenciais ao se tratar de sustentabilidade e mudanças climáticas na Amazônia” (COP30 UFPA, 2025)

Além disso, a cooperação Sul-Sul da UFPA reforça o papel estratégico do ensino superior na produção e democratização do conhecimento. Por meio de uma internacionalização solidária, a universidade contribui para a consolidação da soberania científica do Sul global, contestando a centralidade epistemológica dos países do Norte e promovendo agendas de pesquisa alinhadas às necessidades sociais e ambientais dos territórios do Sul. Essa dinâmica favorece a construção de conhecimentos críticos, interdisciplinares e socialmente engajados, suscetíveis de influenciar as políticas públicas e as estratégias de desenvolvimento territorial sustentável.

Como uma entidade pública de destaque na área, a UFPA participa intensamente da geração de saber científico acerca das questões climáticas, ambientais e

socioeconômicas que fundamentam as discussões mundiais da COP30. Suas investigações interdisciplinares acerca da biodiversidade, alterações climáticas, bioeconomia, justiça ambiental e direitos das comunidades tradicionais possibilitam conectar as demandas locais da Amazônia com as pautas internacionais de desenvolvimento sustentável. Dessa forma, a UFPA se posiciona como um ambiente de intermediação entre o saber científico, o saber tradicional e as dinâmicas de governança climática global (“Amazônia na COP30”, 2025).

No âmbito da COP30, o papel da UFPA vai além da produção acadêmica, inserindo-se em uma dinâmica de responsabilidade social e cooperação internacional Sul-Sul. A universidade contribui para reforçar o protagonismo dos países do Sul global nos debates climáticos, valorizando abordagens de desenvolvimento sustentável baseadas na justiça social, na inclusão das comunidades locais e na soberania dos territórios. Por meio de suas parcerias acadêmicas, projetos de extensão e redes de cooperação com instituições da África, América Latina e outras regiões do Sul, a UFPA participa da construção de narrativas alternativas às dominantes nas negociações climáticas internacionais. Nessa perspectiva, a COP30 representa não apenas um importante evento diplomático, mas também uma oportunidade para a UFPA consolidar seu papel de ator estratégico do desenvolvimento sustentável, promovendo soluções ancoradas nas realidades amazônicas e nos princípios de solidariedade e cooperação Sul-Sul. O que leva a Universidade Federal do Pará (UFPA) à estar entre as universidades mais influentes do mundo na edição de 2025 do prestigiado Times Higher Education (THE) Impact Rankings (“Impact Ranking”, 2025).

“A excelente colocação da UFPA neste *ranking* demonstra o sucesso da integração dos projetos que alinham ensino, pesquisa e extensão com os desafios mais urgentes da nossa época. É com grande orgulho que celebramos este resultado, que não apenas reconhece o esforço da nossa comunidade acadêmica, mas também evidencia o papel da UFPA como uma instituição de vanguarda, comprometida em construir um futuro mais justo e inclusivo para todos. Essa conquista reflete o trabalho dedicado de professores, técnicos e estudantes, que, diariamente, transformam conhecimento em ação e impulsionam o desenvolvimento da Amazônia e do Brasil de forma ética, inclusiva e sustentável”, avalia o reitor da UFPA, Gilmar Pereira da Silva (Comitê de Métricas, 2025)

Apesar dos avanços, a cooperação internacional Sul-Sul da UFPA enfrenta desafios estruturais, tais como restrições orçamentárias, assimetrias institucionais entre os parceiros, a complexidade administrativa dos acordos internacionais e a necessidade de mecanismos mais robustos de acompanhamento e avaliação dos impactos (Tourinho, 2022) “Na Universidade Federal do Pará (UFPA), isso equivaleria à perda de R\$ 28 milhões de um orçamento que já é R\$ 10 milhões menor do que o de 2019, contra uma inflação de 18,89% no período”. No entanto, essas limitações não comprometem o potencial transformador dessa cooperação, mas ressaltam a importância de seu fortalecimento institucional e de seu reconhecimento como instrumento central das políticas universitárias de desenvolvimento sustentável.

Em soma, a cooperação internacional Sul-Sul da UFPA em matéria de desenvolvimento sustentável apresenta-se como uma alavanca fundamental para a construção de modelos de desenvolvimento mais equitativos, inclusivos e ecologicamente responsáveis. Ao promover o compartilhamento horizontal de conhecimentos, o fortalecimento das capacidades locais e a co-construção de soluções para os desafios socioambientais, a UFPA consolida seu papel como ator estratégico da cooperação Sul-Sul e da transformação dos paradigmas de desenvolvimento no Sul global.

4.2 COOPERAÇÃO SUL-SUL DA UFPA NA INOVAÇÃO.

As teorias de desenvolvimento que contemplam o conhecimento como elemento central para a melhora das condições de vida e o progresso econômico e social alimentam as estratégias da cooperação internacional. A cooperação para o desenvolvimento, sobretudo, tem valorizado e ressaltado a eficácia dos esquemas de cooperação horizontal pela difusão e transferência de conhecimentos e tecnologia e por projetos conjuntos de inovação e desenvolvimento de pesquisas científicas. (Caixeta, 2015)

A CSS em matéria de inovação impõe-se como uma alavanca estratégica para responder aos desafios estruturais enfrentados pelos países do Sul global. Face às limitações dos modelos tradicionais de transferência tecnológica, frequentemente

centrados em soluções importadas e pouco adaptadas às realidades locais, a cooperação Sul-Sul propõe uma abordagem baseada na solidariedade, na reciprocidade e na valorização das capacidades endógenas, (Dantas, 2023). Ela permite que os países parceiros compartilhem experiências, tecnologias e conhecimentos desenvolvidos em contextos socioeconômicos semelhantes, favorecendo assim o surgimento de inovações mais relevantes, acessíveis e sustentáveis.

Ademais, apresentava os princípios que deveriam guiar esse tipo de interação, quais sejam: a soberania nacional, a independência, a solidariedade, a igualdade, a não condicionalidade e a não interferência em assuntos domésticos e benefícios mútuos. Outro aspecto relevante era o reconhecimento das diferentes formas de manifestação da cooperação Sul-Sul, como o compartilhamento de conhecimento e experiência, o treinamento, a transferência de tecnologia e a cooperação financeira e monetária.(Dantas, 2023)

Nessa perspectiva, a inovação resultante da cooperação Sul-Sul não se limita à inovação tecnológica em sentido estrito, mas abrange também a inovação social, institucional e territorial. Os intercâmbios entre universidades, centros de pesquisa, organizações da sociedade civil e atores públicos do Sul promovem a co-construção de soluções adaptadas às necessidades locais, especialmente em áreas como agricultura sustentável, bioeconomia, energias renováveis, saúde pública e inclusão social. Essa dinâmica contribui para a redução das assimetrias tecnológicas e para o fortalecimento da autonomia científica e produtiva dos países do Sul.

A cooperação Sul-Sul em matéria de inovação também desempenha um papel central no reforço das capacidades humanas e institucionais. Os programas de formação conjunta, a mobilidade acadêmica e as redes de pesquisa permitem formar pesquisadores, engenheiros e inovadores capazes de desenvolver soluções enraizadas em seus territórios. Ao promover a aprendizagem coletiva e o compartilhamento horizontal de conhecimentos, essa forma de cooperação contribui para a constituição de sistemas nacionais e regionais de inovação mais robustos e inclusivos, ao mesmo tempo em que reduz a dependência de tecnologias e conhecimentos externos.(The Reality of Aid, 2010).

A CSS desenvolvida pela Universidade Federal do Pará (UFPA) na inovação constitui um eixo estratégico do seu compromisso institucional em favor de um desenvolvimento sustentável, inclusivo e territorialmente enraizado. Situada no centro da Amazônia brasileira, a UFPA vê a inovação não apenas como um processo tecnológico externo, mas como uma dinâmica social, científica e cultural que emerge das realidades do Sul global. Nesse cenário, a cooperação Sul-Sul possibilita à universidade reforçar colaborações fundamentadas na solidariedade, na horizontalidade e na co-criação de saberes, como enfatiza Victor Dias, titular da Sectet

“No Pará, a ideação de implementação do primeiro parque de ciência e tecnologia surgiu da união entre o estado e a Universidade Federal do Pará, em 2009, com a posterior anuência e participação da Universidade Federal Rural da Amazônia nessa parceria exitosa. Investir no PCT Guamá é, ao mesmo tempo, investir na transformação socioeconômica sustentável do Pará. Os investimentos no parque buscam estabelecer o Pará como modelo de inovação sustentável e inclusiva, destacando a importância da conservação ambiental e do desenvolvimento econômico equilibrado”(Moraes, 2024)

Um dos pontos mais importante da inovação da CSS da UFPA está no seu caráter focado na solução de problemas reais enfrentados pelas comunidades do Sul. A UFPA contribui para o desenvolvimento de soluções inovadoras em bioeconomia, energias renováveis, agricultura sustentável, saúde pública e tecnologias sociais, por meio de projetos de pesquisa conjuntos, redes acadêmicas e acordos interinstitucionais com universidades e centros de pesquisa de várias regiões do Sul. Essas ações facilitam a troca de tecnologias adequadas e o intercâmbio de metodologias ajustadas aos contextos sociais, econômicos e ambientais das regiões parceiras. Isso que confirma o professor Waldir Abreu, coordenador-adjunto do programa PPGED/UFPA. “Os projetos internacionais são resultado do trabalho conjunto entre pesquisadores, pós-graduandos do PPGED e seus pares de outros países, formando redes colaborativas de pesquisa internacionais.” (Cardoso, 2025)

“Fortalecer os laços com países do Sul Global, como a Índia, é fundamental para romper com a lógica tradicional da cooperação acadêmica centrada no eixo Norte. É preciso mudar a cultura da internacionalização e valorizar parcerias que compartilhem desafios e contextos semelhantes ao nosso. A missão à Índia abre novas janelas de oportunidade e consolida a UFPA como

um ator estratégico no espaço BRICS de educação e pesquisa”(PROINTER UFPA, 2025)

A inovação apoiada pela cooperação Sul-Sul da UFPA também inclui uma importante dimensão social e ecológica. Ao destacar os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas, das comunidades quilombolas e ribeirinhas, a universidade contribui para a criação de inovações mistas, combinando conhecimentos científicos e práticas ancestrais. Esse método favorece a criação de soluções que respeitam os ecossistemas da Amazônia e integram aspectos sociais, contribuindo para modelos de desenvolvimento mais equitativos e sustentáveis. (Amazônia; Arapyáú, 2024)

Destarte, a colaboração Sul-Sul da UFPA em inovação se insere numa visão crítica da globalização do ensino superior. Ao desafiar a centralidade epistemológica ‘se envolverem ativamente nas discussões globais sobre inovação e desenvolvimento, principalmente em espaços estratégicos ligados à governança ambiental e à COP30.

4.3 COOPERAÇÃO SUL-SUL DA UFPA NO COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTOS.

As trocas de saberes e de conhecimentos são elementos das estratégias atuais de desenvolvimento nos países do Sul global. Diante da concentração histórica da produção e circulação do saber nos países do Norte, essa modalidade de cooperação se consolida como uma estratégia política e epistemológica que busca democratizar o acesso ao conhecimento e valorizar as vivências geradas nos contextos do Sul. Ela fundamenta-se nos princípios de horizontalidade, reciprocidade e reconhecimento mútuo, possibilitando que os países colaborativos troquem seus conhecimentos, práticas e inovações sem hierarquias estabelecidas.

A transferência de conhecimentos no âmbito da cooperação Sul-Sul baseia-se em diversos mecanismos, incluindo redes universitárias, programas de formação conjuntos, mobilidade de estudantes e professores, bem como pesquisa científica

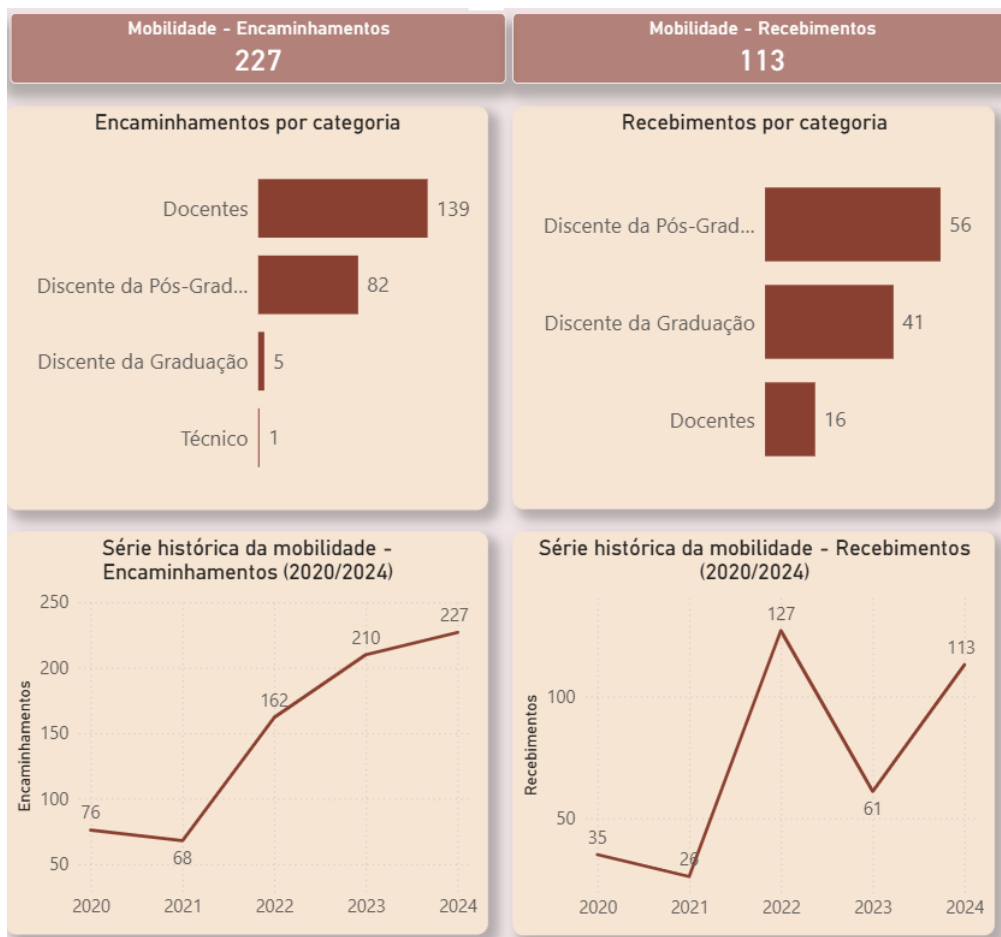
colaborativa. Esses mecanismos incentivam o intercâmbio de conhecimentos científicos, técnicos e empíricos entre nações que enfrentam desafios semelhantes, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento sustentável, à justiça social, à saúde pública e à gestão dos recursos naturais. Ao promover o compartilhamento de experiências específicas, a cooperação Sul-Sul aumenta a relevância e a utilidade dos conhecimentos gerados.

“Os projetos internacionais são resultado do trabalho conjunto entre pesquisadores, pós-graduandos do PPGED e seus pares de outros países, formando redes colaborativas de pesquisa internacionais. Isso tem gerado publicações em veículos internacionais e coautorias com pesquisadores estrangeiros do PPGED”, afirma Waldir Abreu, coordenador-adjunto do programa.(Cardoso, 2025)

Podemos ver na figura 3 como a UFPA vem aumentando ao longo dos anos as suas mobilidades IN e OUT. Na mobilidade OUT falando de mobilidade que a UFPA enviou para outros países e/ou instituições, o número vem aumentando ao longo dos anos. Podemos ver números de docentes, discentes de graduação e de pós-graduação, e técnico que aumenta. Desde 2020 em intervalo de quatro (04) anos, pois esse censo de UFPA em número (PROPLAN, 2024) publicado oficial recente é de 2024 na data que estamos fazendo a pesquisa, podemos perceber que de 76 em 2020, passa para 227 seja um aumento de 198,68% em quatro (04) anos enquanto a mobilidade IN (de pessoas que vem na UFPA) houve um aumento de 35 em 2020 para 113 em 2024 seja um aumento de 223%. Isso demonstra como a UFPA está melhorando as suas mobilidades internacionais tanto IN quanto OUT. também podemos perceber que com o mais de 25% de aumento de mobilidade IN a UFPA demonstra um posicionamento que está mais aberto em receber pesquisadores, discente e docentes em casa para facilitar a internacionalização. Será que esse corpo acadêmico⁴³ vem em parte ou na sua maioria do Sul? Veremos isso a posteriores.

⁴³ O Corpo Acadêmico é formado pelos docentes e discentes do programa ou de uma instituição.

Figura 3: Quadro de mobilidade IN e OUT da UFPA



Fonte: UFPA em número 2024.

Além do âmbito acadêmico, a CSS falando de compartilhamento de conhecimentos também abrange os conhecimentos locais e tradicionais, muitas vezes negligenciados nos circuitos científicos dominantes. As comunidades indígenas, quilombolas, rurais e tradicionais ocupam uma posição fundamental no compartilhamento de práticas relacionadas com a gestão sustentável da terra, a agricultura, a biodiversidade e a capacidade de adaptação às alterações climáticas. Ao valorizar esses conhecimentos como válidos e complementares aos conhecimentos científicos, a cooperação Sul-Sul contribui para uma abordagem mais inclusiva e diversificada da criação de conhecimento.

“Nós somos uma região que os saberes tradicionais têm um papel muito relevante, os conhecimentos das populações ribeirinhas, dos quilombolas, dos indígenas, dos extrativistas, têm mantido a floresta em pé por todo esse tempo. Então, tem um papel fundamental que a gente mobilize essas comunidades e a ciência seja um anteparo para que a gente, juntos, contribua para que o planeta continue se beneficiando dessa floresta e dessas águas”.(CBN, 2025)

Por outro lado, o compartilhamento de conhecimentos na cooperação Sul-Sul contribui para a melhoria das capacidades humanas e institucionais dos países aliados, como afirmou o reitor da UFPA “Quando se dispõe a dialogar com os povos tradicionais e os saberes, é possível horizontalizar os saberes científicos e reconhecer o conhecimento dos povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas”(Silva, 2025). O acesso a formações adequadas, a aprendizagem em grupo e a cocriação de conhecimentos reforçam a autonomia científica e intelectual do Sul global. Esta dinâmica também ajuda a diminuir os desequilíbrios de poder na governança global do conhecimento, aumentando a capacidade dos países do Sul de estabelecerem as suas próprias prioridades em matéria de investigação e desenvolvimento.

A colaboração da UFPA no compartilhamento de saberes se alinha a uma lógica de internacionalização solidária que busca minimizar as desigualdades epistemológicas entre as nações do Sul global. Situada no centro da Amazônia, a UFPA exerce uma função fundamental na disseminação horizontal de saberes científicos, técnicos e metodológicos, incentivando intercâmbios acadêmicos ancorados em realidades socioambientais similares. Essa colaboração enriquece a coprodução de saber, o intercâmbio entre instituições de ensino do Sul e a valorização dos contextos locais como fontes válidas de conhecimento. Como explicou o reitor da UFPA em entrevista à Gazeta sobre a força das populações tradicionais amazônicas “Os amazônidas têm conhecimentos extraordinários. Não é à toa que a Amazônia ainda mantém grande parte de seu bioma preservado. Isso se deve ao trabalho de indígenas, quilombolas, extrativistas e outras populações tradicionais” (Hoffmann, 2025).

Ademais, a troca de saberes incentivada pela UFPA extrapola o território puramente acadêmico, unindo os saberes tradicionais dos povos indígenas, de comunidades quilombolas, ribeirinhas e outras. Ao conectar saberes científicos e saberes locais, a cooperação Sul-Sul favorece o fortalecimento das capacidades humanas e institucionais, a formação de pesquisadores e estudantes comprometidos,

além de contribuir para a construção de uma soberania científica do Sul global, crucial para o fomento de um desenvolvimento sustentável, inclusivo e solidamente enraizado socialmente.

SEÇÃO V: OS DESAFIOS E OPORTUNIDADES ENCONTRADOS PELA (UFPA) NA IMPLEMENTAÇÃO DE PARCERIAS NA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL.

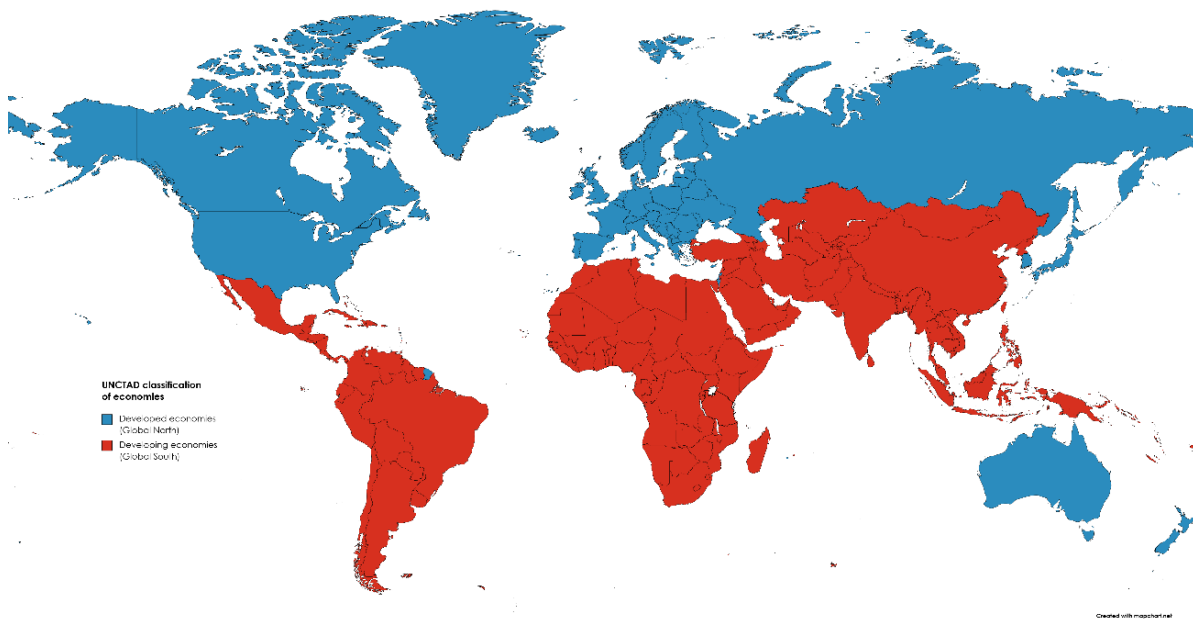
Nessa seção, vamos abordar os desafios enfrentados e as oportunidades criadas pela UFPA e fazer um mapeamento geral do contexto atual de como estar sendo as suas cooperações internacionais.

Mas antes de adentra nestas questões precisamos contextualizar mais uma vez, o que é a cooperação Norte, Sul e quais são as suas diferenças. O Norte Global engloba os países ou regiões desenvolvidas com economias avançadas, com alta industrialização e baixo índice de desigualdade social. São eles que se consolidaram como centro de poder econômico, político, militar e científico. Eles são na sua grande maioria potenciais colonizadoras e concentram a capacidade decisório global. São eles que tem alto Índice Desenvolvimento Humano, o Produto Interno Bruto per capita elevado, importam suas matérias primas do Sul Global como confirma as recentes notícias de 6 de janeiro de 2026 em que Donald Trump, diz que EUA vão governar Venezuela interinamente e controlar petróleo do país. (Belchior, 2026).

E o Sul Global reúne países ou regiões em desenvolvimento ou subdesenvolvido, marcado por desigualdades sociais, dependência econômica e historicamente colonizados, explorado e subalternizados no sistema capitalista mundial atual. Eles têm médio ou baixo Índice de Desenvolvimento Humano, forte herança colonial, uma desigualdade social severa, e que tem suas populações tradicionais, indígenas, quilombolas, historicamente marginalizadas. E são eles que sofrem as maiores vulnerabilidades a crises econômicas, climáticas e sanitárias.

Como aborda a figura 4, podemos perceber que os países do Norte Global estão em azul e os países do Sul Global estão em vermelho. Lembrando que não é uma mera divisão geográfico, pois podemos ver nessa figura 4 que a Australia também fazer parte do Norte Global.

Figura 4: Classificação econômica dos países do mundo pela UNCTAD.



Fonte: UNCDAT (UNCTAP, 2025)

5.1 MAPEAMENTO DE ACORDOS INTERNACIONAIS DA UFPA

Nossas pesquisas documentais foram feitas no site oficial a UFPA na UFPA em Número coordenado pela Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional (PROPLAN). Todos os dados podem ser conferidos no (PROPLAN, 2025). Lembrando que na data em que estou fazendo a pesquisa, os dados atualizados e disponíveis no site ainda são de 2024. Fomos perguntar pelos servidores da PROINTER e fomos informados que tem novos dados dos últimos anos, mas que ainda não foram inseridos oficialmente no último senso da PROPLAN. Me prometeram (POINTER) enviar os dados atualizados para a minha análise, mas até o exato momento não recebi, e vou usar como referência, os dados oficiais que estão no site da UFPA. E nem o novo PDI (2026-2035) ainda foi publicado para usarmos como base.

Uma outra dificuldade que nós temos, é que não há uma centralidade de dados no que diz respeito a Internacionalização. Mesmo na conversa com os técnicos da PROINTER, dizem que tem alguns dados disponíveis apenas na PROPESP, outros no

CIAC e outros em faculdades onde os estudantes internacionais ingressam sem passar na PROINTER. Achamos que isso é prejudicial a UFPA, essa grande instituição que precisa ter seus dados atualizados e centralizados pois devem precisar desses dados para fazer as suas classificações ou ranking nacionais ou internacionais de universidade mais internacionais como já tinham feito no Times Higher Education (THE, 2026), onde eles analisam a capacidade de uma universidade atrair alunos de graduação, pós-graduação e professores.

Ao ter contados com todos os dados oficiais, nossa primeira análise foi dos Acordos/convênios de cooperação vigentes - (2024) Norte – Sul que a UFPA assinou. A Figura 5 mostra no mapa coroplético⁴⁴, de uma maneira mais visível os países onde a UFPA assinou acordos. Esses acordos são: Acordo de Cotutela, Acordo Específico de Cotutela, Acordo Quadro de Doutorado, Acordo Geral, Protocolo de Intenção, Carta de Intenção, Acordo de cooperação específico MOBILE, Acordo de Mobilidade, Dupla Graduação, Acordo para Dupla Diplomação, Acordo de Cooperação, Acordo Específico, Intercâmbio. Esses acordos têm diferentes formatos de execução e de mandatos. Mas estudar cada um deles não é nossa pesquisa do momento. Nós queremos ver todos os tipos de acordos que a UFPA fez independente do seu formato e os números de acordos feitos por países.

A figura 5 evidencia uma assimetria estrutural na distribuição geográfica da cooperação acadêmica. Embora a universidade tenha presença em vários países do Sul Global, a análise da distribuição dos acordos revela que a maioria das cooperações mais densas e institucionalmente consolidadas se concentra nos países do Norte global, especialmente na Europa e na América do Norte. Essa concentração se revela não apenas pelo grande número de acordos em alguns países do Norte, mas por seu aspecto duradouro (com maiores anos de vigência) de forma estratégica nas redes internacionais da UFPA.

⁴⁴ Mapas coropléticos são mapas temáticos que usam cores, tons ou padrões para representar a distribuição de dados quantitativos (como densidade populacional ou renda) em áreas geográficas definidas (países, estados, municípios), facilitando a visualização de padrões espaciais e variações, onde áreas mais escuras/intensas geralmente indicam valores maiores, e áreas mais claras, valores menores.

Figura 5: Acordos e/ou convenio de cooperação vigentes



Fonte: O autor com base a informações de UFPA em Número.

Aqui vou colocar o quadro completo para identificar os países com seus respectivos números de acordos e/ou convenio, a seguir o quadro 15.

Quadro 15: Lista completa dos Países de Acordos/Convênios vigentes.

Norte/Sul	Países	Números de acordos/convênio
NORTE	Suíça	4
	Portugal	22
	Romênia	4
	Itália	8
	Noruega	1
	Suécia	1
	Alemanha	29
	França	29
	Áustria	1
	Canadá	3
	Dinamarca	1
	Escócia	1
	Espanha	11
	USA	6
	Finlândia	1
SUL	Angola	4
	Argentina	5
	Benim	1
	Cabo Verde	4
	Camarões	2

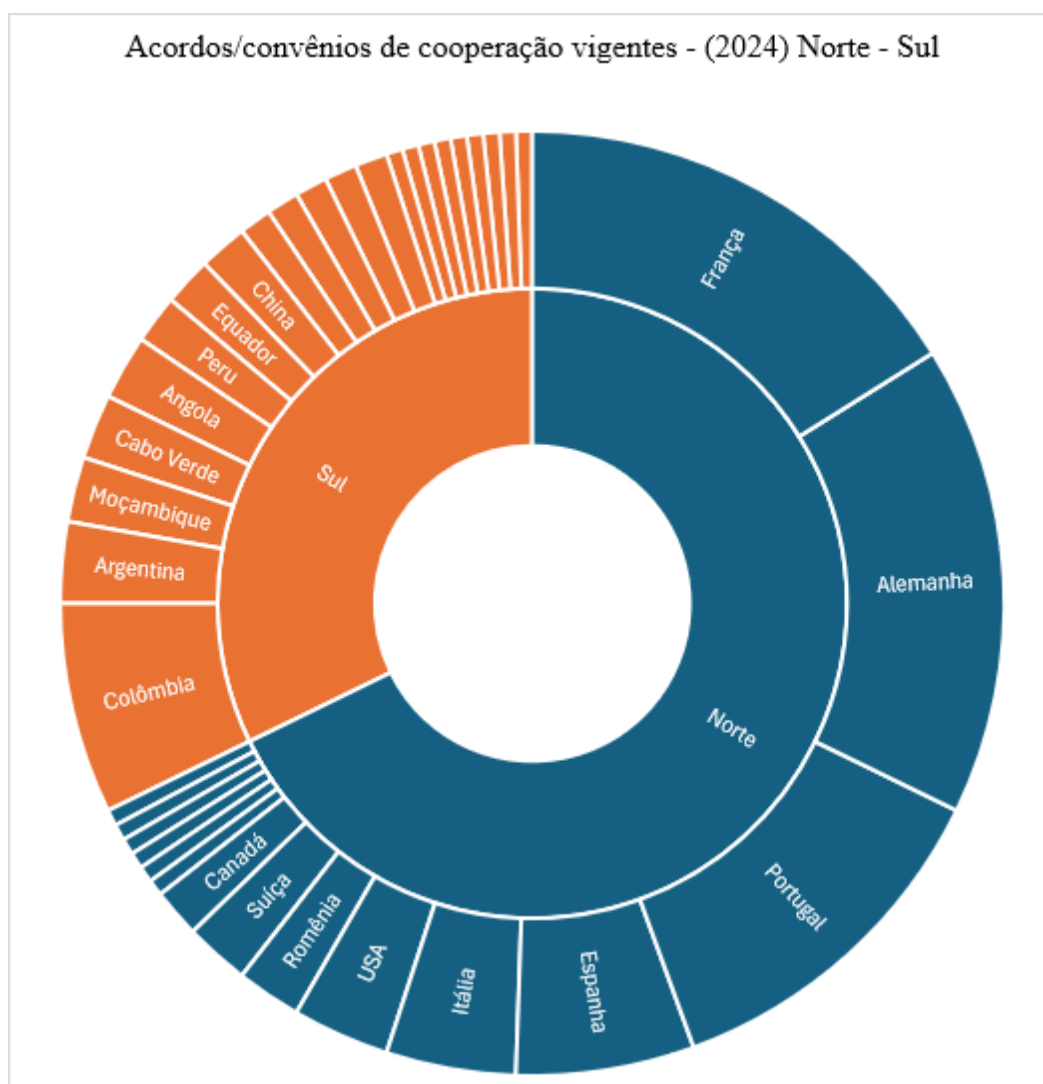
Chile	2
China	3
Colômbia	13
Costa Rica	1
Cuba	1
Equador	3
Ilha das Antilhas	2
Índia	2
México	1
Moçambique	4
Paraguai	2
Peru	3
Rússia	1
Suriname	1
Timor Leste	1
Turquia	1
Venezuela	1

Fonte: O autor com base a informações de UFPA em Número.

Do ponto de vista quantitativo e geográfico, os países do Norte global se destacam no gráfico pelas quantidades mais elevadas de acordos, revelando uma importante concentração de acordos bilaterais e multilaterais. Essa configuração reflete uma dependência estrutural histórica do sistema universitário brasileiro, e de forma mais ampla, latino-americano (e do sul global geralmente) em relação aos centros hegemônicos de produção científica. As universidades do Norte mantêm uma posição preponderante em termos de acesso a recursos financeiros, infraestruturas de pesquisa, revistas científicas de alto impacto e mecanismos de reconhecimento acadêmico, o que ajuda a perpetuar uma lógica de cooperação hierárquica, mesmo quando esta é oficialmente apresentada como internacional, ver o gráfico de explosão solar ⁴⁵ da figura 6.

⁴⁵ O **gráfico de explosão solar** (também conhecido como *sunburst chart*) é uma ferramenta de visualização utilizada para exibir **dados hierárquicos** de forma circular e proporcional.

Figura 6: Acordos/convênios de cooperação vigentes - (2024) Norte – Sul



Fonte: O autor com base a informações de UFPA em Número.

De ponto de vista qualitativos, embora as cooperações com os países do Sul global estejam numericamente presentes, elas tendem a ser menos intensas, mais fragmentadas e frequentemente dependentes de programas pontuais, o que limita sua capacidade de produzir transformações estruturais sustentáveis. Essa diferença de densidade e estabilidade institucional indica que a cooperação Sul-Sul, apesar de seu potencial estratégico, ainda ocupa uma posição periférica na arquitetura global da internacionalização da UFPA. Assim, a figura 6 destaca uma contradição notória: a existência de um discurso institucional favorável à cooperação Sul-Sul coexiste com uma prática majoritariamente orientada para o Norte global.

De ponto de vista de uma análise crítica do Materialismo Histórico-Dialético, a predominância do Norte Global deve ser interpretada como um reflexo das dinâmicas de

poder do capitalismo acadêmico mundial. A colaboração internacional não se realiza em um espaço neutro, mas é influenciada pelas estruturas econômicas, políticas e ideológicas que regem a produção de conhecimento em escala mundial. A posição central do Norte Global nos acordos da UFPA ilustra a continuidade da divisão internacional do trabalho científico, em que as universidades do Sul são frequentemente vistas como meras consumidoras de conhecimento ou como locais de observação, em vez de centros independentes de produção científica.

Além disso, essa configuração restringe a capacidade da colaboração internacional de enfrentar completamente os desafios do desenvolvimento sustentável, especialmente em regiões como a Amazônia, que exigem abordagens ancoradas em contextos socioambientais específicos. A ênfase no Norte pode levar à importação de modelos teóricos, metodológicos e tecnológicos mal adaptados às realidades locais, consolidando formas de dependência epistêmica. Por outro lado, a relativa falta de investimento na cooperação Sul-Sul retarda a elaboração de soluções comuns entre países que enfrentam desafios semelhantes, como os impactos das mudanças climáticas, as desigualdades estruturais e a gestão dos recursos naturais.

Esse gráfico evidencia portanto que, embora haja progressos e um potencial considerável para a cooperação Sul-Sul, a cooperação internacional da UFPA continua em grande parte dependente no Norte global, perpetuando as hierarquias históricas do sistema universitário mundial. Essa observação destaca a importância de um reajuste estratégico da política de internacionalização, a fim de promover parcerias Sul-Sul mais sólidas, sustentáveis e estruturadoras, especialmente no contexto das discussões globais sobre desenvolvimento sustentável, justiça climática e equidade social.

5.2 MAPEAMENTO DO CONTEXTO ATUAL DE MOBILIDADE DA UFPA

Ao analisar os dados, outros pontos chamaram a nossa atenção com os números. A questão da mobilidade de discentes recebidos e enviados, mobilidade In e Out. Com base dos números oficiais fizemos esses gráficos no mapa coroplético, o que originou

de um lado as figuras 7 que é de Mobilidade discente - alunos da graduação recebidos - (2024) figura 8 que é Mobilidade discente - alunos da pós-graduação (Mestrado e doutorado) recebidos - (2024) e de outro a figura 9 que é de Mobilidade discente - alunos da pós-graduação encaminhados - (2024).

Figura 7: Mobilidade discente - alunos da graduação recebidos - (2024)



Fonte: O autor com base a informações de UFPA em Número.

A seguir o quadro 16 com a lista completa dos países com seus quantitativos.

Quadro 16: Lista completa dos Países da figura 7.

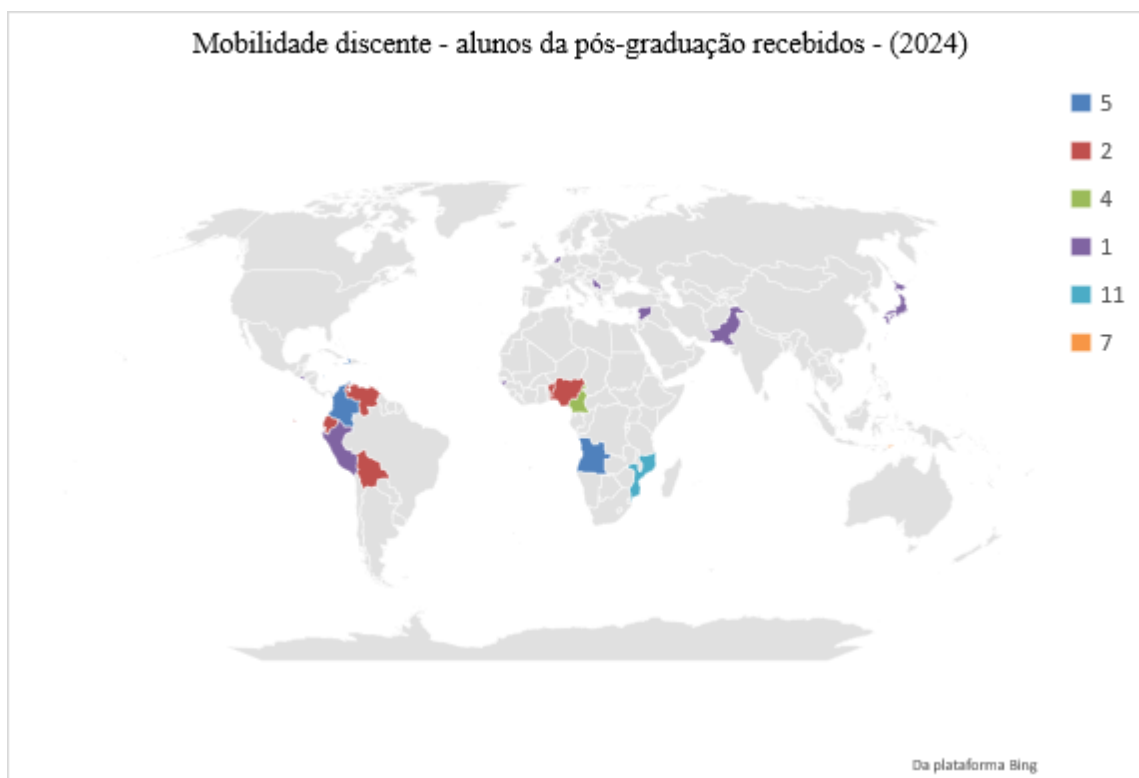
Países	Quantitativos
Angola	1
Benin	7
Burkina Faso	1
Camarões	1

Camarões	1
Colômbia	1
Espanha	1
França	1
Gabão	4
Gana	7
Guiné Equatorial	1
Guiné-Bissau	2
República Democrática do Congo	3
Timor Leste	5

Fonte: O autor com base a informações de UFPA em Número.

A figura 7 ilustra uma mobilidade de baixa quantidade e geograficamente concentrada, destacando uma forte presença de estudantes provenientes de países do Sul global, predominantemente da África e, em baixa quantidade da América Latina. Essa configuração indica que a UFPA desempenha um papel significativo como centro regional e Sul-Sul de acolhimento para a formação inicial, frequentemente ligada a programas de “solidariedade” / cooperação acadêmica ou iniciativas específicas (bolsas de estudo, acordos bilaterais restritos). No entanto, essa baixa intensidade numérica desses fluxos destaca restrições estruturais, como barreiras linguísticas, restrições financeiras, problemas de reconhecimento acadêmico e a falta de políticas institucionais sólidas para apoiar a mobilidade internacional na graduação.

Figura 8: Mobilidade discente - alunos da pós-graduação recebidos - (2024)



Fonte: O autor com base a informações de UFPA em Número.

A seguir o quadro 17 com a lista completa dos países com seus quantitativos da figura 8.

Quadro 17: Lista completa dos Países da Figura 8.

Países	Quantitativos
Angola	5
Benin	2
Bolívia	2
Camarões	4
Colômbia	5
Ecuador	2
El Salvador	1
Guinea Bissau	1
Haiti	5
Holanda	1
Japão	1
Mozambique	11
Nigéria	2
Paquistão	1
Peru	1
Sérvia	1
Syria	1
Timor Leste	7

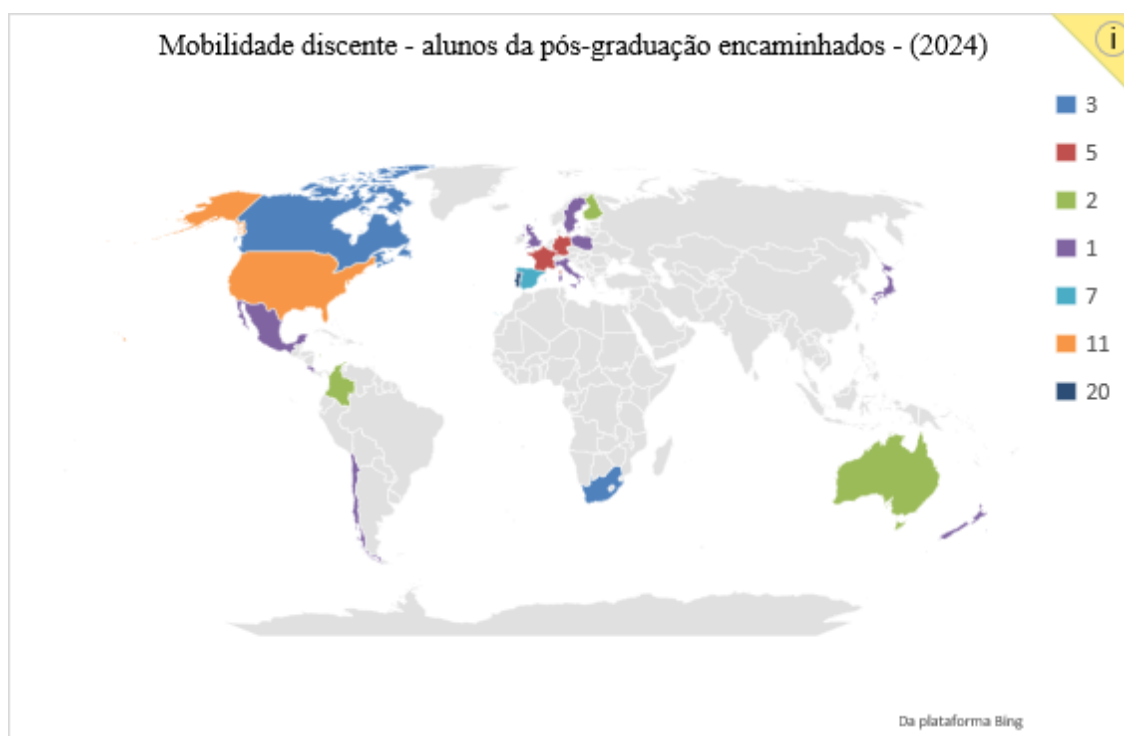
Fonte: O autor com base a informações de UFPA em Número.

Outrossim, a figura 8 relativos à pós-graduação, mostra uma mobilidade mais intensa e variada, com volumes claramente superiores em alguns países. Observa-se uma presença considerável dentro da quantidade que temos de estudantes provenientes de países africanos, bem como da América Latina e, em menor medida, da Ásia. Alguns Estados destacam-se por um volume significativo de estudantes, indicando laços acadêmicos mais sólidos, frequentemente associados a projetos de pesquisa, redes científicas ou acordos de cooperação mais antigos.

Essa intensidade crescente no nível de pós-graduação pode se explicar pela posição estratégica da UFPA na educação avançada, pesquisa e produção científica, especialmente em setores relacionados à Amazônia, desenvolvimento sustentável, ciências sociais e biodiversidade. A pós-graduação se revela como o principal instrumento da internacionalização dinâmica da UFPA, especialmente no contexto da cooperação Sul-Sul. Esse padrão estipula que a mobilidade obtida é fortemente influenciada por acordos institucionais específicos, programas do governo ou redes acadêmicas já estabelecidas, e não por um fluxo espontâneo ou amplamente globalizado.

Por falar das mobilidades OUT, a figura 9 plotada reflete a mobilidade internacional de estudantes da pós-graduação da UFPA em 2024 de estudantes enviados (mobilidade de saída). A análise conjunta dos mapas possibilita entender tanto a inserção global da instituição quanto as desigualdades estruturais que definem esse processo.

Figura 9: Mobilidade discente - alunos da pós-graduação encaminhados - (2024)



Fonte: O autor com base a informações de UFPA em Número.

A seguir o quadro 18 com a lista completa dos países com seus quantitativos da figura 9.

Quadro 18: Lista completa dos Países da Figura 9.

Países	Quantitativos
África do Sul	3
Alemanha	5
Austrália	2
Canadá	3
Chile	1
Colômbia	2
Costa Rica	1
Escócia	1
Espanha	7
Estados Unidos	11
Finlândia	2
França	5
Inglaterra	2
Itália	1
Japão	1
México	1
Nova Zelândia	1
Polônia	1

Portugal	20
Reino Unido	1
Suécia	1
Tcheca	1

Fonte: O autor com base a informações de UFPA em Número.

A figura referente aos estudantes enviados ao exterior apresenta uma situação diferente. A mobilidade OUT é mais abrangente, numericamente mais significativa e geograficamente variada. Destacam-se como principais locais a América do Norte, a Europa Ocidental e a Oceania, áreas que reúnem universidades renomadas, maior oferta de financiamento à pesquisa e maior centralidade na difusão do conhecimento científico, enfim os países do Norte Global.

Essa discrepância entre os dois fluxos revela uma assimetria estrutural: a instituição manda mais alunos do que recebe, enviando-os em sua maioria para países centrais do sistema acadêmico internacional, enquanto acolhe estudantes majoritariamente de áreas periféricas ou semiperiféricas. Esse padrão demonstra uma inserção internacional dinâmica, embora desigual, na qual o fluxo do conhecimento não acontece de maneira equitativa.

Para nós basearmos na **Etnografia Institucional**, sugerida por Dorothy Smith, que temos mencionado na nossa metodologia, a mobilidade acadêmica de discente pode ser entendida como um conjunto de práticas organizacionais mediadas por textos, regulamentos, editais, tratados internacionais e sistemas de avaliação que orientam as ações dos indivíduos no dia a dia institucional. Sob essa ótica, os mapas não apenas mostram a movimentação de estudantes, mas também o impacto real de sistemas institucionais de gestão acadêmica. A mobilidade de saída mais elevada indica a presença de mecanismos institucionais bem-organizados com editais frequentes, reconhecimento automático de créditos, redes de cooperação estabelecidas e incentivos associados a indicadores de internacionalização. Esses mecanismos direcionam os caminhos dos alunos e geram um padrão repetitivo de destinos vistos como legítimos ou estratégicos.

Por outro lado, a restrição na mobilidade de entrada sugere a existência de barreiras institucionais sutis, como exigências de idioma, burocracias na migração, restrições financeiras, critérios de seleção e desigualdades no reconhecimento de

diplomas. Esses aspectos, embora muitas vezes normalizados nos textos oficiais, determinam quem pode transitar e em que situações.

A Etnografia Institucional, nós possibilita compreender que a internacionalização vai além de uma escolha pessoal do aluno, sendo um processo socialmente estruturado, onde decisões locais são alinhadas por políticas nacionais de ciência e tecnologia, classificações internacionais e critérios de avaliação da pós-graduação/graduação. Dessa forma, a escolha por certos locais demonstra não somente ambições acadêmicas, mas também o que é valorizado, avaliado e premiado institucionalmente.

Para nós basearmos na ótica do **Materialismo Histórico-Dialético** (MHD), a mobilidade de estudantes não deve ser vista como um fenômeno apenas acadêmico ou pessoal, mas sim como uma manifestação das relações sociais de produção, das desigualdades inerentes ao capitalismo global e da divisão internacional do trabalho intelectual. A concentração de destinos localizados nos países do Norte Global demonstra que o conhecimento científico obedece ou segue a uma lógica histórica de concentração. Os centros hegemônicos (Norte Global) acumulam capital financeiro e científico, tornando-se centros de interesse para alunos e pesquisadores de nações periféricas e semiperiféricas. Nesse contexto, a mobilidade de saída ou enviada (OUT) representa uma procura por inclusão em áreas onde se reúnem os recursos materiais e simbólicos da produção científica, como laboratórios de ponta, redes globais e periódicos de grande influência.

A mobilidade de entrada ou recebida (IN), que é predominantemente formada por estudantes do Sul Global, revela a posição intermediária da instituição no sistema global do conhecimento: embora não esteja no centro hegemônico, desempenha uma função regional significativa como local de formação acadêmica e científica. Essa situação mostra uma contradição dialética: a instituição é ao mesmo tempo produtora e receptora de conhecimento, mas dentro de uma estrutura global caracterizada por dependência e desigualdade.

Nessa mesma perspectiva histórico-dialética, a desigualdade entre entrada e saída não é um acaso, mas sim uma consequência de processos históricos de colonização, desenvolvimento desigual e dominação científica. O movimento de estudantes costuma refletir a dinâmica centro-periferia, em que as correntes de maior

prestígio e valor simbólico vão para os países centrais, enquanto os fluxos opostos são numericamente restritos.

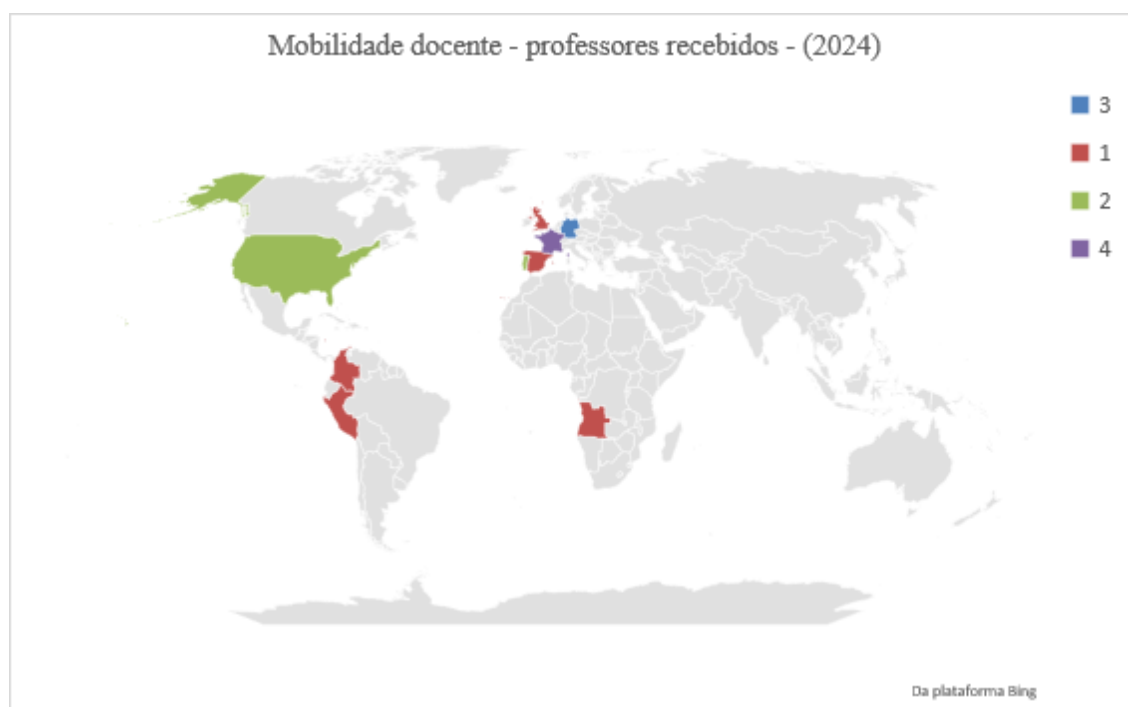
Contudo, essa mesma contradição cria oportunidades de superação. A cooperação Sul–Sul (mesmo unidirecional) observada na mobilidade de entrada pode ser entendida como uma ação contra hegemônica, mesmo que dentro de limites estruturais.

A avaliação das figuras 7, 8 e 9 demonstram que a mobilidade dos alunos em 2024 apresenta uma intensa internacionalização na saída, atração seletiva na entrada e desigualdades estruturais que refletem a posição da instituição no sistema global de geração de conhecimento. O Materialismo Histórico-Dialético mostra que esses padrões refletem desigualdades históricas e estruturais do capitalismo acadêmico, enquanto a Etnografia Institucional evidencia como essas desigualdades são implementadas e mantidas por meio de práticas, normas e documentos institucionais diários.

Essas análises em conjunto nós mostram que expandir a mobilidade IN e OUT, diversificar as origens geográficas e fortalecer parcerias mais equilibradas não se trata apenas de uma questão administrativa, mas sim de um desafio político, histórico e institucional, que demanda uma reflexão crítica sobre o papel da pós-graduação na geração e circulação do conhecimento globalmente

Essas observações feitas, são confirmadas nas figuras 10 e 11 que são respectivamente as Mobilidade docente - professores recebidos IN - (2024) e as Mobilidade docente - professores enviados OUT - (2024). Que revela um padrão distinto, mas complementar, ao percebido na mobilidade de estudantes, ressaltando o nível de inclusão acadêmica da instituição nas redes internacionais de produção e difusão do conhecimento. A análise dos mapas de professores que elaboramos com base dos dados publicados oficialmente no site da UFPA em números, possibilita identificar não apenas os fluxos quantitativos, mas também a posição institucional que ocupa no sistema científico internacional.

Figura 10: Mobilidade docente - professores recebidos - (2024)



Fonte: O autor com base a informações de UFPA em Número.

A seguir o quadro 19 com a lista completa dos países com seus quantitativos da figura 10.

Quadro 19: Lista completa dos Países da Figura 10.

Países	Quantitativos
Alemanha	3
Angola	1
Colômbia	1
Espanha	1
Estados Unidos	2
França	4
Perú	1
Portugal	2
Reino Unido	1

Fonte: O autor com base a informações de UFPA em Número.

Em relação à mobilidade docente IN, nota-se uma distribuição geográfica bastante limitada e seletiva. A maioria dos professores recebidos está concentrada em nações da América do Norte e da Europa Ocidental, com algumas representantes (quase nada, apenas 1 docentes em Angola, Colômbia e Peru) da América Latina e da África. Esse padrão indica que a instituição é capaz de atrair professores internacionais,

principalmente de centros acadêmicos de renome mundial, mesmo que em quantidades reduzidas. A baixa diversidade geográfica e as pequenas quantidades sugerem que a mobilidade dos docentes está ligada a ações específicas, como visitas técnicas, missões acadêmicas, projetos de pesquisa ou cooperação pontual (Ministrar palestra, Conferência, Visitação de acervo, Reunião de grupo de pesquisa), e não a um fluxo contínuo ou estabelecido de forma estrutural.

Figura 11: Mobilidade docente - professores enviados - (2024)



Fonte: O autor com base a informações de UFPA em Número.

A seguir o quadro 20 com a lista completa dos países com seus quantitativos da figura 11.

Quadro 20: Lista completa dos Países da Figura 11.

Países	Quantitativos
Alemanha	7
Angola	3
Argentina	9
Áustria	1
Canadá	2
Chile	2

China	1
Colômbia	14
Costa Rica	3
Cuba	1
Dinamarca	1
Equador	1
Eslováquia	1
Espanha	5
Estados Unidos da América	16
Finlândia	1
França	6
Guiana Francesa	5
Holanda	1
Inglaterra	1
Irlanda	1
Itália	4
Quênia	1
Lituânia	1
México	7
Moçambique	1
Paraguai	1
Peru	2
Polônia	2
Portugal	19
Reino Unido	4
República Dominicana	2
Roma	3
Rússia	1
Suécia	1
Suíça	1
Suriname	1
Uruguai	4

Fonte: O autor com base a informações de UFPA em Número.

Entretanto, a mobilidade dos professores que saem (OUT) é consideravelmente mais ampla, intensa e variada. O mapa da figura 11 destaca a significativa presença de professores enviados para a América do Norte e Europa, e uma participação pálida muito fraca de nações da América Latina, da África e da e Ásia. Essa distribuição geográfica demonstra que o corpo docente da instituição está envolvido de maneira ativa em redes internacionais de ensino, pesquisa e extensão, participando de atividades como estágios pós-doutorais, cooperação científica, missões institucionais, eventos acadêmicos e projetos multilaterais, com uma forte presença no Norte Global. Se percebe na sua maioria que para os países ou instituições no Norte, eles vão mais para

Atividades de pesquisas, Ministrações de disciplinas, Professor Visitante, Concursos internacionais, Doutorados, Fórum internacionais, Pós-doutorado e Mestrado, mas para os países ou instituições do Sul, vão mais para encontros, Apresentação de pesquisa, Apresentação de trabalho, Visitação técnica, Workshop. Essa assimetria demonstra a concentração e a hegemonia do poder concentrado no Norte e as condições materiais e institucionais que tornam determinados países mais atrativos como destinos acadêmicos.

A mobilidade de docentes OUT, mais frequente e diversificada, revela que a UFPA detém uma posição significativa como produtora de conhecimento e parceria científica, disposta e apta a integrar seus docentes em espaços acadêmicos internacionais de grande prestígio. Simultaneamente, a restrição na mobilidade IN indica que a instituição continua enfrentando dificuldades ligadas à ampliação de sua visibilidade internacional, à superação de obstáculos burocráticos e linguísticos e à implementação de mecanismos mais eficazes de acolhimento e suporte financeiro para professores internacionais.

Antes de concluir essa subseção, gostaria de fazer alguns apontamentos. E dizer que essa análise foi feita pegando apenas os dados do ano 2024. Verificando os dados dos outros anos, não está diferente os dados. Nosso objetivo não é ver durante três (03) ou cinco (05) anos o fluxo de discente ou docente da UFPA. Mas é ver de uma maneira geral independente dos anos como essa mobilidade se dar. A análise durante um intervalo de tempo pode ser feita em outras pesquisas pois gostaria de continuar mesmo depois do meu doutorado. Ser um pesquisador desta universidade sempre foi do meu maior interesse. Outro ponto que gostaria de destacar é a sensibilidade dos dados. Por estar vinculado a esta universidade desde 2014, participando ativamente das lideranças estudantis e mantendo proximidade com a gestão institucional, posso afirmar que existem lacunas significativas nos dados disponíveis, especialmente no que se refere à ausência ou insuficiência de informações sobre docentes e discentes internacionais, evidenciando fragilidades no processo de coleta e sistematização desses dados. Ora a PROINTER não tem todos os dados e manda procurar no CIAC, ele por sua vez, diz que não tem todos os dados e manda ver na PROPESP, A PROPESP por sua vez manda para PROINTER ou na PROEG. A PROINTER diz que as faculdades não enviam todos os dados dos discente e/ou docente internacionais. E assim fica um ciclo vicioso para ter informações concretas confiável para fazer essa análise. Também, tem um problema de

não saber o que é internacionalização na instituição. Pois se todos os gestores têm esse conhecimento acreditamos que não teria mobilidades IN ou OUT sem que a PROINTER não soubesse. Cabe a própria gestão ou o mandato da PROINTER fazer esse trabalho de casa.

5.3 OS DESAFIOS E OPORTUNIDADES ENCONTRADOS PELA (UFPA) NA IMPLEMENTAÇÃO DE PARCERIAS NA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL.

A internacionalização do Ensino Superior é um pilar estratégico importante para as universidades quanto que o ensino, pesquisa e extensão (PDU-UFPA, 2019), tanto em relação à produção científica quanto à formação de recursos humanos qualificados. Nesse cenário, a Universidade Federal do Pará (UFPA) faz parte de um movimento ativo de colaboração internacional, caracterizado pela mobilidade de docentes, pesquisadores e discentes, pela integração em redes acadêmicas e pela criação de projetos em conjunto. Entretanto, essa inserção no âmbito internacional ocorre em um cenário repleto de desafios estruturais, institucionais e históricos, enquanto ao mesmo tempo cria significativas oportunidades para o fortalecimento de seu papel acadêmico em níveis regional e global.

Um dos principais obstáculos enfrentados pela UFPA é a desigualdade estrutural do sistema acadêmico mundial, como afirma Waisbord “Enquanto não houver mudanças estruturais, será difícil imaginar maior horizontalização e inclusão, entretanto, as instituições refletem a proximidade e o domínio de agendas ocidentais.” (Waisbord, 2023). A cooperação universitária permanece majoritariamente estruturada de acordo com uma lógica centro-periferia, onde as instituições situadas nos países do Norte global detêm os recursos financeiros, as infraestruturas de pesquisa e o capital. Essa configuração restringe a habilidade das universidades do Sul global, como a UFPA, de atrair de maneira sustentável estudantes e docentes internacionais oriundos desses centros hegemônicos, mesmo com a melhoria contínua de sua produção científica.

Outro desafio importante reside nas limitações institucionais e administrativas (Silva et al., 2021). Os trâmites administrativos, as condições de imigração, as dificuldades linguísticas e a validação de diplomas representam obstáculos persistentes

à fluidez dos intercâmbios. Esses fatores influenciam, em particular, a mobilidade de curta duração e o acolhimento de docentes e pesquisadores internacionais, o que frequentemente torna as colaborações dependentes de iniciativas temporárias ou projetos específicos, em vez de políticas institucionais bem estabelecidas.

As restrições orçamentárias também são um elemento-chave. A dependência de fundos públicos, frequentemente afetados por variações econômicas e políticas, limita a capacidade da UFPA de apoiar programas de cooperação duradouros, oferecer bolsas competitivas ou financiar infraestruturas de acolhimento em conformidade com as normas internacionais. Essa restrição é particularmente significativa no contexto das universidades federais brasileiras, que foram historicamente influenciadas por períodos de expansão e restrição orçamentária (De Freitas, 2025),(Tourinho, 2024).

Apesar de seu compromisso histórico com a inclusão social, cultural e territorial, a UFPA enfrenta desafios significativos no acolhimento de estudantes e professores internacionais. Esses desafios estão relacionados, entre outros fatores, a restrições administrativas, procedimentos migratórios complexos, barreiras linguísticas e insuficiência de dispositivos institucionais especificamente dedicados ao acompanhamento de públicos estrangeiros. Mesmo a Associação dos Estudantes Estrangeiros da UFPA (AEE/UFPA) que deveria ser o instrumento importantes para o acolhimento, não tem todos os apoios suficientes da administração superior, o que diz os seus representantes. Esses obstáculos podem afetar a integração acadêmica e social de estudantes e professores internacionais, especialmente aqueles provenientes do Sul global, que muitas vezes enfrentam condições materiais mais precárias e processos de adaptação mais exigentes. No entanto, essas limitações não comprometem a vocação inclusiva da universidade, mas revelam a necessidade de reforçar as políticas de acolhimento e de inclusão para garantir uma experiência acadêmica mais equitativa e plenamente integrada.

Ao mesmo tempo em que enfrenta esses desafios, a UFPA aproveita várias oportunidades estratégicas no setor da cooperação internacional. Sua localização geográfica e geopolítica na Amazônia representa um trunfo valioso, oferecendo à instituição um lugar central nas discussões globais sobre meio ambiente, biodiversidade, mudanças climáticas, conhecimentos tradicionais e desenvolvimento sustentável. Esses temas despertam um interesse crescente na comunidade científica mundial, criando

oportunidades de colaborações voltadas para desafios globais comuns, como foi o caso da COP30 em Belém do Pará em 2025.

« L'Amazonie est une priorité mondiale pour la recherche. Le CNRS souhaite y développer des partenariats durables et interdisciplinaires, en lien étroit avec les institutions brésiliennes », a souligné **Liviu Nicu**.(CNRS, 2025)

A CSS, portanto, constitui uma oportunidade importante nesse cenário. As colaborações com universidades da América Latina, África e outras regiões do Sul global incentivam intercâmbios mais equitativos, baseados em contextos sócio-históricos comuns e na co-construção de conhecimentos. Essa forma de colaboração ajuda a diminuir as dependências acadêmicas clássicas e a fortalecer redes científicas diferentes, mais atentas aos contextos locais e regionais. Além disso, o aumento da mobilidade internacional de estudantes e professores reforça o capital acadêmico da UFPA. O envolvimento de seus pesquisadores em redes internacionais, projetos colaborativos e instituições de prestígio estimula o compartilhamento de conhecimentos, o aumento das publicações científicas e a otimização dos métodos pedagógicos e de pesquisa. Essas experiências também ajudam a reforçar a visibilidade global da instituição e a afirmar sua reputação acadêmica.

Por fim, as políticas nacionais e internacionais de internacionalização do ensino superior, bem como as iniciativas multilaterais de cooperação científica, proporcionam à UFPA ambientes institucionais propícios para organizar e fortalecer suas colaborações. O desafio consiste em conectar essas oportunidades a uma estratégia institucional harmoniosa, baseada em prioridades temáticas precisas, uma gestão eficaz e uma perspectiva de longo prazo da cooperação internacional.

SEÇÃO VI – CONCLUSÕES

O tema de pesquisa da tese é “ANÁLISE DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL SUL-SUL NA UFPA NO CONTEXTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR.”, e para fazer essas análises, nossa pesquisa se apropriou de referencial teórico metodológico do Materialismo Histórico–Dialético para dar conta em abordar esta pesquisa. Para tal fizemos análise de vários documentos para entender vários conceitos que são fundamentais para a compreensão do nosso trabalho. Conceito esses que podemos ver mais na seção I desta pesquisa.

A investigação demonstrou que a Universidade Federal do Pará organiza suas políticas de internacionalização com base em diretrizes institucionais sob a coordenação da Pró-Reitoria de Relações Internacionais (PROINTER), fazendo parcerias com o mundo inteiro, mas tendo dificuldades em tecer acordos e parcerias duradoras com universidades e centros de pesquisa da África, Asia, América Latina e Caribe como mostra a pesquisa. Essa parceria se bem-feita com o Sul, visará intensificar a colaboração acadêmica horizontal, centrando-se na mobilidade de discentes, pesquisadores e docentes, na pesquisa colaborativa e na criação de redes científicas voltadas para desafios compartilhados do Sul Global. Essas políticas poderão ser implementadas através de acordos bilaterais e multilaterais, programas de recepção de estudantes internacionais e estímulos à produção científica em colaboração.

Quanto aos projetos e acordos internacionais, a UFPA foca no desenvolvimento sustentável através de pesquisas colaborativas, redes acadêmicas e parcerias com instituições mundiais, principalmente nas áreas de meio ambiente, biodiversidade, mudanças climáticas, direitos humanos e bioeconomia. Ademais, podemos perceber que os programas de pós-graduação, projetos de extensão e as poucas colaborações científicas Sul-Sul feita pela UFPA favorecem a capacitação de recursos humanos e a criação de soluções sustentáveis adaptadas aos contextos locais. Essas iniciativas reforçam a geração de conhecimento prático, alinhado com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e a agenda climática mundial, particularmente no cenário amazônico.

Todavia, os principais obstáculos estão a escassez de recursos financeiros, a dependência de editais externos e a burocracia administrativa, que tornam difícil a continuidade e a expansão das parcerias Sul-Sul. Acrescentam-se a isso as desigualdades institucionais entre as universidades colaboradoras e os desafios logísticos e linguísticos que estudantes e professores internacionais enfrentam.

Sob a perspectiva política e estrutural, a UFPA continua lidando com a dominação de modelos eurocentrados de internacionalização e avaliação acadêmica, que privilegiem colaborações com o Norte Global. Esses elementos limitam o reconhecimento e a afirmação da Cooperação Internacional Sul-Sul como um pilar estratégico, demandando políticas institucionais mais consistentes, recursos financeiros direcionados e uma valorização maior das colaborações horizontais

Em síntese, a adoção de colaborações internacionais na UFPA está inserida em um contexto repleto de tensões entre limitações estruturais e oportunidades estratégicas. Os obstáculos ligados às desigualdades do sistema acadêmico global, às restrições institucionais e aos recursos financeiros coexistem com chances fundamentadas na singularidade territorial da instituição, na colaboração Sul-Sul e no aumento da participação de sua comunidade acadêmica em redes internacionais focando também no Sul Global. A consolidação dessas colaborações vai depender da habilidade e gestão da UFPA em converter essas oportunidades em políticas duradouras, fortalecendo assim seu papel como um agente crucial na cooperação internacional universitária

Outrossim, o acolhimento de discentes, pesquisadores e docentes internacionais constitui uma oportunidade estratégica significativa para a UFPA, alinhada com sua missão de universidade pública dedicada à diversidade e à integração. A presença de públicos internacionais enriquece os intercâmbios culturais, amplia as perspectivas científicas e fortalece as redes de colaboração acadêmica. Ao enfatizar práticas de acolhimento que se fundamentam no diálogo intercultural, na valorização do conhecimento e na solidariedade institucional, a UFPA reafirma seu papel como um espaço de formação crítica e produção de conhecimento alicerçado nas realidades locais e internacionais. Desse modo, o aprimoramento dos mecanismos e dispositivos de acolhimento e integração representa não apenas uma resposta aos desafios percebidos, mas também uma ferramenta fundamental para promover uma internacionalização mais inclusiva, solidária e socialmente comprometida.

Além disso, as investigações provenientes da etnografia institucional (EI) possibilitaram entender de que maneira as dinâmicas administrativas, burocráticas e políticas envolvidas na internacionalização da educação superior geram tensões e contradições dentro da própria universidade. O emprego das categorias do Materialismo Histórico-Dialético (MHD), em particular contradição, totalidade, mediação e práxis, possibilitou destacar que a Cooperação Internacional Sul-Sul na UFPA se desenvolve em meio a conflitos estruturais caracterizados pela hegemonia acadêmica do Norte Global e pela continuação de modelos eurocentrados de produção e validação do saber.

Nesse contexto, nossa pesquisa igualmente demonstrou que a UFPA possui potencial estratégico para se consolidar e se fortalecer como um polo amazônico de cooperação internacional Sul-Sul, especialmente em razão de sua inserção territorial, de sua relação histórica com populações indígenas, quilombolas, ribeirinhas e tradicionais e de sua capacidade de produzir conhecimentos vinculados às realidades sociais e ambientais da Amazônia. A valorização dos saberes tradicionais e das epistemologias do Sul emerge, portanto, não só como um elemento complementar da internacionalização universitária, mas como uma possibilidade concreta de construção de modelos mais horizontais, inclusivos e decoloniais de cooperação acadêmica internacional.

Por fim, como mencionado no trabalho, as informações sobre mobilidade acadêmica mostraram significativas desigualdades na circulação global do conhecimento. Apesar de a UFPA acolher principalmente pessoas estudantes do Sul Global, ainda é perceptível uma maior tendência de mobilidade acadêmica interna da comunidade universitária rumo ao Norte Global, evidenciando as desigualdades históricas que fundamentam o sistema internacional de educação superior e de produção de saber. Esse contexto enfatiza a urgência de fortalecer políticas institucionais direcionadas à expansão das redes de cooperação Sul-Sul, com o intuito de promover um maior equilíbrio nas relações acadêmicas internacionais e aumentar o protagonismo científico das universidades amazônicas no contexto global.

Esperamos que este estudo contribua para o aprofundamento do debate acadêmico sobre a Cooperação Internacional Sul-Sul no contexto da internacionalização da educação superior, tomando a Universidade Federal do Pará (UFPA) como referência empírica. Ao evidenciar práticas, desafios e potencialidades institucionais, a pesquisa

busca estimular novas investigações e subsidiar a formulação de políticas de internacionalização mais coerentes com as realidades e demandas do Sul Global, especialmente no contexto amazônico, onde a produção de conhecimento, a cooperação acadêmica e o desenvolvimento sustentável assumem centralidade estratégica.

REFERÊNCIA

- ABC. **Agência Brasileira de Cooperação**. Disponível em: <<https://www.abc.gov.br/CooperacaoTecnica/Historico>>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- ABC. **Agência Brasileira de Cooperação**. Disponível em: <<https://www.abc.gov.br/SobreABC/Direcao/CGMULT>>. Acesso em: 1 ago. 2024.
- ADEMAR POZZATTI JUNIOR. O dever de cooperação internacional na fundamentação dos direitos humanos. **Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos**, v. 41, n. 82, p. 146–175, 2019.
- Amazônia na COP30**. , 2025. Disponível em: <<https://amazonianacop.ufpa.br/publicacao/>>. Acesso em: 7 jan. 2026
- AMAZÔNIA, Uma Concertação pela; ARAPYAUÍ, Instituto (ORGS.). **Povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais: caminhos para coordenar uma agenda para as Amazônias**. São Paulo, SP: Instituto Arapyau de Educação e Desenvolvimento Sustentável, 2024.
- AMIN, Samir. **Au-delà du capitalisme sénile - broché - Samir Amin - Achat Livre | fnac**. Disponível em: <<https://www.fnac.com/a1334848/Samir-Amin-Au-dela-du-capitalisme-senile>>. Acesso em: 24 abr. 2025.
- ASCOM, UFPA. UFPA e Universidade de Luanda assinam termo de cooperação internacional. 2023.
- ASCOM UFPA, UFPA; ASCOM DIBB. **Projeto da UFPA lança editais para financiamento de ideias e negócios sustentáveis**. UFPA, 2025. Disponível em: <<https://ufpa.br/projeto-da-ufpa-lanca-edital-para-financiamento-de-ideias-e-negocios-sustentaveis/>>. Acesso em: 7 jan. 2026
- AUGUSTO, Cleicle Albuquerque *et al.* Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, n. 4, p. 745–764, dez. 2013.
- AYLLON, Bruno. La Cooperación Internacional para el Desarrollo: fundamentos y justificaciones en la perspectiva de la Teoría de las Relaciones Internacionales. **Carta Internacional**, v. 2, 1 out. 2007.
- BANQUE MONDIALE. CRÉER DES MARCHÉS AU BÉNIN. p. X, 2023.
- BASSOU, Abdelhak. De l’Alliance des États du Sahel à la Confédération des États du Sahel : le chemin est carrossable, mais semé d’embûches. 2024.
- BELCHIOR, Luisa. **Trump: EUA vão governar Venezuela interinamente e controlar petróleo | G1**. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2026/01/03/trump-fala-sobre-operacao-de-captura-de-nicolas-maduro.ghml>>. Acesso em: 9 jan. 2026.

BIJOS, Leila; SILVA, Gabriela Mendes. OS DESAFIOS DA AJUDA HUMANITÁRIA INTERNACIONAL: A BUSCA PELA EQUIVALÊNCIA ENTRE O DIREITO DAS VÍTIMAS E OS DEVERES DOS ESTADOS. **Confluências | Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 21, n. 3, p. 20–44, 2 dez. 2019.

BRANCO, Carlos. As organizações inter-governamentais e as organizações não-governamentais na condução de operações humanitárias. 2007.

BROTMAN, Shari. **An Institutional Ethnography of Elder Care: Understanding Access From the Standpoint of Ethnic and “Racial” Minority Women**. Disponível em: <<https://www.collectionscanada.gc.ca/obj/s4/f2/dsk2/ftp03/NQ50005.pdf>>. Acesso em: 1 maio. 2025.

BUSSOTTI, Luca; MACAMO, Ernesto. A Cooperação Bilateral Brasil-Moçambique, com Enfoque Especial na Área da Defesa. **Cadernos de Estudos Africanos**, n. 36, 2018.

BY. **The end of AGOA**. Disponível em: <<https://africasacountry.com/2025/06/the-end-of-agoa>>. Acesso em: 1 jan. 2026.

Cadernos-da-Concertacao_Povos-Indigenas-Quilombolas-e-Comunidades-Tradicionalis. , [S.d.].

CAIXETA, Marina Bolfarine. A COOPERAÇÃO SUL-SUL: NOVOS REFERENCIAIS TEÓRICOS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS COMO CONTRIBUIÇÃO DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL. 2015.

CAIXETA, Marina Bolfarine; MENEZES, Roberto Goulart. Desafios atuais para a coopeação sul-sul: as desigualdades e o sul global. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, v. 10, n. 20, p. 486–518, 15 dez. 2021.

CAPES. **CAPESInternacionalizacao.pdf**. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10112017Edital412017InternacionalizacaoPrInt2.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2025.

CAPES. **Brasil - [1987 a 2012] Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, Dados das Teses e Dissertações da Pós-Graduação - Informação geral**. Disponível em: <<https://metadados.capes.gov.br/index.php/catalog/181>>. Acesso em: 1 maio. 2025.

CARDOSO, Gabriela. **Instituto de Ciências da Educação intensifica intercâmbios com países do Sul Global**. UFPA, 2025. Disponível em: <<https://ufpa.br/instituto-de-ciencias-da-educacao-intensifica-intercambios-com-paises-do-sul-global/>>. Acesso em: 7 jan. 2026

CBN. **Ciência e saberes tradicionais devem ser destaque na COP 30, diz reitor da UFPA**. Disponível em: <<https://cbn.globo.com/programas/jornal-da-cbn/entrevista/2025/08/29/ciencia-e-saberes-tradicionais-devem-ser-destaque-na-cop-30-diz-reitor-da-ufpa.ghml>>. Acesso em: 8 jan. 2026.

CÉSAR, Alexandre *et al.* A cooperação multilateral climática e a promoção da agenda da transição energética no Brasil The multilateral climate cooperation and the promotion of the energy transition agenda in Brazil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 54, p. 379, 26 nov. 2020.

CICV. **Sua doação significa um recomeço para as vítimas das guerras.** Disponível em: <<https://doe.cicv.org.br/salvar-vidas>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

CNRS. **Le CNRS renforce sa coopération scientifique avec l'Université Fédérale du Pará (UFPA) au cœur de l'Amazonie.** CNRS São Paulo, 10 nov. 2025. Disponível em: <<https://sao-paulo.office.cnrs.fr/elementor-18572/>>. Acesso em: 10 jan. 2026

COMERLATTO, Luciani Paz. **A gestão da educação no contexto da sociedade capitalista: A parceria público-privada.** Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/71281>>. Acesso em: 30 dez. 2025.

COMERLATTO, Luciani Paz. A gestão da educação no contexto da sociedade capitalista : a parceria público privado. 2013.

COMITÊ DE MÉTRICAS. **UFPA se consolida entre 15% das melhores universidades para o alcance dos ODS das Nações Unidas.** UFPA, 2025. Disponível em: <<https://ufpa.br/ufpa-se-consolida-entre-15-das-melhores-universidades-para-o-alcance-dos-ods-das-nacoes-unidas/>>. Acesso em: 7 jan. 2026

CONSEIL EUROPÉEN. **Types de sanctions adoptées par l'UE.** Disponível em: <<https://www.consilium.europa.eu/fr/policies/sanctions-different-types/>>. Acesso em: 1 jan. 2026.

COP30 UFPA, Movimento Ciência e Vozes da Amazônia na COP 30. **UFPA e Laurentian University fortalecem parceria para sustentabilidade e intercâmbio acadêmico.** UFPA, 2025. Disponível em: <<https://ufpa.br/ufpa-e-laurentian-university-fortalecem-parceria-para-sustentabilidade-e-intercambio-academico/>>. Acesso em: 7 jan. 2026

CORRÊA, Gabriela Tamiris Rosa. Centro, periferia ou semiperiferia nas cadeias globais de valor? As posições do Brasil e da China na economia-mundo contemporânea (2005-2015). **Quadrimestral**, v. 12, 2023.

CRACIUN, Daniela. National Policies for Higher Education Internationalization: A Global Comparative Perspective. *In: [S.l.: S.n.]*. p. 95–106.

CROCHET, Alain. Le concept de globalisation : mythes et réalités. *In: AZUELOS, Martine (Org.). Le modèle économique anglo-saxon à l'épreuve de la globalisation.* Monde anglophone. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 1996. p. 31–45.

CUSSON, Gabrielle. La coopération Sud-Sud au sein des BRICS ; un nouveau paradigme d'aide au développement? Le cas du Brésil en Mozambique. *In: CONGRÈS ANNUEL DE LA SOCIÉTÉ QUÉBÉCOISE DE SCIENCE POLITIQUE. Anais...* 20 maio 2015. Disponível em: <<https://orbi.uliege.be/handle/2268/181878>>. Acesso em: 5 abr. 2024

DANTAS, Aline Chianca. Cooperação Sul-Sul entre Brasil e China: uma análise das iniciativas em ciência, tecnologia e inovação. **Revista Tempo do Mundo (RTM): n. 31, abr. 2023**, n. 31, p. 257–283, 14 set. 2023.

DE BARROS, Deolindo; NOGUEIRA, Silvia Garcia. COOPERAÇÃO EDUCACIONAL INTERNACIONAL BRASIL/ÁFRICA: DO PROGRAMA ESTUDANTES-CONVÊNIO DE GRADUAÇÃO (PEC-G) À UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). v. 6, 2015.

DE FREITAS, Claudia M^a. ESTUDO DAS FONTES DE RECURSOS E DESPESAS POR CATEGORIAS ECONÔMICAS DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS. 2025.

DE KETELE, Jean-Marie; HUGONNIER, Bernard. Chapitre 1. Qu'est-ce que l'internationalisation ? Un réseau conceptuel à clarifier. *In: L'internationalisation de l'enseignement supérieur*. Pédagogies en développement. Louvain-la-Neuve: De Boeck Supérieur, 2020. p. 17–32.

DE WIT, Hans; DECA, Ligia; HUNTER, Fiona. Internationalization of Higher Education—What Can Research Add to the Policy Debate? [Overview Paper]. *In: CURAJ, Adrian et al. (Orgs.). The European Higher Education Area: Between Critical Reflections and Future Policies*. Cham: Springer International Publishing, 2015. p. 3–12.

DIAZ. **Pesquisadores da Embrapa iniciam projeto com Nigéria, Gana e Benin - Portal Embrapa**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/32791788/pesquisadores-da-embrapa-iniciam-projeto-com-nigeria-gana-e-benin>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

DINIZ COSTA, Eugenio. O Brasil e a MINUSTAH. **Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC-MG**, v. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC-MG, 2005.

ERLICH, Valérie; STEF, Jimmy. L'internationalisation de l'enseignement supérieur à Singapour : un modèle élitiste à la croisée des « mondes » ? **Lien social et Politiques**, n. 89, p. 107, 2022.

EVANGELISTA, Olinda; MORAES, Maria Célia Marcondes; SHIROMA, Eneida Oto. Política educacional. **Rio de Janeiro: DP&A**, 2002.

FAO. **Coopération Sud-Sud ou triangulaire en Afrique subsaharienne: l'action de la FAO**. [S.l.]: FAO, 16 jan. 2024. Disponível em: <<http://www.fao.org/documents/card/fr/c/cc1960fr>>. Acesso em: 5 jan. 2026.

FREIRE, Laura Lúcia Ramos. O Novo BRICS no Comércio Internacional: Um Enfoque no Brasil e no Nordeste. 2024.

GAMA, Sônia Maria Fonseca. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO TRÓPICO ÚMIDO. 2023.

GEVME. **The 3 Pillars Of Sustainability**. Gevme, 2 maio 2023. Disponível em: <<https://www.gevme.com/en/blog/the-three-pillars-of-sustainability/>>. Acesso em: 5 jan. 2026

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Disponível em: <<https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2025.

GRAMSCI, ANTONIO. **CONCEPÇÃO DIALETICA DA HISTÓRIA**. Disponível em: <<https://www.epedagogia.com.br/materialbibliotecaonline/3500Concepcao-Dialetica-da-Historia.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2025.

GUILHERME, Manuela; DIETZ, Gunther; SANTOS, Boaventura de Sousa. **Visualização de Da universidade à pluriversidade: Reflexões sobre o presente e o futuro do ensino superior**. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5388/3408>>. Acesso em: 29 dez. 2025.

GUY ROCHER, Rocher. **Guy Rocher, La mondialisation: un phénomène pluriel. Un article publié dans l'ouvrage sous la direction de Daniel Mercure, Une société-monde ? Les dynamiques sociales de la mondialisation**. Text. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/contemporains/rocher_guy/mondialisation_phenomene_pluriel/mondialisation_phenomene_pluriel_texte.html>. Acesso em: 11 maio. 2024.

HAFAMA. **Instituto Hounsou de Integração África-Amazônia**. Disponível em: <<https://institutohafama.org/>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

HANS DE WIT. **Hans de Wit - Lynch School of Education and Human Development**. Disponível em: <<https://www.bc.edu/bc-web/schools/lynch-school/faculty-research/faculty-directory/hans-dewit.html>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

HOFFMANN, Bruno. **Reitor da UFPA diz que o mundo precisa ouvir a Amazônia na COP30**. Disponível em: <<https://www.gazetasp.com.br/cotidiano/reitor-da-ufpa-exalta-uniao-de-saberes-cientificos-e-tradicionais-na/1166379/>>. Acesso em: 8 jan. 2026.

HOUNSOU. **dissert_ufpappgeduc_politicsoc_israelhounsou.pdf**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/17WtKhNXmPCtBzRfb5zy3G1OssMacuHb1/view?usp=embed_facebook>. Acesso em: 29 jun. 2024.

HUANG, Futao. **Internationalisation of Higher Education in the Era of Globalisation. Higher Education Management and Policy**, v. 19, p. 1–15, 31 maio 2007.

HUISMAN, Jeroen; WENDE, Marijk van der. **On cooperation and competition II: institutional responses to internationalisation, europeanisation and globalisation**. Bonn: Lemmens, 2005.

Impact Ranking. Disponível em: <<https://www.timeshighereducation.com/impactrankings>>. Acesso em: 7 jan. 2026.

INTERNACIONAIS, Secretaria de Relações. **Sobre a Cooperação Internacional. Secretaria de Relações Internacionais, [S.d.]**. Disponível em:

<<https://www.internacional.df.gov.br/sobre-a-cooperacao-internacional/>>. Acesso em: 9 jul. 2024

Internacionalização. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/internacionalizacao/>>. Acesso em: 10 maio. 2024.

IOSSA, Elisabetta; MARTIMORT, David; POUYET, Jérôme. Partenariats public-privé. Quelques réflexions. **Revue économique**, v. 59, n. 3, p. 437–449, 2008.

IPPOLITO, Alessandro; DJACTA, Djacta Samar. **ACADÉMIE SUR LA COOPÉRATION SUD-SUD ET TRIANGULAIRE: UN APERÇU DU TRAVAIL DÉCENT.** Disponível em: <https://www.ilo.org/sites/default/files/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@exrel/documents/publication/wcms_546269.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2025.

KNIGHT, Jane. **Internationalization: Elements and Checkpoints. CBIE Research No. 7** Canadian Bureau for International Education. [S.l.]: Canadian Bureau for International Education, 1994. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?id=ED549823>>. Acesso em: 22 maio. 2024.

KNOB. **Justiça Cognitiva - OPOCA.** , 6 abr. 2024. Disponível em: <<https://opoca.org/justica-cognitiva/>>. Acesso em: 26 jan. 2026

KOBIERECKI, Michał. Ping-Pong Diplomacy and its Legacy in the American Foreign Policy 1. **Polish Political Science Yearbook**, v. 45, p. 304–316, 12 dez. 2016.

KOSÍK, KAREL. *Dialética do Concreto.* 1995.

KRAYCNETE, Elsa Sousa; VITALE, Denise. **Cooperação internacional para o desenvolvimento: desafios do século XXI.** [S.l.]: Edufba, 2013.

LACERDA, Jan Marcel de Almeida Freitas. Política Internacional Contemporânea: Questões Estruturantes e Novos Olhares. **Portal de Livros da Editora**, v. 1, n. 21, p. 121–121, 18 dez. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LASSU USP. **Pilares da Sustentabilidade. LaSSu**, 25 out. 2016. Disponível em: <<https://www.lassu.usp.br/sustentabilidade/pilares-da-sustentabilidade/>>. Acesso em: 5 jan. 2026

LE MONDE, Diplomatie. **Coopération internationale.** Disponível em: <<https://www.monde-diplomatique.fr/index/sujet/cooperation>>. Acesso em: 11 jul. 2024.

LIMA, Vinicius Miguel Do Nascimento Rocha; NICÁCIO, Elda Bezerra Roque. O PRINCÍPIO DA RECIPROCIDADE E A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA NO PROCESSO DE EXTRADIÇÃO: LIMITES CONSTITUCIONAIS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS. **REVISTA FOCO**, v. 18, n. 11, p. e10368, 4 nov. 2025.

Língua fon. , 7 jun. 2025. (Nota técnica).

L'internationalisation de l'enseignement supérieur. : France Stratégie., 20 jun. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ape0x8dnO4o>>. Acesso em: 27 jun. 2024

LUXDEV. **Appui à la coopération Sud-Sud et triangulaire** | LuxDev. Disponível em: <<https://luxdev.lu/fr/projets/appui-la-cooperation-sud-sud-et-triangulaire>>. Acesso em: 5 jan. 2026.

MACEDO, Edmar. Dois manifestos: a fundação da IV Internacional e o manifesto comunista de Marx. [S.d.].

MARTINS, Raúl François. **GEOPOLÍTICA E GEOESTRATÉGIA - O Que São e Para Que Servem** -. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1585/1/NeD78_RaulFrancoisMartins.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2024.

MARX, Karl. **MARX-Karl.-Contribuição-à-Crítica-da-Economia-Política.** Disponível em: <<https://patrimonio.uff.br/wp-content/uploads/sites/435/2018/08/MARX-Karl.-Contribui%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-Cr%C3%ADtica-da-Economia-Pol%C3%ADtica.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2025.

MARX, Karl. **Trabalho-assalariado-e-capital.-In-Textos-volume-III.-São-Paulo-Edições-Sociais-1982-pp.-60-82.-1.** Disponível em: <<https://ppgad.uff.br/wp-content/uploads/sites/96/2023/11/MARX-Karl.-Trabalho-assalariado-e-capital.-In-Textos-volume-III.-Sa%C3%83o-Paulo-Edic%C3%A7%C3%A3o-Sociais-1982-pp.-60-82.-1.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2025.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; COSTA, Luiz C. de C. e. **A ideologia alemã.** 2a. ed., 2a. tir ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MASSON, Gisele. AS CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO MATERIALISTA HISTÓRICO E DIALÉTICO PARA A PESQUISA SOBRE POLÍTICAS EDUCACIONAIS. p. 4, 2012.

MAUÉS, Olgaíses Cabral; BASTOS, Robson dos Santos. Políticas de internacionalização da Educação Superior: o contexto brasileiro. **Educação**, v. 40, n. 3, p. 333–342, 31 dez. 2017.

MAUÉS, Olgaíses Cabral; GUIMARÃES, André Rodrigues. A Educação Superior na Esteira da Internacionalização. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE**, v. 35, n. 2, p. 307–307, 27 ago. 2019.

MEIRA VÉRAS, Renata. Etnografia institucional: conceito, usos e potencialidades em pesquisas no campo da Saúde. v. 1, n. Saúde&Transformação Social / Health&Social Change, v. 1, núm. 2, 2011, p. 58–66, 2011.

MESSERE, Mariana. A solidariedade revolucionária e internacional como ferramenta de libertação dos povos. **Revista Estudos do Sul Global**, v. 1, n. 1, 17 mar. 2021.

MICHEL, TEMER. **marco_legal_de_cti**. Disponível em: <https://antigo.mctic.gov.br/mctic/export/sites/institucional/arquivos/ASCOM_PUBLIC_ACOES/marco_legal_de_cti.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2025.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Acordo entre Brasil e Benin possibilita negociação de produtos de defesa**. Disponível em: <<https://www.gov.br/defesa/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/acordo-de-cooperacao-entre-brasil-e-benin-possibilita-negociacao-de-produtos-de-defesa>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

MORAES. **Pesquisas desenvolvidas no PCT Guamá se destacam pela inovação sustentável e inclusiva**. UFPA, 2024. Disponível em: <<https://ufpa.br/pesquisas-desenvolvidas-no-pct-guama-se-destacam-pela-inovacao-sustentavel-e-inclusiva/>>. Acesso em: 7 jan. 2026

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; RAMOS, Rosane Karl. MOBILIDADE EDUCACIONAL E A INTERNACIONALIZAÇÃO DOS ESTUDOS CURRICULARES. **Revista Teias**, v. 17, n. 45, p. 163–175, 12 abr. 2016.

MOROSINI, MARILIA. **Guia para a internacionalização universitária**. [S.l.]: Edipucrs, 2019.

MOROSINI, Marília Costa. Internacionalização na produção de conhecimento em IES Brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. **Educação em Revista**, v. 27, p. 93–112, abr. 2011.

MOURA, Felipe Alexandre. **PET-REL - Estados Unidos versus a nova lei anti-gay de Uganda: o dilema da promoção dos direitos queer na África**. Disponível em: <<https://petrel.unb.br/destaques/202-estados-unidos-versus-a-nova-lei-anti-gay-de-uganda-o-dilema-da-promocao-dos-direitos-queer-na-africa>>. Acesso em: 1 jan. 2026.

MSF. **Make and Impact**. Disponível em: <https://action.msf.ca/site/Donation2?df_id=5320&mfc_pref=T&5320.donation=form1&s_locale=en_CA>. Acesso em: 30 jul. 2024.

MUAMUNUNGA, Aleixo *et al.* INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL E ANGOLA: UMA REVISÃO DE LITERATURA. **Contrapontos**, v. 25, n. 1, p. 1–16, jan. 2025.

MUNHOZ, Sidnei José; ROLLO, José Henrique. DÉTENTE E DÉTENTES NA ÉPOCA DA GUERRA FRIA (DÉCADAS DE 1960 E 1970). **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 21, n. 32, p. 138–158, 27 dez. 2014.

NATIONS UNIES, United. **Qu'est-ce que la coopération Sud-Sud et pourquoi est-ce important ? | Nations Unies**. Disponível em: <<https://www.un.org/fr/desa/south-south-cooperation-2019>>. Acesso em: 5 jan. 2026.

NATIONS, United. **La coopération Sud-Sud est essentielle à la réalisation des objectifs de développement durable | Nations Unies**. Disponível em: <<https://www.un.org/fr/chronique-onu/la-coop%C3%A9ration-sud-sud-est-essentielle-%C3%A0-la-r%C3%A9alisation-des-objectifs-de-d%C3%A9veloppement>>. Acesso em: 4 jan. 2026.

NATIONS, United. **La coopération Sud-Sud, moteur puissant pour la réalisation des Objectifs de développement durable | Nations Unies**. Disponível em: <<https://www.un.org/fr/desa/south-south-cooperation-3>>. Acesso em: 4 jan. 2026.

NETO, Walter Antonio Desiderá. A TRANSIÇÃO DE PODER NA DÉCADA QUE SE INICIA. 2012.

OCDE. **Qualité et internationalisation de l'enseignement supérieur**. [S.l.]: OECD, 1999.

ONU BRASIL. **Cooperação Sul-Sul reduz desigualdade social no Brasil | As Nações Unidas no Brasil**. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/57348-coopera%C3%A7%C3%A3o-sul-sul-reduz-desigualdade-social-no-brasil>>. Acesso em: 5 jan. 2026.

PATRÍCIA, Ferreira. COOPERAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO. 2014.

PAULA, Erico Lopes Pinheiro de *et al.* Panorama dos discursos sobre inovação e desenvolvimento no campo acadêmico: o debate do Marco Legal de Ciência e Tecnologia e Inovação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 30, 2025.

PAULO NETTO, JOSÉ. **Introdução ao estudo do método de Marx**. [S.l.]: Expressão Popular, 2011.

PAZARBASIOGLU, Ramakrishnan. **Um novo fundo fiduciário para ajudar os países a aumentar a resiliência e a sustentabilidade**. Disponível em: <<https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2022/01/20/blog012022-a-new-trust-to-help-countries-build-resilience-and-sustainability>>. Acesso em: 11 jul. 2024.

PDF. , [S.d.]. Disponível em: <https://www.portal.ufpa.br/images/docs/PDI_2016-2025.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2025a

PDF. , [S.d.]. Disponível em: <<https://editora.pucrs.br/download/livros/1383.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2024b

PDI - UFPA. **PDI_2016-2025**. Disponível em: <https://www.portal.ufpa.br/images/docs/PDI_2016-2025.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2025.

PDU-UFPA. **PDU_PROINTER_2019-2022**. Disponível em: <https://prointer.ufpa.br/images/PDU_PROINTER_2019-2022.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2025.

PICALHO, Antonio Carlos; FADEL, Luciane Maria; GONÇALVES, Alexandre Leopoldo. Expressões de busca e o uso de diferentes operadores avançados de pesquisa em um mecanismo de busca. **Texto Livre**, v. 16, p. e47531, 12 jan. 2024.

PINO, Bruno Ayllón. Transformações globais, potências emergentes e Cooperação Sul-Sul: desafios para a cooperação europeia. **Caderno CRH**, v. 25, p. 233–249, ago. 2012.

PNE - Plano Nacional de Educação - Plano Nacional de Educação - Lei nº 13.005/2014. Disponível em: <<https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de->

educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 14 abr. 2025.

POURCELOT, Charlotte. L'internationalisation de l'enseignement supérieur : le meilleur des mondes? par Laurent Cosnefroy, Jean-Marie De Ketele, Bernard Hugonnier, Philippe Parmentier, Donatella Palomba et Stamenka Uvalic-Trumbic. **Revue internationale de pédagogie de l'enseignement supérieur**, v. 37, n. 2, 15 mar. 2021.

PRADO, Henrique Sartori de Almeida. A cooperação descentralizada e a política para a fronteira no Brasil. 1 jan. 2020.

PROINTER UFPA. **Programa de Reciprocidade para Estrangeiros Bolsa Colômbia 2022-1**. Disponível em:

<https://www.prointer.ufpa.br/index.php?option=com_content&view=article&id=613&catid=17&lang=pt-br&Itemid=121>. Acesso em: 7 jan. 2026.

PROINTER UFPA. **PROINTER/UFPA amplia oportunidades de cooperação com a Índia por meio de missão acadêmica ao país**. Disponível em:

<https://www.prointer.ufpa.br/index.php?option=com_content&view=article&id=963&catid=17&lang=pt-br&Itemid=121>. Acesso em: 7 jan. 2026.

PROPLAN. **Power BI Report**. Disponível em:

<<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiNmFmZjZjZjU0NTE0ZS00YzYxLWI3ZDQ0NjhmYzYzMDI0MDJmIiwidCI6IjYk4ZDM1NmYyLWQzMmEtNDc0Ni04ZmNkLTJhNzY5ZDZlMWE5NSJ9>>. Acesso em: 7 jan. 2026.

PROPLAN. **UFPA em Números**. Disponível em: <<https://ufpanumeros.ufpa.br/v2/>>. Acesso em: 9 jan. 2026.

REATO, Talissa Truccolo; CALGARO, Cleide. A IMPORTAÇÃO DE TEORIAS EURO-AMERICANAS NO DIREITO BRASILEIRO COMO REVÉS AO PROJETO EMANCIPADOR DO PLURALISMO JURÍDICO PRESENTE NO CONSTITUCIONALISMO LATINO AMERICANO. **Revista de Direito Brasileira | Florianópolis, SC | v. 28 | n. 11 | p.34-47 | Jan./Abr. 2021**, Revista de Direito Brasileira. 2021.

RIBEIRO, Sarah Helena Ballin. A ATUAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS NÃO GOVERNAMENTAIS EM LOCAIS DE CONFLITO: A CRUZ VERMELHA E OS MÉDICOS SEM FRONTEIRAS NA GUERRA DO IÊMEN. 2020.

RIZZO, Aline Duarte da Graça. História Global e a Cooperação Sul-Sul: uma agenda de pesquisa. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 28, n. 48, p. 290–307, 12 ago. 2021.

SARDENBERG, Ronaldo Mota. Brasil, política multilateral e Nações Unidas. **Estudos Avançados**, v. 19, p. 347–367, abr. 2005.

SARMENTO, Joaquim Miranda. **Parcerias Público-Privadas**. [S.l.]: Fundação Francisco Manuel Dos Santos, 2016.

SAVIANI, Dermeval; NEWTON, Duarte. **Pedagogia Histórico-Crítica e Luta de Classes na Educação Escolar (Dermeval Saviani e Newton Duarte) (Z-Library).**

Disponível em:

<https://grupos.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1607129/mod_resource/content/1/Pedagogia%20Hist%C3%B3rico-Cr%C3%ADtica%20e%20Luta%20de%20Classes%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Escolar%20%28Dermeval%20Saviani%20e%20Newton%20Duarte%29%20%28Z-Library%29.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SEC, geral. **COOPERAÇÃO INTERNACIONAL | Secretaria-Geral da Educação e Ciência.** Disponível em: <<https://www.sec-geral.mec.pt/pt-pt/pagina/cooperacao-internacional>>. Acesso em: 9 jul. 2024.

SHIROMA, Eneida Oto; EVANGELISTA, Olinda. **FORMAÇÃO HUMANA OU PRODUÇÃO DE RESULTADOS? TRABALHO DOCENTE NA ENCRUZILHADA. Revista Contemporânea de Educação**, v. 10, n. 20, p. 314 a 341–314 341, 17 dez. 2015.

SILVA, Gilmar Perreira da. **Universidades amazônicas e saberes tradicionais dominam debate por uma transição climática justa na COP 30 – UFPA.** Disponível em: <<https://ufpa.br/universidades-amazonicas-e-saberes-tradicionais-dominam-debate-por-uma-transicao-climatica-justa-na-cop-30/>>. Acesso em: 8 jan. 2026.

SILVA, Louise de Quadros da *et al.* Políticas internas de internacionalização do ensino superior: Um desafio à universidade contemporânea. **Educação**, v. 44, n. 1, p. e33068–e33068, 21 jun. 2021.

SILVA, Janainna Barbosa; PASQUALETTO, Antônio. O Desenvolvimento Sustentável sob a ótica dos Pilares: ambiental social e economico. **Revista Estudos - Revista de Ciências Ambientais e Saúde (EVS)**, v. 41, p. 107–118, 2014.

SILVA JÚNIOR, Carlos Alberto Saldanha da. **A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS DE FORMAÇÃO E VALORIZAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: um estudo da relação entre as macroestratégias educacionais do OREALC/UNESCO e a política nacional de formação dos profissionais da educação do Brasil.** Disponível em: <https://ppgedufpa.com.br/arquivos/File/202406_1.PDF>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SILVA, Marco André Reis. **As Competências Transversais dos Profissionais de Recursos Humanos Requeridas em Organizações Intergovernamentais - ProQuest.** <https://www.proquest.com/openview/e562a121bad1ecf711dc2bbcf8a7ae3/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Disponível em: <<https://www.proquest.com/openview/e562a121bad1ecf711dc2bbcf8a7ae3/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

SLAUGHTER, Anne-Marie. **A New World Order | Princeton University Press.** Disponível em: <<https://press.princeton.edu/books/paperback/9780691123974/a-new-world-order>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

SMITH, Dorothy E. *Institutional Ethnography: A Sociology For People.* 2005.

SOUZA, Juliana De Fátima; COSSA, José; RODRIGUES, Cibele Maria Lima. COOPERAÇÃO CIENTÍFICA NO SUL GLOBAL: POR UMA OUTRA INTERNACIONALIZAÇÃO. **Revista Inter-Ação**, v. 49, n. 2, p. 968–984, 3 set. 2024.

SOUZA, Valdinei Costa. Qualidade na educação superior: uma visão operacional do conceito. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 22, n. 2, p. 332–357, ago. 2017.

STRACHAN, Hew. Les armées européennes ne peuvent-elles mener que des guerres limitées ? **Politique étrangère**, v. Eté, n. 2, p. 305–317, 2011.

TÁLAMO, José Roberto; CARVALHO, Marly Monteiro de. Redes de cooperação com foco em inovação: um estudo exploratório. **Gestão & Produção**, v. 17, p. 747–760, dez. 2010.

THALHEIMER, August. INTRODUÇÃO AO MATERIALISMO DIALÉTICO. 2014.

THE. **World University Rankings 2026**. Disponível em: <<https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/latest/world-ranking>>. Acesso em: 9 jan. 2026.

THE REALITY OF AID. **La copération Sud-Sud, un défi pour le système de l'aide?: rapport spécial sur la coopération Sud-Sud 2010**. Quezon City, Philippines: Ibon Books, 2010.

TOMAZINI, Rosana Correa. Cooperação Internacional para o Desenvolvimento e Cooperação Sul-Sul: uma análise comparativa de seus princípios e desafios de gestão. **Carta Internacional**, v. 12, n. 1, p. 28–48, 30 abr. 2017.

TOMÉ, Luís L. Novo Recorte Geopolítico Mundial: p. 6, 2003.

TOURINHO, Emmanuel Zagury. **UFPA emite nota sobre o bloqueio no orçamento das universidades federais**. UFPA, 2022. Disponível em: <<https://ufpa.br/ufpa-emite-nota-sobre-o-bloqueio-no-orcamento-das-universidades-federais/>>. Acesso em: 7 jan. 2026

TOURINHO, Emmanuel Zagury. **PORTARIA 1553 2024**. Disponível em: <<https://proad.ufpa.br/documentos/Atos-Normativos/2024/Portaria-1553-2024.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2026.

TOUSCOZ, Jean. Les diverses formes de la coopération Est-Ouest en Europe. **Études internationales**, v. 4, n. 3, p. 235, 1973.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

UFPA EM NÚMEROS. UFPA 2023 EM NÚMERO. ANO DE BASE 2022. 2023.

UN. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável | As Nações Unidas no Brasil**. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

UNCTAP. **Norte global**, 23 maio 2025. (Nota técnica).

UNESCO. **Educação superior: reforma, mudança e internacionalização; anais - UNESCO Bibliothèque Numérique**. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133972>>. Acesso em: 23 maio. 2024.

UNESCO. **Global Education Monitoring Report 2023 - Österreichische UNESCO-Kommission**. Disponível em: <<https://www.unesco.at/en/education/education-2030/global-education-monitoring-gem-report/gem23>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

UNIÃO EUROPEIA. **Desenvolvimento sustentável - EUR-Lex**. Disponível em: <<https://eur-lex.europa.eu/PT/legal-content/glossary/sustainable-development.html>>. Acesso em: 5 jan. 2026.

VAN DER WENDE, M. Internationalization of Higher Education. In: PETERSON, Penelope; BAKER, Eva; MCGAW, Barry (Orgs.). **International Encyclopedia of Education (Third Edition)**. Oxford: Elsevier, 2010. p. 540–545.

VARANDAS, Carina Fonseca. **Ajuda Pública ao Desenvolvimento: Portugal e as ex-colônias**. 2018.

VARGAS, Everton Vieira. **Brasil-Alemanha: uma parceria para ousar**. 2011.

VELASCO E CRUZ, Sebastião C. **EVOLUÇÃO GEOPOLÍTICA: CENÁRIOS E PERSPECTIVAS**. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1570/1/td_1611.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2024.

WAISBORD, Silvio. ¿Cómo enfrentar las desigualdades de la academia global en los estudios de comunicación?: colaboración, crítica y curiosidad. **MATRIZes**, v. 17, n. 3, p. 295–315, 28 dez. 2023.

WU, Hantian. China's Outward-Oriented Higher Education Internationalization: An Introduction. In: WU, Hantian (Org.). **China's Outward-Oriented Higher Education Internationalization: A New Typology and Reflections from International Students**. Singapore: Springer, 2021. p. 1–6.

XAVIER, Kimberlly Eduarda Dantas. **DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO NOVO BANCO DE DESENVOLVIMENTO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE POSSE PRESIDENCIAL DE DILMA ROUSSEFF NO NBD**. v. 1, 2024.